



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE
NACIONAL - PROFLETRAS**

JOSELICE PEREIRA DOS SANTOS

**O *SLAM* NO ENSINO FUNDAMENTAL NUMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE
SÍTIO NOVO DO TOCANTINS**

ARAGUAÍNA – TO

2021

JOSELICE PEREIRA DOS SANTOS

**O *SLAM* NO ENSINO FUNDAMENTAL NUMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE
SÍTIO NOVO DO TOCANTINS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (ProfLetras), na Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Araguaína, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Profa. Dra. Eliane Cristina Testa.

ARAGUAÍNA –TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S237s SANTOS, JOSELICE PEREIRA.

O SLAM NO ENSINO FUNDAMENTAL NUMA ESCOLA DO
MUNICÍPIO DE SÍTIO NOVO DO TOCANTINS . / JOSELICE PEREIRA
SANTOS. – Araguaína, TO, 2021.

109 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado)
em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2021.

Orientador: Eliane Cristina Testa TESTA

1. Slam. 2. Leitura e Performance. 3. Produção de Poesia. 4. Letramento
literário. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**



JOSELICE PEREIRA DOS SANTOS

**O *SLAM* NO ENSINO FUNDAMENTAL NUMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE
SÍTIO NOVO DO TOCANTINS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (ProfLetras), da Universidade Federal do Tocantins, avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela Banca Examinadora

Data de aprovação: 30/03/2021

Banca Examinadora

Eliane Testa

Profa. Dra. Eliane Cristina Testa
Orientadora e Presidente da banca UFT/ PPGL

P/ Eliane Testa

Prof. Dr. Rubens Martins da Silva – UNITINS
Examinador externo

P/ Eliane Testa

Prof. Dr. Rodrigo Poreli Moura Bueno - PPG – UFT
Examinador interna UFT/ PPGL

Dedico este trabalho, de modo especial, à minha mãe, Maria Isvalda, que sempre, em sintonia com Deus, ora a Ele por mim em todos os momentos, fortalecendo meu desejo de prosseguir sempre nesta caminhada rumo ao conhecimento. A meu pai, Sebastião, que mesmo sem muitas palavras, mas com um brilho no olhar, me encoraja a vencer todos os obstáculos que se apresentam no meu caminho. Tanto quanto especiais, dedico também aos meus filhos, Leo John e John Lennon, pelo apoio, carinho e reconhecimento que alimentam o meu desejo de escalar cada vez mais alto os degraus que me levam à aprendizagem de um novo jeito de ser, melhorando minha *performance* como educadora, como pessoa, como mulher, como mãe. Assim, sinto-me plenamente fortalecida diante dos desafios que a vida me apresenta, pois sei que tenho pessoas que me amam e me desejam sempre o bem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, dono de mim. Sem Ele, nunca teria forças para seguir adiante vencendo todos os obstáculos.

Agradeço, carinhosamente, às minhas colegas de profissão coordenadoras pedagógicas do Colégio M. R. Júnior e nossa diretora Suely Araújo, que compreenderam minha necessidade de aperfeiçoamento no mestrado e ministraram minhas aulas durante minha ausência enquanto eu estava realizando meu grande sonho de ser mestra para construir mais conhecimentos e favorecer aos nossos alunos o alcance de novas aprendizagens, bem como possibilidades de uma vida melhor.

Aos meus queridos alunos da turma do oitavo ano, que tão bem acolheram, participaram e contribuíram para que as atividades fossem realizadas de forma bem dinâmica e promissora.

À Eliane Cristina Testa, minha orientadora, por sua dedicação, disponibilidade, paciência e por me proporcionar uma nova fonte de aprendizagem por meio da literatura com poesias *slam*. Certamente, a partir dessa formação, posso construir e ensinar novos conhecimentos acerca da performance leitora e do letramento literário.

À minha companheira de curso e amiga fiel, Elitânia, que sempre ouviu meus queixumes com paciência e me apoiou em todos os momentos de crise durante a produção deste texto.

À poeta Juliane Sousa, por participar das nossas oficinas literárias com suas declamações performáticas atraindo a atenção dos nossos alunos participantes e encorajando-os a ler, declamar e escrever poesias.

Agradeço, orgulhosamente, às mentes brilhantes (professores e professoras) da UFT, que me proporcionaram inesquecíveis momentos de aprendizagem: Selma Abalda, João de Deus Leite, Ana Crélia Dias, Luiz Roberto Peel, Francisco Edvigés, Márcia Araújo e Eliane Cristina Testa. Todas estas pessoas sempre farão parte de minha história, pois me fizeram ver e viver uma nova fase nas práticas pedagógicas na sala de aula com a disciplina de Língua Portuguesa.

À humanidade de Luísa Helena, coordenadora do curso, e às atitudes angelicais de Alessandra. Sem elas, muitas coisas teriam sido extremamente difíceis. Além de excelentes profissionais, também cativam cada estudante que frequenta a UFT, campus de Araguaína, deixando assim um legado de esperança que nos transformam em pessoas melhores.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Antônio Candido (1995, p. 174)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a importância da poesia falada no estilo *slam*, para o fortalecimento do ensino de poesia no Ensino Fundamental, de uma turma do 8º ano, do Colégio Estadual Marechal Ribas Júnior, no município de Sítio Novo do Tocantins – TO. Pontuamos aqui o porquê da escolha da turma em questão: um terço dos alunos está com distorção idade/série, ou seja, dois anos abaixo do esperado. Os mesmos apresentam problemas de leitura, e assim acabam adotando o silêncio como forma de esconder seus anseios, suas dificuldades, e sendo o *slam* um estilo de poesia que vivencia cenas plurais periféricas no qual grande parte dos poetas, os *slammers* são jovens mulheres negras comumente silenciadas pela sociedade hegemônica e que buscam por meio de suas diferentes vozes conquistar um espaço, adotamos este estilo de poesia para trabalhar com os jovens estudantes, despertando nos mesmos o grande potencial que estava adormecido dentro de si. Para tanto, adotamos como metodologia a sequência básica do letramento literário adaptada a realidade dos alunos e a nossa prática docente. Este trabalho destaca a pesquisa-ação qualitativa, de caráter intervencionista e análise hermenêutica. Como fundamentação teórica utilizamos Thiollent (2011) para conhecer os procedimentos da pesquisa-ação; nas bases teórico-analíticas do letramento literário, a partir de Cosson (2018); no debate sobre a leitura e *performance*, Zumthor (1997, 2005, 2018), e na perspectiva conceitual de literatura, Candido (1995) nas cenas plurais de periferia, Dalcastagné (2018). Além disso, utilizamos ideias e reflexões sobre a resistência do feminismo negro de Estrela D'alva (2009,2011), Duarte e Evaristo (2019) e Ribeiro (2018) A partir das diferentes ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, com a utilização do poema *Slam* evidenciamos o fortalecimento do letramento literário dos estudantes, que foi potencializado pelas leituras performáticas e a produção de poema, que se deram de forma criativa, crítica e reflexiva. Assim, os alunos puderam se aprofundar na vivência poética desse novo universo literário do *slam*.

Palavras-chave: *Slam*. Leitura. *Performance*. Produção de Poesia. Letramento literário

ABSTRACT

This paper aims to discuss the importance of poetry spoken in the slam style, to strengthen the teaching of poetry in elementary school, from a class of 8th grade, from Colégio Estadual Marechal Ribas Júnior, in the municipality of Sítio Novo do Tocantins -TO. We pointed out here the reason for choosing the class in question: a third of the students have an age / grade distortion, that is, two years below expectations. They have reading problems, so they end up adopting silence as a way of hiding their desires, their difficulties, and being slam a style of poetry that experiences peripheral plural scenes in which most of the poets, slammers are young black women commonly silenced by hegemonic society and seeking through their different voices to conquer a space, we adopted this style of poetry to work with young students, awakening in them the great potential that was dormant within them. For that, we adopted as methodology the basic sequence of literary literacy adapted to the reality of the students and our teaching practice. This work highlights qualitative action research, of an interventionist nature and hermeneutic analysis. As a theoretical basis we used Thiollent (2011) to know the action research procedures; on the theoretical-analytical bases of literary literacy, from Cosson (2018); in the debate about reading and performance, Zumthor (1997, 2005, 2018), and in the conceptual perspective of literature, Candido (1995) in the plural scenes of the periphery, Dalcastagné (2018). In addition, we used ideas and reflections on the resistance of black feminism by Estrela D'alva (2009,2011), Duarte and Evaristo (2019) and Ribeiro (2018) From the different pedagogical actions developed in the classroom, using from the poem Slam, we highlight the strengthening of students' literary literacy, which was enhanced by performance readings and the production of poems, which took place in a creative, critical and reflective way. Thus, students were able to deepen the poetic experience of this new literary universe of slam.

Keywords: Slam. Reading. *Performance*. Poetry production. Literary literacy

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

UFT	Universidade Federal do Tocantins
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei das Diretrizes e Bases da Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ZAP	Zona Autônoma da Palavra
FLIP	Feira Literária de Parati
FPA	Fundação Perseu Abramo
PCN	Parâmetros Curriculares Nacional
OLS	Oficinas Literárias <i>Slam</i>
DCT	Documentos Curriculares do Tocantins
LGBT	Lésbicas. Gays. Bissexuais. Transgêneros
PUC	Pontifícia Universidade católica de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo
PPP	Projeto Político Pedagógico
PEA	Projeto de Ensino e Aprendizagem
PDE	Projeto de Desenvolvimento da Escola

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa do Brasil: regiões representadas por mulheres negras <i>Slammers</i>	45
Figura 2- Resultados de diagnósticos realizado com a turma (8º ano) em pesquisa.....	55
Figura 3- Resultados de diagnósticos realizado com a turma (8º ano) em pesquisa.....	56
Figura 4- Resultados de diagnósticos realizado com a turma (8º ano) em pesquisa.....	57
Figura 5- A obra poética.....	67
Figura 6- Produção de poemas.....	87
Figura 7- Produção de poemas.....	87
Figura 8- Produção de poemas.....	88
Figura 9- Produção de poemas.....	88
Figura 10- Produção de poemas.....	89
Figura 11- Produção de poemas.....	89
Figura 12- Produção de poemas.....	89
Figura 13- Produção de poemas	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Expectativas de aprendizagem nas oficinas literárias	69
Quadro 2- Primeira oficina literária	71
Quadro 3- Segunda oficina literária	75
Quadro 4- Terceira oficina literária	78
Quadro 5- Quarta oficina literária	79
Quadro 6- Quinta oficina literária	83
Quadro 7- Sexta oficina literária(culminância)	86

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1 SLAM: AS VOZES (RE)EXISTENTES QUE SE LEVANTAM DAS MARGENS	22
1.1 As batalhas <i>Poetry Slam</i> : uma celebração da fala	30
1.2 A força e a voz de mulheres negras representantes do <i>slam</i> no Brasil	32
2 DESCRIÇÃO DA ESCOLA CAMPO DE PESQUISA	51
2.1 Caracterização da turma	53
2.2 Itinerário metodológico	58
2.3 A sequência básica do letramento literário	61
3 ANÁLISE DAS OFICINAS LITERÁRIAS COM POESIAS <i>SLAM</i>	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE 1 QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DIRECIONADO AOS PARTICIPANTES	102
APÊNDICE 2 CONVITE AOS ALUNOS	104
ANEXO POEMAS LIDOS COLETIVAMENTE	105

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo dos meus cinquenta anos de idade, vejo-me, física e espiritualmente, envolvida nesse legado humanizador da literatura que Candido (1995) convoca e defende, curando-me de uma grave miopia literária que se estendeu por décadas, até descobrir que, além de humanizar, ela também nos salva e salva também a outras pessoas a quem queremos resgatar de uma solidão que as tornam fracas, impotentes. A leitura literária nos salva do fundo do poço e nos leva a construir mundos, às vezes, jamais imaginados, mas que se desenham frente ao texto literário, despertando até mesmo pessoas que vivem no silenciamento das suas emoções, das suas inquietações. O autor fala de uma literatura numa perspectiva humana, que, como um direito humano e um bem social, deve ser garantido, pois estaria ela acima do bem e/ou do mal, fazendo-nos viver de outros modos a “realidade” cheia de contradições que nos circunda.

Sempre fiz uso da leitura literária para refletir sobre meu comportamento (e de outras pessoas também), para expressar meus sentimentos, defender meu ponto de vista em relação às situações que exigem minha opinião e, também, me permitir viver a história do outro. Lembro-me ainda do meu primeiro contato com a literatura, quando criança. Morávamos na zona rural, mais especificamente dentro da mata, e o único material escrito que tínhamos em casa era os folhetos de literatura de cordel que meu pai, uma vez por ano, comprava numa feira e trazia para mamãe ler para a gente (meus irmãos e irmãs) em noites de lua cheia e à luz de lamparina¹. À noitinha, durante a leitura daquelas histórias, sentia-me transportada para outros mundos, onde fiz companhia para Alzira, sem ficar com medo dos leões, abandonada naquela ilha, quando ficava rezando e torcendo para a coitada não ser atacada; torcia pelo amor de Creusa e Evangelista fugindo do conde, alçando voo no Pavão misterioso; e feliz fiquei quando o velho conde morreu.

Assim, a leitura literária que minha mãe fazia servia de alimento para minha vida naquela terra, onde cavávamos o chão para plantar e colher nossos alimentos de cada dia. Eu nem via o tempo passar, já que vivia nos mundos de Alzira e de Creusa. Por meio da leitura, era como se aquela realidade ficcional se materializasse em um mundo paralelo ao meu. O que eu não sabia era que realmente acontecia, em outro contexto, mas no meu próprio mundo.

Anos mais tarde, quando tive acesso à escola, já sabendo ler, pois minha mãe me ensinara nos finais de semana e nas noites sem lua, à luz de lamparina, minha professora (3ª

¹ Lamparina é um tipo de dispositivo de iluminação que usa querosene.

série) escreveu no quadro negro um texto que até hoje guardo para a vida, na minha memória: “Quem me compra um jardim com flores?”. Eu, adolescente, me fiz dona daquele belo jardim, mas, ao contrário do eu-lírico, não queria vendê-lo, pois era muito lindo. Queria morar naquele pedaço de mundo e fazer companhia para todos os seres cheios de vida e cores que lá moravam. Dessa forma, convivendo com a literatura de modo fragmentado, mas que sempre preencheu e até hoje preenche muitas lacunas na minha vida, apropriei-me dessa linguagem literária para, assim como Miguelim², ver o mundo com mais nuances, mais vida, mais beleza, com mais leveza, e, por meio dela, sobreviver frente ao caos quando me deparava (e ainda deparo) com ele.

Encontrei fuga nos mundos de Alzira e Creusa, mergulhei de ponta cabeça na ficção que me fazia tão bem, mas me sentia um pouco inerte, sem potencial para reagir e intervir sobre a vida sofrida daquelas mulheres. Hoje, porém, conhecendo a poesia *slam* na voz de mulheres negras, que representam cenas plurais periféricas, permito-me revelar aquilo que a miopia não me permitia ver: a literatura. Acima de pura ficção, cedeu lugar a “olhos de lince”, e, enfim, pude enxergar além do óbvio, olhar com amplitude que os sentimentos que essas vozes gritam precisam ser ouvidos, compartilhados e replicados, pois são apelos à igualdade social, ao respeito e à tolerância.

Essa vertente literária me impulsionou a sair do meu “condomínio mental”, como diz o professor Moran (2021), levando-me a refletir e, ao mesmo tempo, intervir diante das problemáticas cotidianas que se apresentam em forma de poesia. A literatura, além de ampliar minha visão de mundo, tornou-se minha cúmplice nos poemas e nas histórias que eu leio e escrevo. Por meio de simples palavras, mas carregadas de emoções e sentimentos, ora felizes - quando a equação dois e dois = quatro³ revela que vida vale a pena, embora haja restrições -, ora desesperadores, quando a pedra do caminho fica difícil de remover, essa linguagem, na verdade, nunca falha.

Como professora alfabetizadora por 15 anos nas séries iniciais, sempre atraí a atenção dos meus alunos por meio das narrativas de histórias (lendas urbanas, planejadas mentalmente durante as noites e oralizadas no dia seguinte para recepcionar meus alunos, mas, também, para acalmar uma situação de conflitos entre eles, de vez em quando). As narrativas eram um calmante, visto que não se ouvia um ruído na sala, a não ser minha voz e meu corpo apresentando aqueles personagens que povoam minha imaginação. Nunca as escrevi, para não ficarem envelhecendo, adormecidas nas velhas gavetas do meu armário, mas continuam vivas,

² Personagem de uma novela Campo Geral, de Guimarães Rosa (1964).

³ Poema de Ferreira Gullar.

desbravando as imaginações dos meus alunos, que por sua vez contam aos seus filhos. Assim, passaram a morar, também, na mente daquelas crianças, que saíam contando uma para as outras as minhas invenções urbanas, até ficarem mais adultos, anos mais tarde, já no ensino médio. Percebendo a presença da ficção bem acentuada nas narrativas, ainda pediam para eu recontá-las, e o efeito era o mesmo de oito ou nove anos atrás, ou seja, a literatura encanta a quem a ela se afeiçoa.

Além disso, ao narrar os clássicos da literatura infantil, também em voz alta, a atenção e a curiosidade dos adolescentes estudantes também eram as mesmas, pois sempre dramatizávamos o texto literário no pátio da escola para as outras turmas. Tudo era encantador, engraçado, pois as outras crianças pareciam realmente estar vivendo a história. Os estudantes ficavam muito entusiasmados, querendo saber qual seria nossa próxima história. Na declamação de poemas infantil e juvenil, também em voz alta e performática, eu transportava-os para o mundo mágico da literatura por meio da poesia, com a beleza sonora e metafórica dos versos, envolvendo-os por causa da *performance* leitora pela qual eu me expressava.

Voluntariamente, pediam também para declamar, quando, então, se formavam grupos de leitura e cada um deixava a poesia dançar no ar. O próximo grupo, contagiado, tentava sempre fazer melhor! Foram tempos maravilhosos, mas, agora, descobri por que o texto estético causava e causa esse efeito sonhador na gente - a literatura é, simplesmente, humanizante:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática (CANDIDO, 1995, p. 175).

Empoderada pela certeza do autor, sempre carrego comigo a necessidade de aliviar as tensões dos meus alunos nas salas de aula por meio das leituras literárias. Quando não temos acesso às narrativas, eu as invento e reinvento, se preciso for, mas não permito que a literatura fique adormecida, uma vez que, como humanizadora, precisamos dela para sobreviver.

Atualmente, nas séries finais, ainda leio com e para meus alunos. Geralmente, no início da aula, acolho-os com poemas ou uma breve narrativa. Outras vezes, elegemos um dia da semana para as leituras de obras infantil e juvenil, quando, ao terminar leitura, cada um socializa sobre a história, relatando o que mais prendeu a sua atenção no texto. A partir da minha mediação, passamos a contextualizar o tema abordado pelos estudantes, embora seja bem diferente do tempo que tínhamos nas séries iniciais, quando eu era a professora regente

durante as 4h/ aulas, todos os dias. Nas séries finais, essas leituras ficam fragmentadas, pois o tempo foi pouco, ficando a sequência do trabalho com o literário para as próximas aulas. Porém, mesmo assim, não o deixamos de lado, e reiniciamos a leitura, aos poucos aprendendo sobre a vida, nos humanizando, usufruindo de nossos direitos como leitores.

A literatura, desde criança, sempre me afetou e hoje me afeta e encanta mais fortemente, principalmente, como mestranda do ProfLetras, (UFT/ campus de Araguaína), e na formação que obtive das aulas de literatura ministradas pelas professoras Eliane Testa e Ana Crélia Dias, que são duas professoras que vivem o ensino de literatura com bastante paixão e dedicação. Nessas aulas, conheci e passei a apreciar um estilo de poesia no qual a mulher negra tem sua efetiva participação: o *slam*. Assim, a palavra por meio do *slam* parece ecoar nas periferias, nas ruas, nos livros e nas redes sociais. Mas também pode adentrar as escolas, permeando tantas vidas porque, como diz Cândido (1995, p. 175), atua no “subconsciente e no inconsciente”. Vejamos o que defende o autor:

Podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CANDIDO, 1995, p. 175).

Como defende o autor, a literatura é o elo que interliga o ser humano a sua própria existência, levando-o a desejar conhecer e viver novas histórias sejam reais ou fictícias, mas que alimenta seu espírito humano em todas as dimensões. Diante disso para compreender melhor o estilo poético *slam*, investigamos fontes que pudessem nos situar nesse contexto literário. Por isso, recorreremos a sites e redes sociais de poetas *slammers*. Assim, encontramos informações sobre a origem da poesia *slam* e dos movimentos literários, como os *saraus* (principalmente nos grandes centros). Mas, também, descobrimos que há escolas que já promovem festivais de poesia falada, como o *slam*.

Assim, nossa proposta pedagógica-metodológica é a aplicação da sequência básica com foco no letramento literário (COSSON, 2018) adaptada à realidade dos alunos e à nossa prática docente, alinhando os conteúdos, conforme os documentos curriculares: Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Documento Curricular do Tocantins (DCT). Assim como já exposto no Referencial Curricular do Tocantins (TOCANTINS, 2009, p. 250), é fundamental o trabalho com “linguagens” na escola, a fim de possibilitar a observação, o descobrimento, a inferência e a reflexão sobre o mundo, dialogando com o outro, concebendo a língua como fruto da interação social.

Conforme a proposta de Cosson na sequência básica do letramento, os documentos curriculares também apontam atividades de leitura e de expressão oral para a construção de habilidades de letramento literário. Temos também a contribuição de Solé (1998), que cita estratégias que podem guiar esse ensino:

Atividade antes da leitura (pré-leitura), atividade durante a leitura (leitura) e da leitura (pós-leitura) relacionam três ações pelo (a) professor (a): (1) determinar objetivos para a leitura; (2) ativar os conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças do estudante; (3) produzir previsões de leitura (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função do texto apoiando-se em conhecimentos prévios sobre o estudo textual, suporte e universo temático. (SOLÉ, 1998, p.114).

A partir dessas estratégias, é possível despertar nos estudantes a necessidade de ler, auxiliando-os a desvendar utilidades da leitura em situações de aprendizagem. Além disso, o diálogo possibilita ao estudante recursos para enfrentar com “segurança, confiança e interesse a atividade de leitura” (SOLÉ, 1998, p. 114). No momento da leitura, leva-se o estudante a recuperar informação, deduzir informações implícitas, inferir ou deduzir, pelo contexto semântico ou linguístico, o significado de palavras ou expressões desconhecidas, conforme sustenta a BNCC:

As habilidades são desenvolvidas por meio da leitura de textos, pertencentes a gêneros textuais que circulam nos diversos campos da atividade humana. Assim, a prática da leitura significa promover um ensino voltado para a vida, que propicie a formação de sujeitos participativos das práticas sociais que envolvem a cultura da leitura e da escrita. Por isso, ler para as crianças deve ser uma rotina diária do (a) professor (a), provocando o interesse e desenvolvimento do hábito da leitura pelos estudantes (BRASIL, 2018 p. 8).

Desde os primeiros anos da educação fundamental, o uso da oralidade deve ser planejado, organizado, com a mesma intencionalidade dos outros eixos da Língua Portuguesa, pois

Isso implica na capacidade dos sujeitos de expor, argumentar, explicar, narrar, além de escutar atentamente e opinar, respeitando a vez e o momento de falar usos reais da língua, proporcionando o domínio da norma linguística de prestígio social, sem isso, estigmatizar a variedade linguística, oportunizando aos estudantes apropriarem necessários para o desenvolvimento da competência comunicativa, não somente na vida escolar, mas também para a vida em sociedade” (BRASIL, 2018, p. 11).

Nessa perspectiva, depreende-se que o eixo Oralidade, como coadjuvante no processo de oralização performática da poesia *slam*, pode potencializar a aptidão desses alunos, proporcionando-lhes um melhor repertório oral para que produzam poesia oral (poemas *slam*) com maior facilidade. De acordo com a BNCC, competências específicas do componente curricular atual são meios que buscam possibilitar a “participação dos estudantes em práticas

de diferentes campos de atividades humanas e de pleno exercício da cidadania” (BRASIL, 2017, p. 84):

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo; envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2017, p. 84).

Dessa forma, nossos alunos, provavelmente, desenvolverão habilidades que são imprescindíveis no dia a dia, pois certamente se tornarão capazes de pensar, refletir sobre sua realidade, suas fantasias e, assim, intervir de forma dinâmica, consciente e justa.

Este trabalho tem como caminho metodológico a pesquisa-ação de natureza qualitativa e de caráter intervencionista, fundamentando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da referida pesquisa sob uma análise. Como fundamentação teórica, utilizamos Thiollent (2011), nas bases teórico-analíticas do letramento literário, a partir de Cosson (2018, 2019), no debate sobre a leitura e *performance*, Zumthor (1997, 2005, 2018) e Fernandes (2002), na perspectiva conceitual de literatura, Candido (1995) e Dalcastagné (2018). Além destes, utilizamos ideias e reflexões de Estrela D’alva (2011), Duarte e Evaristo (2019). Tais autoras nos ajudaram na construção teórica e metodológica da nossa investigação, nos permitindo aprofundar nossas reflexões acerca da leitura, do letramento literário e da *performance* que dá vida à poesia *slam*.

Dessa forma, é no surgimento desse movimento poético (novo para os alunos que nunca tiveram contato antes) denominado de *slam* que reside a história da nossa pesquisa de mestrado. O objetivo principal é discutir a importância da poesia oral no estilo *slam* para a construção da performance poética e o fortalecimento do letramento literário dos alunos de uma turma do 8º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Marechal Ribas Júnior, no município de Sítio Novo do Tocantins – TO, locus da pesquisa.

A ideia desta pesquisa surgiu na disciplina Literatura e Ensino, ministrada pela professora Dra. Ana Crélia Dias, e também na disciplina optativa Ensino de Poesia, ofertada pela professora Dra. Eliane Testa, quando surgiram ocasiões em que eram discutidas as (não) vivências dos alunos diante dos textos literários, porque vimos que muito textos são usados, apenas, para estudo das características do gênero. Muitas vezes, nós, professores, infelizmente, não fomos formados para o trabalho com a literatura na sala de aula, o que, de certa forma, favorece um vácuo no ensino dessa prática tão inerente ao ser humano.

Sendo assim, buscamos conhecer melhor a poesia *slam*, principalmente, pela ótica de mulheres e jovens negras, que foram e continuam sendo “silenciadas” socialmente e ao longo de suas duras vidas. Para tanto, acompanhar a história e a coragem dessas mulheres de usar a palavra como uma ferramenta que pode mudar suas vidas e fazer histórias como pessoas donas de si, da sua voz e de seus anseios, certamente, motivou-me como professora. Nesse contexto, nos dispomos a aprender a cada dia uma nova história de vida por meio dos testemunhos de mulheres e jovens negras, com suas vozes autênticas. Como mediadoras do processo de ensino e de aprendizagem da literatura, da poesia, encorajamos nossos alunos a voltarem seu olhar curioso sobre a poesia *slam*. Com a crença de que a poesia (o *slam*) favorece ao aluno uma experiência singular com o texto poético, articulamos modos de os alunos vivenciarem os poemas carregados de emoções, denúncias e revides de nossas irmãs negras.

A escolha dessa turma se justifica devido ao perfil dos alunos, que têm entre doze e dezesseis anos de idade, configurando, assim, a distorção idade/série. Além disso, vivem, na maioria das vezes, sem estímulo para a aprendizagem dos conteúdos ministrados em sala de aula, bem como apresentam grandes dificuldades com a leitura literária no contexto escolar. Verifica-se, dessa forma, um distanciamento entre esses estudantes e suas vivências no meio escolar e social, seja na família, na igreja, nos pontos de encontros desses jovens e até mesmo diante das mídias sociais.

Nesse contexto, muitas vezes, a escola fica alheia a essas realidades que os seus alunos vivem no dia a dia, oferecendo-lhes algo que não faz parte do seu contexto cotidiano, como nos asseguram Franco e Testa (2018, p. 209): “Grande parte dos trabalhos com a poesia, nas escolas, tem sido desenvolvido de modo superficial e ilustrativo, conseqüentemente acaba por dispensar boa parte da especificidade da linguagem poética”. Portanto, os alunos perdem o interesse de aprender os conteúdos impostos pela escola, e começam a apresentar grandes dificuldades com a leitura literária oferecida a grosso modo na sala de aula. Essa realidade deu origem à pergunta de pesquisa: Como atrair a atenção dos nossos alunos para novas experiências literárias (com a poesia) de uma forma dinâmica, flexível, dialogada e espontânea, provocando neles o desejo e a necessidade de exteriorizar suas palavras e também produzir seus poemas?

A partir dessa problemática, elegemos como estratégia metodológica, para obtermos dados de pesquisa, um questionário que representasse o perfil dos alunos participantes no contexto família/escola/leitura, a fim de compreender melhor como se relacionam com a leitura no seu cotidiano, dentro e fora da escola. Dessa forma, com base no diagnóstico,

emerge a hipótese de que o trabalho com a poesia *slam* pode favorecer o letramento literário de nossos estudantes, tecendo aproximações entre as suas vivências e histórias, e as demandas de ensino-aprendizagem de leitura na escola.

Como o estilo poético nasce da oralidade, por meio da palavra falada, desejos e aspirações podem se revelar diante das experiências vividas com a leitura desses textos na sala de aula. Assim, fomenta nesses alunos o desenvolvimento de habilidades de escrita e de leitura do literário, formando, portanto, o *corpus* da pesquisa, construído a partir das informações obtidas pelo questionário aplicado, pelos diários de campo construídos, na aplicação da proposta de intervenção pedagógica e através da análise dos resultados obtidos.

A pesquisa é de natureza qualitativa e de caráter intervencionista, fundamentando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa-ação, sob uma análise hermenêutica. Para ancorar as metodologias desta pesquisa, durante o plano de intervenção, optamos por planejamentos de Oficinas Literárias Slam (OLS), por meio da vivência das leituras, produzindo poemas orais e transportando-os para a escrita espontânea, de forma que o letramento literário pudesse se fortalecer.

Nesse sentido, esta investigação também toma como o corpus de pesquisa a sequência básica, sugerida como um caminho para o letramento literário por Rildo Cosson (2018). A obra literária escolhida foi a antologia organizada pela poeta *slammer* Mel Duarte (2019) “Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta”, composta por 72 poemas que registram a escrita de 15 mulheres, poetas *slammers* negras.

O nosso trabalho está estruturado em 3 capítulos, além das Considerações iniciais e as Considerações finais. O capítulo 1, “*Slam*: as vozes (re)existentes que se levantam das margens”, traz no subitem 1.1. “Um breve olhar sobre o advento da poesia *slam* e sua trajetória pelo Brasil”. Sobre o *slam*, o subitem 1.2, “As batalhas *Poetry Slam*: uma celebração da fala”, vem revelar como o *slam* se enquadra na literatura contemporânea em meio às competições das batalhas de poesia que dão vez e voz a poetisas da periferia. O subcapítulo 1.3, “A força e a voz de mulheres negras representantes do *slam* no Brasil”, apresenta o poder da poesia falada pela voz e *performance* da leitora mulheres negras no *slam* das minas movimento em ascensão nas cinco regiões brasileiras.

O capítulo 2, “Descrição da escola campo de pesquisa”, apresenta a estrutura física, de pessoal e do currículo. O item 2.1 traz um desenho das características dos participantes da pesquisa por meio de um questionário semiaberto, no qual constamos o diagnóstico inicial da turma em relação à vida familiar e à leitura dentro e fora da escola. Ainda no capítulo 2, no item 2.2, revelamos nosso itinerário metodológico, em que descrevemos os métodos e os

procedimentos aplicados para responder a pergunta-problema por meio da pesquisa-ação. Dessa forma, a pesquisa-ação caracteriza-se como um trabalho qualitativo, de caráter investigativo fenomenológico e de qualidade argumentativa. O item 2.3 traz informação sobre a sequência básica do letramento literário por Rildo Cosson (2018), acentuando a importância da leitura literária na escola como meio essencial para crianças e jovens desenvolverem vários tipos de habilidades de letramento. No subtítulo 2.4, apresentamos a sequência básica e as OLS, abordamos sobre a antologia “Querem nos Calar: poemas para serem lidos em voz alta”, publicada em 2019 e organizada pela poeta *slam* Mel Duarte. O livro reúne 72 poemas *slam* de dezesseis mulheres poetas *slam* negras, os quais denunciam o preconceito, o racismo a homofobia e o feminicídio por meio da poesia falada.

No capítulo 3, trazemos a análise das OLS. Nesse item, compartilhamos passo a passo nossas descobertas por meio dos resultados alcançados e revelamos nossas experiências com as vivências de leitura performática com as poesias *slam*, além da produção coletiva de um texto poético pelos participantes da pesquisa.

Este trabalho tem como foco de investigação as práticas pedagógicas por meio da poesia *slam*, que muitos a denominam de literatura de resistência⁴, mas também conhecida como Cenas Plurais Periféricas. Essa poesia parece ter o poder da palavra para construir um espaço de compartilhamento, de fala e de escuta de jovens mulheres negras (mas, não só) que, revestidas de coragem e desnudas do medo, buscam incansavelmente redescobrir o mundo e ressignificar sua existência.

Aflorar o desejo de nossos alunos pela literatura é uma responsabilidade nossa como professores e educadores. Agindo como leitores, poderemos equacionar os obstáculos que os discentes enfrentam no seu dia a dia, seja na escola ou fora dela, pois precisam, como seres que buscam o conhecimento, despertar o desejo de se reconstruir. Nesse sentido, a literatura com seu poder de humanização pode se tornar a “lente” que permitirá ver o mundo com mais sensibilidade. Assim, poderão se reconstruir como cidadãos capazes de desvendar um novo mundo por meio da leitura e do eco de suas vozes.

Trata-se de uma vertente poética que discute o mundo em que vivemos por um olhar distinto do que está posto como norma e que perpassa diálogos entre as diferenças e contextos socioculturais. (DALVA, 2011)

1 SLAM: AS VOZES (RE)EXISTENTES QUE SE LEVANTAM DAS MARGENS

*Ninguém dá voz a ninguém
Porque todo mundo já tem
voz!
Agora é fazer com que essa voz seja
ouvida*

(D'alva, 2011)

Todos os dias, ouvimos, na fala de diferentes professores, especialmente, na Escola Básica, que são grandes os desafios para trabalhar com a literatura na escola. Dizer que os alunos não gostam de literatura (ou de poesia) é incorrer em um grave equívoco, pois o que acontece, muitas vezes, é que a poesia não chega sequer a ser ofertado na sala de aula.

Por isso, pensando que a literatura é um direito, temos que encontrar estratégias pedagógicas para trabalharmos com ela na escola. Assim, esta pesquisa-ação é um modo de propor possibilidades de se fazer um trabalho interventivo que no ajude a trazer mais empatia e identificação na recepção do texto literário (no nosso caso específico, o texto poético) em sala de aula.

Dito isso, escolhemos trabalhar com a poesia na modalidade *slam*, pois acreditamos tratar-se de uma aliada das nossas práticas docentes pela proximidade que acreditamos ter o jovem, neste “tipo” de produção poética. Sendo assim, o *slam* pode significar ainda uma vitalização no processo de ensino e de aprendizagem de poesia. Candido (1995) contribui com o ensino de literatura ao afirmar que: “As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e visão de mundo”. É este “enriquecimento humano” que acreditamos que o *slam* pode trazer aos nossos alunos jovens e adolescentes.

Nesse sentido, conhecer, compreender e vivenciar leituras com a poesia na modalidade *slam* pode significar, principalmente por suas características específicas (a manifestação espontânea da palavra que exterioriza todo um conjunto de saberes), o despertar dos educandos para o poético. Assim, muitas vezes, os alunos nem sabem que o possuem, provavelmente, por falta de provocação e/ou de mediação desses usos da linguagem poética, que pode vir silenciada neles.

Para Candido (1995, p. 175), a diversidade de grupos sociais “cria suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles”.

Diante do que o autor expõe, cabe a nós professores e professoras fortalecer o vínculo dos nossos alunos com a leitura literária, a fim de que eles possam se manifestar livremente, utilizando essa linguagem que servirá para que se conheçam melhor e aprendam, também a reconhecer o outro como seu próximo, seus anseios, sonhos e fantasias.

Para as poetisas *slammers*, de posse dessa ferramenta dialógica que é a palavra falada, ou “*Spoken-word*” como também é conhecida pelos adeptos dos *slams*, o seu diálogo com o mundo se torna mais significativo, uma vez que, a linguagem desse gênero literário é simples, informal e tem como princípio a liberdade de expressão de forma performática, em que corpo e voz estabelecem, simultaneamente, uma relação envolvendo narrador, ouvintes, leitores e produtores.

Ademais, essa poesia falada pode fomentar o letramento literário de modo a construir um exercício consciente de que o uso da língua (na norma padrão exigida e que está no contexto escolar) varia nos contextos sociais. Assim, os *slams* podem reunir poemas com uma língua menos culta (nas normas padrões), mas também fazer uso da língua padrão (mais culta). Então, os alunos são favorecidos com o letramento literário enquanto uso social da língua.

Também Cosson (2018, p. 16), ao abordar a potencialidade pedagógica no trato com diferentes textos literários, aborda que é:

No exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos.

Entendemos, assim, pelo que explicita o autor, que a literatura é carregada de saberes e que a palavra pronunciada não cai no vazio, pois é ouvida e assimilada por nós mesmos e por nossos ouvintes. Assim, o uso da linguagem acompanhada de *performance* possibilita aos estudantes uma nova visão sobre o fazer poético, estimulando-os a uma desafiadora prática de letramento literário, agarrando-se à palavra falada para contar sua história e as histórias de outros também.

O estilo poético *slam* é considerado um movimento contemporâneo que vem ganhando força entre jovens, especialmente mulheres negras, no cenário urbano de capitais brasileiras. É compreendido como um fenômeno social, cultural e artístico que reúne, potencialmente, jovens que apresentam suas poesias de modo autorais e performáticas.

Também estas jovens são protagonizadas por *slammers* e ocupam vários espaços das cidades para apresentar suas falas poéticas que versam sobre temas atuais relacionados ao seu cotidiano. O movimento se desenha como encontro de poesia, escuta e fala e vem sendo divulgado em grande escala pelas redes sociais digitais. Para Dalva (2014), em entrevista para a TV Cultura⁵,

A poesia *slam* é uma válvula de escape onde posso transformar minhas experiências de vida através desse processo criativo que nasce de dentro para fora, nascendo no espaço da oralidade onde se revela um espírito de sobrevivência inventando a vida, transformando a vida através do registro do cotidiano onde se constrói a própria imagem e, assim, se torna um farol que ilumina as vivências das mulheres negras. (DALVA, 2014)

A Poesia *slam* chegou ao Brasil vinda direto de Chicago (EUA), em dezembro de 2008, por meio de Roberta Estrela D'alva, atriz, *slammer* (poeta), diretora musical, pesquisadora e atualmente apresentadora do programa juvenil de TV “Manos e Minas”, da TV Cultura. D'alva trouxe o *Poetry Slam* para o Brasil quando inaugurou em São Paulo o ZAP – Zona Autônoma da Palavra – o primeiro *slam* de poesia brasileiro (D'ALVA, 2011, p. 93). O ZAP/SLAM! acontecia inicialmente no Núcleo Bartolomeu, na Pompeia (NBP), e atualmente é realizado toda primeira quinta-feira do mês, a partir das 20h em algum ponto do centro de São Paulo.

O *Spoken-word* pode ser entendido como uma forma de arte performática baseada em palavras, na qual as letras de músicas, poemas ou histórias são faladas ao invés de cantadas. De acordo com D'alva (2011, p. 93), “literalmente ‘palavra falada’ ou poeticamente ‘poesia falada’, é uma *performance* na qual as pessoas recitam textos”:

Quanto à presença, não somente a voz, mas o corpo inteiro está lá, na *performance*. O corpo, por sua própria materialidade, socializa a *performance*, de forma fundamental [...] A *performance* é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num único conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal sentido. (ZUMTHOR, 2005, p. 86-7)

Pode acontecer em vários contextos, como na literatura, artes plásticas, música, embora seja a oralidade sempre o foco (D'ALVA, 2011). Nascendo no espaço da oralidade, o estilo de narração da poesia *slam*, o corpo e a voz se harmonizam, atraindo para si toda a atenção dos ouvintes.

Além disso, este estilo poético revela um espírito de sobrevivência, inventando e transformando a vida através do registro do cotidiano, reconstruindo a própria imagem, pois “[a] voz emana do corpo, mas sem corpo a voz não é nada” Zumthor (2005, p. 89). Assim, a

⁵ Disponível em <http://tvcultura.com.br>. Acesso em: jun.2020.

linguagem corpo e a voz expressam uma forma de comunicação mais legítima entre o narrador (poético) e o ouvinte, sendo que ambos se reconhecem mais humanos, criadores e construtores de novas histórias.

Ademais, o uso da linguagem acompanhada de *performance* possibilita aos estudantes uma nova visão sobre o fazer poético, o que os estimula a uma desafiadora prática de letramento literário, agarrando-se à palavra falada para contar história de sua comunidade, mas também de outras realidades:

O ato da leitura em voz alta transmite no olhar do leitor que se encontra com o olhar do ouvinte uma espécie de sedução, que faz ambos se prenderem à narrativa sem perder um só detalhe, artifício esse associado à oralidade do poema. Isto tem a ver, ainda, com a questão da voz humana, que se constitui também como um fenômeno da cultura, sendo um suporte para a palavra e a voz poética, ela é integrada a aspectos físico-psíquicos, com sua natureza singular e concreta. Ademais, a voz pode magnetizar o ouvinte porque está cheia de energias vocais latentes, de corporeidade, peso, calor, volume, assim, ela pode ser transmitida sedutoramente e inscrever-se no inconsciente da plateia, que estará sob o efeito dos elementos de *performance*, que é, por assim dizer, um jogo de percepções sensoriais, engajamento do corpo (SILVA, 2019, p. 40).

A poesia *slam* já está sendo trabalhada em algumas escolas brasileiras nos estados de São Paulo e Minas Gerais. Por isso, ocupa diversas práticas culturais, e está se consolidando como espaço construtor de conhecimentos, socialização sobre diferentes visões de mundo e dessas reflexões.

Nesse âmbito é que nasce a poeta *slammer*, quem por meio da sua própria linguagem expressa, constrói e reconstrói seu mundo e o mundo de outros. Essa atmosfera literária chama a atenção de alguns educadores, como nos afirma Silva (2019) quando, durante sua pesquisa que compunha sua dissertação de mestrado, participou de um projeto cultural permeado pela linguagem literária, idealizado e realizado pelo educador Lucas Oliver, nas escolas públicas de Belo Horizonte, durante o segundo semestre de 2017:

O *slam interescolar - MG* nasceu na capital mineira Belo Horizonte, pelas mãos do educador e poeta Lucas Oliver e aconteceu em 10 escolas públicas de Ensino Médio vinculadas ao núcleo Valores de Minas - CICALT (Centro Interescolar de Cultura, Arte, Linguagens e Tecnologias) (...) Ao adentrar os muros da escola e criar oportunidades de fala, escrita e escuta entre os atores sociais, vislumbrei no *slam interescolar* uma possibilidade de revelar o/a jovem aluno/a como um sujeito social que sonha, emite opiniões, pontos de vista, questiona, sugere e compartilha sentimentos, sentidos e significados sobre si, sobre o outro, sobre a escola, sobre o mundo, sobre o ser e o viver. (SILVA, 2019, p. 25)

A sublime experiência da autora vem nos revelar que a poesia *slam* faz parte de uma das mais valiosas ferramentas de comunicação entre os seres humanos, a linguagem literária,

pois esta possui o poder de transformar experiências de vida através de um processo criativo que emana de dentro para fora, nascendo no espaço da oralidade. O modo de narração desse estilo poético, no qual o corpo e a voz se harmonizam, atraindo para si toda a atenção dos ouvintes, revela um espírito de sobrevivência, que inventa e transforma a vida através do registro do cotidiano, através da reconstrução da própria imagem. Vejamos versos a seguir que compõem poemas de algumas *slammers*:

Manas

Eu pego a caneta, tu pega arma,
Eu conquisto na palavra, tu dispara, eu atinjo vários, tu apenas um,
A gente vai crescendo até não caber em lugar nenhum (...)

E a cada soco dado em uma de nós,
Com mais desprezo e ódio, sim, eu retribuo
Não na porrada...
O que faz dele um animal
É o seu ponto fraco
Eu quebro ele é na palavra
Eu ando armada! Da melhor arma!...

(DUARTE, 2019, p.145-146)

Mulher de palavra

Eu não estou nos livros
Por isso escrevo histórias
O avançar do calendário
Demarca a minha trajetória

Sou mulher de papel
No papel e fora dele
Que oxalá me permita agora
Ser uma mulher de palavra

(DUARTE, 2019, p.137-138)

Foi no contexto da linguagem das poetisas *slammers* que busquei motivos para dar continuidade a este trabalho, renovando e inovando em minhas práticas pedagógicas, na sala de aula. Como mulher, também passo por situações difíceis e constrangedoras na vida.

Seguindo, nessa direção do universo do *slam*, pesquisando sobre as cenas plurais periféricas de *slammers*, foi que encontrei coragem para seguir em frente, tropeçando aqui, caindo ali, mas levantando acolá. Assim, fiquei convencida de que as palavras poéticas jamais me faltariam, pois foram por meio delas que minha odisseia na vida, desde a mais tenra idade, me permitiu estar aqui, pensando, lendo, escrevendo, reescrevendo ideias, pensamentos e

reflexões, sempre buscando novos rumos nos quais a mesma palavra “literária” fosse a minha força. E como professora, a leitura, a poesia e a literatura podem me levar sempre a cumprir com minhas responsabilidades como educadora (ciente do meu papel social), sem deixar de lado a mãe, a mulher, a cidadã que sou.

Ao tratar da potência da palavra, Paulo Freire (1987) nos encoraja nessa busca por respostas que expliquem por que somos dependentes da palavra:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 1987, p. 78)

É nesse encantado universo da palavra (literária ou não), que compreendemos o mundo que nos cerca. Por meio dela, temos o privilégio de contribuir de maneira singular com a construção de novas histórias, de pronunciar e (re)pronunciar esse mundo que nos envolve e nos provoca a utilizar essa linguagem para reconstruir significados que nos levem a compreender e intervir na vida de uma comunidade, de um povo, de uma sociedade, da nossa própria história.

Além disso, esta ferramenta (a palavra), tão influente para nós, nos faz reconhecer-nos como pessoas capazes de cruzar um novo mundo, revelando seus enigmas e intervindo, também, na sua construção.

Candido (1975) nos revela a literatura em três importantes faces:

Na primeira, a literatura é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado. Na segunda, a literatura é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos. Por fim, na terceira, a face da literatura é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente, ou seja, o ser humano aprender sem se dar conta de que está aprendendo. (CANDIDO, 1975, p. 176)

Sendo assim, entendemos que a literatura precisa estar estruturada, pois é a partir dela que nos organizamos e lhe atribuímos o significado mais amplo. A literatura tem o poder de manifestar nossas emoções e ampliar nossa visão de mundo quando adentramos pela leitura, decifrando suas incógnitas e compreendendo mais a história da humanidade, a nossa própria história. O literário, portanto, nos ensina a viver e intervir criticamente no mundo que nos cerca, transformando-o se preciso for.

Na certeza de que a literatura é força humanizadora, como nos afirma Cândido (1975) portanto, também libertadora, a adotamos como fiadora deste trabalho que nos levou por caminhos antes desconhecidos, com o desejo de desbravar a leitura literária no contexto da

sala de aula, mostrando a beleza e o poder que ela tem para nos potencializar como seres humanos construtores das nossas próprias histórias. E assim, não desprezando o cânone, mas conhecendo outras formas de se fazer poesias, optamos por mergulhar nas cenas plurais periféricas onde diferentes vozes fazem ecoar gritos de dor, emoção e prazer por meio da poesia *slam*.

A palavra *slam* foi tomada de empréstimo por Marc Kelly Smith, operário da construção civil e poeta, para dar nome ao *Uptown Poetry Slam*, evento de poesia criado em 1986 em Chicago, Estados Unidos: “De início o termo foi cunhado para denominar as performances poéticas, e mais tarde foi ampliado para nomear as próprias competições de poesia” (D’ALVA, 2011, p. 120). Assim, Smith reuniu-se com outros oito artistas e poetas locais e juntos criaram o *Chicago Poetry Ensemble*, base da experimentação inicial do *slam*. Desde então, tornou-se organizador de vários espetáculos que reuniam poesia, cabaré, experimentação musical e performance em bares da vizinhança de classe trabalhadora branca da cidade (D’ALVA, 2009, p. 36). Foi no verão de 1986, em uma das noites de performances poéticas no Green Mill Jazz Club, por meio de um jogo improvisado, que o *Poetry Slam* nasceu.

Com uma audiência diversificada e não tradicional do bar de jazz, o *Poetry Slam* chegou às ruas das periferias de Chicago e conquistou adeptos em outras cidades dos Estados Unidos. As competições cresceram e atingiram nível nacional em 1990, quando aconteceu o primeiro *National Poetry Slam*, na cidade de São Francisco, que reuniu três times de *slammers* de Chicago, São Francisco e Nova York (D’ALVA, 2011, p. 120). A partir de então, o *slam* se espalhou pelo mundo em competições nacionais e internacionais

Anualmente, acontece na França, a Copa do Mundo de Poesia Falada (*Spoken word*), que envolve a participação de mais ou menos 20 *slammers* - cada poeta representando seu respectivo país. O evento, que em maio de 2020 teve a sua 14ª edição, foi realizado ao longo de uma semana no Théâtre Belleville de Paris, o qual foi organizado e financiado pelo governo parisiense.

O *Spoken word* pode ser entendido como uma forma de arte performática baseada em palavras, na qual as letras de músicas, poemas ou histórias são faladas ao invés de cantadas. De acordo com D’alva, “literalmente ‘palavra falada’ ou poeticamente ‘poesia falada’, é uma *performance* na qual as pessoas recitam textos. Pode acontecer em vários contextos: literatura, artes plásticas, música, mas sempre com foco na oralidade” (D’ALVA, 2011, p. 110).

A Poesia *slam* chegou ao Brasil em dezembro de 2008 por meio de Roberta Estrela D’alva, atriz, *slammer* (poeta), diretora musical, pesquisadora e atualmente apresentadora do

programa juvenil de TV “Manos e Minas”, da TV Cultura. Ela trouxe o *Poetry Slam* para o Brasil quando inaugurou em São Paulo o ZAP – Zona Autônoma da Palavra, o primeiro *slam* de poesia brasileiro (D’ALVA, 2011 p. 93).

Em 2011, quando Roberta Estrela D’alva conquistou o terceiro lugar na Copa do Mundo de Poesia *Slam*, na França, esse novo gênero literário foi atraindo, gradativamente, o interesse do público jovem e, em especial, da periferia. Em 2012, o ator, poeta, produtor e gestor cultural Emerson Alcalde, frequentador de saraus, conheceu o ZAP/SLAM, na Pompeia, e levou a proposta para o seu bairro, fundou, assim, o *Slam* da Guilhermina, o segundo *slam* do Brasil, na Zona Leste de São Paulo, que acontece todas as últimas sextas-feiras de cada mês, a partir das 20h, na Praça Guilhermina-Esperança (NEVES, 2017, p. 94). Em 2014, Alcalde representou o Brasil na Copa do Mundo de Poesia *Slam*, ganhando o vice-campeonato. A partir dessas conquistas de dois poetas brasileiros no cenário internacional de competições, o *slam* ganhou prestígio no país, impulsionando o surgimento de outros grupos e comunidades *slams* pelo Brasil.

Atualmente, existem mais de 200 comunidades no Brasil, espalhadas por 22 estados, sendo representadas no campeonato nacional de poesia falada, dentre as quais se destaca o *Slam BR* e o Rio *Poetry Slam*. O *Slam BR* foi o primeiro campeonato nacional de poesia falada, realizado anualmente em São Paulo, organizado pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos/ ZAP! /SLAM. Faz história desde 2013, quando era conhecido como *Slam SP* (restrito aos *Slams* do estado paulista). Porém, com a ascensão do movimento, em 2014, começou a abarcar poetas campeões representantes de *slams* de outros estados brasileiros. O *Slam BR* acontece no mês de dezembro no SESC Pinheiros, em quatro dias de batalhas, nos quais os *slammers* disputam uma vaga para representar o Brasil na Copa do Mundo de *Slam* na França.

Outro campeonato importante nesse cenário literário é o Rio *Poetry Slam*, criado em 2014, que se destaca como o primeiro Campeonato de Poesia Falada Internacional da América Latina. Acontece durante a Festa Literária das Periferias (FLIP), no Rio de Janeiro, e reúne poetas vindos de vários países da África, Europa e Américas do Sul, do Norte e Central. Além disso, há ainda um terceiro e novo campeonato, o *Slam Nacional em Dupla*, promovido pela Fundação Perseu Abramo (FPA) em parceria com os coletivos e grupos de *slam*. O torneio acontece em Rio Branco (AC), Salvador (BA), Brasília (DF), São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS), representando as cinco regiões do Brasil (PERSEU ABRAMO, 2018). Conheceremos a seguir como acontece as batalhas de poesia e como elas se configuram na

celebração da fala, nos levando a refletir sobre o poder que a palavra exerce quando proferida em forma de poesia.

1.1 As batalhas *Poetry Slam*: uma celebração da fala

[...] *Mulheres de geração atrevida*
Filhas dos saraus e das batalhas de poesia,
Alquimistas, libertárias,
Propagandistas da oralidade
Compartilhando nossas travessias,
Bradando nossa realidade!
 Mel Duarte (2019)

Esse novo fenômeno poético oral cresce consideravelmente no Brasil, o qual se enquadra na literatura contemporânea em meio a competições ou batalhas de poesias que dão vez e voz a poetas da periferia. Estes, por sua vez, versam sobre as adversidades do seu cotidiano, abordando temas como racismo, violência, drogas e homofobia, sempre de teor crítico e engajado, que requisita a escuta, a reflexão e a politização do seu público-ouvinte. Tem um estilo marcado pelo uso da linguagem coloquial, centrando-se em aspectos individuais, sociais e cotidianos, de modo a capturar a atenção e a alma do público para as emoções.

Nas batalhas de *poetry slam*, os poemas são feitos de maneira autônoma, majoritariamente, compostos por jovens, abordando dilemas cotidianos. Por esse motivo, esse movimento poético se espalhou por capitais brasileiras como Belo Horizonte, Curitiba, Rio de Janeiro e Brasília. Na cidade de São Paulo, por exemplo, na Praça Roosevelt, todas as segundas, pessoas de diversas partes da cidade se reúnem para ver e ouvir poetas urbanos recitar suas poesias. Nesse evento, os poemas possuem apenas a duração até três minutos e as inscrições são feitas na hora. Os campeonatos de poesias passam por etapas ao longo do ano, de fevereiro a novembro, e são compostos de três rodadas, sendo o vencedor, escolhido por cinco jurados da plateia, premiado com livros e participação no Campeonato Brasileiro de *Slam* (*Slam Br*). A poeta vencedora dessa etapa competirá na Copa do Mundo de *Slam*, realizada todo ano em dezembro, na França. Esses campeonatos foram introduzidos por Roberta Estrela D'Alva, poeta brasileira mais conhecida pela mídia e que conquistou o terceiro lugar na Copa do Mundo de Poesia *slam* 2011, em Paris, com o poema *Diáspora*.

Para dar continuidade a essa reflexão sobre a importância do *slam*, faz-se necessário revelar a configuração dessa poesia que está levantando vozes no Brasil. Para compreendemos

mais de perto essa voz, trazemos trechos da precursora dessa modalidade literária, Roberta Estrela Dalva, numa entrevista exclusiva à Revista Cultura⁶ por Esdras Soares e Alana Queroz no quadro “A poesia sempre vence-Literatura em movimento.” Dalva fala sobre sua trajetória e sobre a potência da poesia *slam* em abrir espaços.

O *slam* está no mundo inteiro, tem mais de 600 comunidades, onde você imaginar tem *slam*: na Índia, em Madagascar, nos países da Europa, no Canadá, no Japão, na China. Em todo lugar do mundo que você vai hoje tem *slam*, na Guatemala, no Chile, na Argentina, até no Polo Norte já teve *slam*. Aqui no Brasil tem poucos *slams*, que são em lugares fechados, com microfone, como existem em outros países; aqui, ele tomou uma proporção de rua, de tomada de espaço público. Então, dos 200 *slams* que temos hoje, em 22 estados, acho que 98% são feitos na rua. E isso é muito legal porque é tomada de espaço público. E você diz: “Mas isso aí não é nada. Isso é uma besteira, o *slam* não mudou nada” [...] Espontaneamente saem pessoas das Zonas Sul, Leste, Oeste, Norte de São Paulo e de fora de São Paulo, gastam o dinheiro da passagem, que poderia se gastar com qualquer outra coisa, para ir ouvir poesia. Se isso não é revolucionário, então, não sei o que é revolucionário. Como 800 pessoas param para ouvir outra pessoa falando num mundo que não se ouve mais, num mundo em que poesia é chata para o jovem, num mundo em que a poesia não importa? O que essas pessoas vão buscar? Vão buscar o espaço do encontro, do aprendizado livre, porque as pessoas estão ali aprendendo. É literatura viva que os espaços convencionais não estão trazendo. Estão ali trocando conhecimento, é um lugar de educação. Por que a escola não pode ser assim? O que o *slam* está criando também é uma comunidade de escritores e de editoras independentes, o que significa editores, prefacistas, desenhistas, arte-finalistas, revisores, todos independentes. Cria toda uma comunidade literária ao redor, o que muito importa⁷ (

Consoante a D’alva, Emerson Alcalde sinaliza que “promover a poesia oral, falar poesias, ler, escrever, promover batalhas de *performances* poéticas, é transformar os Slams em linguagem” (NEVES, 2017, p. 97). A partir disso, depois de uma viagem à França e após presenciar campeonatos de *slam* nas escolas, Alcalde trouxe essa modalidade poética para o Brasil. Assim, o *slam* invade poética e faceiramente os espaços escolares na grande São Paulo, sendo hoje, no ano de 2020, mais de 100 escolas inscritas.

Vale destacar que esse novo estilo poético aborda temas que são incluídos nas disciplinas de língua portuguesa, história, entre outras, pois, como diz Alcalde citado por Neves 2017, p. 97). (“poesia é educação”. Ele explica ainda que, a respeito do figurino dos representantes, a utilização apenas do corpo e a palavra já é suficiente para atrair o público e os jurados, sem necessidade de roupa teatral específica, pois a palavra e a intervenção já formam os elementos imprescindíveis para a realização da competição.

Os jurados são escolhidos momentos antes da apresentação, entre o público. Neste, é escolhido sempre um matemático para realizar o cálculo do tempo e das notas, que são

⁶ Disponível em www.escrevendoofuturo.org.br. Acesso em: 20 jul. 2020.

⁷ Disponível em www.escrevendoofuturo.org.br. Acesso em: 20 jul. 2020

geralmente são de 0 a 10”. Sobre as premiações, todas são conquistadas de forma colaborativa, tais como um livro de literatura periférica, CD de um grupo de rap paraibano composto apenas por mulheres, ou alguma camiseta de bandas. Desse modo, o *slam* seria uma porta de entrada para o envolvimento participativo dos jovens com esse novo estilo literário permeado de níveis de letramento, como nos afirma Silva (2019):

Dessa forma, os *slams* podem se consolidar, uma vez que se inserem no âmbito artístico, cultural e político, como forma de construção de aprendizagens, participação sociocultural, ativismo e, conseqüentemente, como trata-se de um evento associado a processos de letramento, reflexões acerca dos usos da linguagem. A escrita criativa e poética pode ainda proporcionar acontecimentos político-pedagógicos, como (re)construção de identidades, aprendizagem e diálogo entre as culturas que permeiam o ambiente escolar e desenvolvimento de habilidades de escrita, escuta do outro e leitura/declamação de textos em público. (SILVA, 2019, p. 72)

Nesse sentido, a poesia falada pode se caracterizar como um esporte dentro das escolas, cujo objetivo é aproximar os alunos da literatura, provocando reflexões, tomando posse do empoderamento cultural, social e político. Conforme Alcalde nos esclarece, “[o] objetivo final dos *slams* não é ganhar a fama midiática nem dinheiro com seus eventos, mas, paradoxalmente, de se fazerem ouvir. Promover a poesia oral, falar poesias (*spoken word*), ler, escrever, declamar, divulgar, promover batalhas de *performances* poéticas, transformar os *slams* em linguagem, em educação” (NEVES, 2017, p. 97). Posto isso, o trabalho pedagógico com a poesia falada trará a escola mais entusiasmo, mais vida, mais consciência e, certamente, fortalecerá os letramentos dos nossos alunos.

Ademais, é pertinente comentar sobre três modalidades do *slam* extremamente relevantes. A primeira delas é denominada "menor do mundo", na qual as poetas apresentam suas poesias em curto espaço de tempo, com apenas 10 segundos. A segunda ganhou nome de "Rocha coração" por se tratar de uma temática um pouco diferente da comum: o amor. A terceira é conhecida como "*Slam* das Minas SP", único voltado exclusivamente para as mulheres, retratando temas de origem feminina e que trazem nas suas vozes gritos de liberdade, sobre o qual discorreremos no próximo tópico.

1.2 A força e a voz de mulheres negras representantes do *slam* no Brasil

*Aqui estamos nós
Donas de nossas próprias palavras
Revolucionárias do cotidiano
Regando a terra outrora batida
Por nossos antepassados*

*Firmando nossas pegadas
Sabendo que hoje, cada vez que
Nossa fala se propaga
Equivale a dez que antes foram silenciadas.*
Mel Duarte (2019)

Evidenciamos neste tópico o poder da poesia falada pela ótica das mulheres negras que sempre estiveram presentes na história, mas que, infelizmente, eram pouco divulgadas, não permitindo, assim, que o eco de suas vozes resistentes chegasse aos ouvidos de todas as pessoas que vivem a mesma situação. Cabe mencionar nesse arcabouço literário o papel relevante das mulheres nesse novo fenômeno poético que fez se levantar o "*Slam das Minas*", conhecido como o movimento poético cultural realizado exclusivamente por mulheres, por conta desse recorte de sociedade capitalista, patriarcal, racista, fascista e homofóbica. Desse modo, o *slam* seria um canal de protesto pelo qual as mulheres poderiam falar e ser ouvidas, em que o objetivo inicial era apenas romper com a poética tradicional brasileira e retratar problemas vivenciados por elas:

A importância em se criar um *Slam* com essa configuração é histórica, pois a sociedades que vivemos nos cria para obedecer sem questionar, para os afazeres domésticos, para a subserviência, mas não para nos posicionar, para sermos propositoras, para subir num palco e pegar um microfone, e quando assim fazemos, somos interrompidas, desvalorizadas. Dessa forma, nós crescemos com o peso do silenciamento, mas logo entendemos que, se não há espaços que nos valorizam, nós devemos criá-los (DUARTE, 2019, p. 11).

Slam das Minas é um movimento de saraus composto por mulheres negras em que, por meio da palavra falada acompanhada de *performance*, voz e corpo falam a mesma língua. Nas narrativas poéticas, predomina o desejo de que o mundo seja um lugar onde o respeito se caracterize como a base da convivência e tolerância. Por meio da arte poética e acústica, é feita a tradução em libras, mais uma premissa do movimento para que a inclusão feminina seja de fato universal. O *Slam das Minas* tem como objetivo ampliar a representatividade feminina, a produção artística e a demonstração das realidades da periferia por meio de suas vozes plurais e poéticas.

O Rio *Poetry Slam*, primeiro Campeonato Internacional de Poesia Falada, reuniu *slammers* de dezesseis países, tendo como ganhadora da competição Mel Duarte. A cada dia, a poesia *slam* se mostra como catalisadora que reforça, pela agudez da voz dessas mulheres, o sonho de conquistar o direito de igualdade. Suas poesias se caracterizam pelo grito que evoca reconhecimento, respeito, empoderamento. Nessa luta constante e diária, trazem a arte ao seu

espaço de expressão, onde denuncia, poeticamente, discriminações e preconceitos sofridos por serem negras e morarem na periferia.

Enquanto a literatura como prática de representação pode reforçar a ordem hegemônica (o que Rancière chama de “policia”), a produção literária também pode desafiar a estrutura dominante através do uso do dissenso de forma temática ou estilística pode participar da democracia expandindo o âmbito simbólico, alterando assim o conceito de *demos* (da aglomeração cidadã) para introduzir vozes diferentes, incluindo a sujeitos que muitas vezes são ofuscados pela ordem hegemônica. (DALCASTAGNÈ, 2018, p. 16)

Destarte, devemos reconhecer que, embora houvesse a desvalorização dessa vertente literária, o que temos visto e ouvido na última década é a ascensão das composições na poesia marginal, que a cada dia se tornam mais atraentes, devido à sua originalidade frente aos cânones literários. Com suas vozes disruptivas, clamando (não mais num deserto) incansavelmente, essas gigantes poetisas resistentes mudaram o conceito de poesia e tomaram posse de um empoderamento conquistado pela força de sua escrita e de suas falas, valiosas ferramentas que transformam avidamente padrões sociais e constroem uma nova dialética.

Além disso, trazem consigo a nobre missão de compartilhar suas perspectivas de existência e resistência, repassando a certeza de que sobreviver é possível, pois suas lutas ficaram registradas na história como mulheres que lutaram e continuam lutando. São artistas que buscaram e continuam buscando por um espaço de corpo e de fala na literatura brasileira, por meio de sua poética, na qual corpo e alma se expressam, transmitindo esperança a todos aqueles que foram e/ou são silenciados pelo poder da opressão, como confessa a escritora Mel Duarte: “Quando nós mulheres, escrevemos, partilhamos nossas perspectivas de existência, e saudamos as que vieram antes, buscando incentivar as que aqui estão e visando novas eras para as que virão depois, deixando à mostra nossas alternativas de sobrevivência” (DUARTE, 2019, p. 10). A escritora ainda defende que

Essas guerreiras de voz que não querem calar descobrem poesia em coisas nunca antes vistas, dos becos, vilas e margens tudo lhe inspira suas criações poéticas, suas palavras não são apenas comunicação, mas transformam-se num ato político fazendo brotar guerreiras do corpo da mulher negra e preferia de todas as regiões do Brasil. (DUARTE, 2019⁸)

Essas poetisas tomam posse da palavra, assim como a posse do corpo-mulher em sua autodescrição, se afirmando nesse ato como mulher que se nomeia, a que fala e, por isso, se torna invencível (EVARISTO apud DUARTE, 2019). Elas buscam na palavra uma forma de enfretamento e conquista, em que a mesma palavra se converte em instrumento de luta

⁸ Disponível no *blog* BalbinoMargens.com.br. Acesso em: 6 set. 2020

individual e coletiva. Essa palavra como instrumento de conquista é posta com a intenção de garantir uma gramática do cotidiano, questionando, assim, as regras da língua.

Dessa forma, garantindo uma gramática do dia a dia, a poesia *slam* revela o “ser” que fala, mostrando-se nas entre linhas o que não foi dito por outras mulheres outrora silenciadas, e que agora, com a “língua solta” fundamentada na oralidade e registrando uma *performance*, elas usam o “verbo” para contar e fazer suas histórias:

Surge então nos poemas uma língua dinamizada por uma fala que precisa e busca expor as incertezas e as injustiças, os enfrentamentos do dia a dia do povo. Uma linguagem para contar em versos, as mazelas, as incertezas E também para celebrar as alegrias de quem tem pouco ou nenhum espaço para dizer. Por isso, são criações em que enxugam as palavras, conscientemente. Singularizam artigo que acompanham substantivos plurais, dispensam as desinências verbais nas mais variadas construções, mas todos sabem que as dores, o andar na corda bamba, são situações vivenciais de múltiplos sujeitos [...] Buscando uma linguagem, ritmada a partir de seus intentos e desejos, de suas tensões, apaziguamentos e gozos da linguagem, as poetisas se afirmam em seus ofícios de corpo, voz e escrita, afiançando a certeza de uma lírica própria na construção de seus poemas, onde os mesmos se constituem como algo a perseguir, a buscar em suas vidas, ora como indagações, ora como certezas (EVARISTO apud DUARTE, 2019, p. 14).

Como nos lembra Candido em “Direito à Literatura” (1995), constatamos que a literatura alimenta e pode até salvar a quem vive dela e por ela, pois as vozes agudas das poetisas *slammers*, traz- em si o poder de sensibilizar, pensar e refletir. Portanto, tê-la como aliada às práticas docentes no sentido de vitalizar uma nova *performance* de participação desses alunos em sala de aula é uma proposta um tanto atraente. Isso porque, considera-se que em cada atividade com as vivências de leitura e produção por meio dos textos poéticos, outras múltiplas leituras (de mundo) poderão fazer parte desse contexto construtor de consciências críticas que os participantes envolvidos terão a oportunidade de realiza-las.

Essa poesia falada e singularizada transcreve sentimentos e desejos, fomentando no eu-poético a necessidade de manifestar seus sentimentos, o que constrói, assim, um exercício consciente de autorreconhecimento, guiado por uma prática reflexiva que leva o sujeito a desvendar o mundo através da poesia em tom confessional.

Além disso, é com a *performance* poética que se propõe este trabalho com a poesia *slam*. Esse jeito de celebrar sua fala, sem as constantes preocupações do uso “correto” das palavras, conforme implica a gramática normativa em consonância com a língua padrão exigida todos os dias no contexto escolar.

Fazer da criação poética instrumento de proposição de luta começa pelo próprio não uso da língua culta. Conscientemente a “norma certa”, como advogam os puristas, é confrontada, esfacelada, “agredida”. Há uma escolha conscienciosa por uma forma de linguagem, a qual tenho chamado de “gramática do cotidiano”, isto é: o expressar

que surge da comunicação inventada, gestada, gerida no meio do povo (EVARISTO apud DUARTE, 2019, p. 14).

Dessa forma, acreditamos que nossos alunos certamente terão um olhar diferenciado sobre esse resgate verbal, sem censura, que festejará sua fala através do fazer poético. Sob esse prisma, trazemos à tona o termo “Licença poética” que, de acordo com o dicionário Houaiss, é definido como a liberdade do escritor elaborar construções, prosódias, ortografias, sintaxe sem necessária conformidade às regras, ao uso habitual, para atingir seus objetivos de expressão. Esse “erro” proposital, estratégia utilizada para reforçar aquilo que se quer dizer ou escrever, caracteriza-se pelo uso livre da palavra oral e/ou escrita pela poeta, subvertendo regras gramaticais e conferindo plurissignificação às palavras, em busca de novos sentidos. Além disso, o importante papel social também pode proporcionar prazer ao leitor, conduzindo-o a mundos imaginários capazes de despertar sua sensibilidade.

Manifesto

Você quer entender o que é POESIA poesia?
 O primeiro passo é desaprender gramática,
 É preciso entender a lírica
 De cinco mil famílias exigindo moradia
 É preciso desmontar corretores
 Para entender a semântica
 De uma mulher se tocando pela primeira vez
 Aos quarentas e oito anos [...]

Poesia é a palavra em estado de lança-chamas
 Que faz mijar na cama
 Quando não samba
 é lama me pé de criança
 é rasgar teia de aranha

Poesia é a vingança da cigarra
 É enforcar a última formiga
 Nas tripas do último louva-deus

Poesia é império do ócio
 é trabalho e não negócio(...).

(DUARTE, 2019, p.124)

Como podemos verificar na poesia de Luíza, ela define a poesia como algo leve, desprovida de semântica e assim o desabafo da *slammer* na sua linguagem simples e ao mesmo tempo dá para sentir que há revolta nas entrelinhas do poema, mas é assim que ela expressa os seus sentimentos, e por meio dessa linguagem usada pelas *slammers* e pelo espaço (periferia) que ocupam a poesia *slam* é considerada marginal, distantes dos cânones literários e por ter aderência dos grupos minoritários da sociedade que a utilizam como plataforma de protesto. Poetas *slammers* escrevem, em um discurso informal, sobre sua própria condição na sociedade:

Nessa nova modalidade literária em que predomina a *performance* de poesia são potencialmente revolucionários não apenas pelas mensagens de contestação e ameaça que muitos textos, flagrantemente inspirados pela cultura *hip-hop*, veiculam, mas, sobretudo, pelo modo como eles são apresentados e pela rede de sociabilidade "marginal" que eles ajudam a estabelecer. Atréados ao movimento maior de fortalecimento das vozes subalternas na sociedade brasileira, *slams* e *saraus* têm contribuído para a construção de discursos contra hegemônicos que potencialmente desestabilizam representações sociais cristalizadas. Ao mesmo tempo, desafiam noções amplamente aceitas sobre o que é literatura, como ela é produzida e difundida (DALVA, 2011, p. 24).

Dessa forma, o *slam* é uma expressão da vida dessas poetas marginais que unem a arte à política, denunciando as mazelas de sua sociedade, principalmente as condições dos moradores de periferia, a falta de subsídios do Estado, os preconceitos vivenciados diariamente, a opressão das classes dominantes, a exploração da classe trabalhadora. Ou seja, é uma forma singular de imprimirem seu olhar sobre o mundo, suas opiniões, vivências, sentimentos e desejos:

A cada geração, adapta-se a utilização da palavra para contar sua história, deixar seu legado e isso, no contexto atual, nos permite romper com um ciclo de mulheres silenciadas e compartilhar nossa visão de mundo numa sociedade patriarcal que quer nos limitar a todo momento, e que, desde o começo dos tempos, dita a disposição de nossos corpos e de nossas falas (DUARTE, 2019, p. 9).

Observamos que está ultrapassada a ideia de que declamar poemas seja sinônimo de algo monótono e parado. Esse estilo de poesias performáticas tem se popularizado cada vez mais no Brasil. Diferentemente da poesia clássica, que é estruturada e organizada de acordo com o sentido das palavras, as combinações em *slams* são feitas levando em consideração como o verso vai soar quando falado, ou seja, os textos de *slam poetry*, como o movimento é chamado em inglês, são feitos para serem declamados e ouvidos pela audiência, e não publicados em livros, sendo que cada um pode ler e entender o sentido numa perspectiva mais subjetiva. Nesse sentido, quem escreve é quem lê, interpreta as palavras que saíram de dentro de si mesmo e apresenta isso ao público.

Associando a ideia da prática da leitura à presença do corpo, o autor defende a ideia de que há diferença entre a leitura do texto sem oralização e a execução em voz alta, acentuando o caráter dialógico do encontro entre o texto e a voz: “A leitura é diálogo. A ‘compreensão’ que ela opera é fundamentalmente dialógica: meu corpo reage à materialidade do objeto, minha voz se mistura, virtualmente, à sua” (ZUMTHOR, 2014, p. 63). A competência, que transcende a “ordem informativa do discurso” (2014, p. 63) por meio desse encontro potente entre a palavra polifônica da literatura e a voz (ZUMTHOR, 2014 apud DIAS, 2018, p. 221).

Para dar tanto destaque à sonoridade quanto ao significado das palavras, os poemas de *slam* podem seguir esquemas de métrica e rima, como os clássicos, mas nem sempre isso ocorre. De fato, não existem regras ou estrutura formal, sendo que a liberdade de poder deixar a mente criar é o que inspira muitas poetas *slam* e sua alta voz é o imã que leva seus ouvintes a apreciarem a poesia falada. Nessa direção, Ana Crélia Dias (2018, p. 221) defende que “[a] transmissão por meio da voz é, portanto, uma das formas mais potentes de promover uma situação em que a recepção seja simultaneamente convocada”.

Durante a interpretação, muitos *slammers* usam o movimento corporal, a diferença no tom de voz, a velocidade da leitura e pausas para adicionar um pouco de drama ao que está sendo falado. Isso tudo é para provocar a plateia, já que esse tipo de poesia é performada em competições e são os ouvintes que decidem quem ganha. Portanto, vale tudo para cativar a reação dos ouvintes. Legitimando nossa proposta, Fernandes (2002) compactua:

A *performance* é, então, um momento de fascínio, articulada pela mistura de códigos e diversidade linguística, envolvendo não somente pela fábula, mas também pela maneira como é transmitido. O olhar, o silêncio, o franzir da testa, as mãos, o riso, objetos próximos, sons guturais, a fala. A cabeça, tronco e membros. O corpo é um turbilhão de mensagens, que ressoa códigos impraticáveis na escrita (FERNANDES, 2002, p. 28).

A poesia *slam* na voz das mulheres negras clama pelo ato performático, tornando-a mais bela, mais atraente, mais compreendida, pois o conjunto de *performance* e vocabulário do cotidiano leva aos ouvintes o desejo de ouvir e ver a arte da palavra revelando, construindo e desconstruindo verdades e sentimentos nunca dito antes.

Dessa forma e a cada ano, a poesia *slam* comemora sua existência e resistência, tornando-se o pulso do Brasil, onde cada poeta propõe, pelo ponto de vista da periferia, que suas vozes sejam a cada dia, mais um expoente em desfavor a qualquer tipo de opressão social, pois a mesma exterioriza sentimentos e inquietações, defendendo a autoestima e autocuidado de si mesmo e de seus semelhantes como numa habilidosa tática de sobrevivência ocupar um espaço e gritar para que outros percebam sua existência.

Mas para quem tem o desejo de falar de si, de escrever, de exteriorizar seus sentimentos, mesmo que passe por toda essa tensão, esse rebate, o lugar de fala surge mesmo contrariando as representações já fixadas na tradição literária, há o grande desejo de reafirmar a legitimidade de sua própria construção, pois são essas vozes que se encontram às margens do campo literário, cuja legitimidade para produzir literatura é constantemente posta em debate (DALCASTAGNÉ, 2018, p. 12).

Mas essas mulheres, que em nada se miram nas “mulheres de Atenas”, não se calam e expõem sem medo e sem pudor suas insatisfações no grito poético *slam*. Nesse sentido, podemos perceber nitidamente a espontaneidade da fruição poética da *slammer* Roberta Estrela Dalva, quando exterioriza, performaticamente, seus sentimentos por meio da sua poesia. Observemos esse trecho do poema *Diáspora*:

Diáspora⁹

Abrem-se as portas
 E a diáspora se levanta, espanta
 A dor, o medo, a dúvida, insegurança, desconfiança,
 Complexos de inferioridade
 Inconsciência, esquecimento,
 Não dá mais pra disfarçar,
 A hora é agora! Chegou o momento!
 Identidade! Qual é a sua? Quem é você?
 Seus pais, os pais de seus pais?
 Qual é a origem de sua cultura?
 De onde vieram seus ancestrais?
 Pois respeitar quem veio antes, é ensinar quem vem depois.
 Ativar a história, ativar a memória.
 Saber quem é quem, é dá nomes aos bois

A poetisa constrói seu poema para denunciar os tempos difíceis de lutas cotidianas, relembrando, implicitamente, os 400 anos de escravidão que houve no Brasil e que ainda não foi passado “a limpo”. Transforma a dor em poesia para não se “arrebentar”, assim como fazem os meninos do *Hip/hop*: “O que fazer com essa energia, essa raiva, esse enfrentamento diário? Há quem transforme em poesia, há também quem transforme em outras coisas, são todas maneiras legítimas de viver na Terra” (DALVA). Constrói-se, além do fazer poético, um dizer também político, de resistência:

Quando se pensa na literatura como instrumento de afirmação identitária, onde diferentes grupos procuram se apoiar de seus recursos, a literatura ainda é um território contestado, bem além de estilo ou repertório, o que está em cheque é a possibilidade de falar de si e sobre o mundo, e assim de ser visto dentro dele. (DALCASTAGNÉ, 2018, p. 12)

⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wXgrHZ1AQf8>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Legitimando a teoria da autora, vejamos algumas das poesias *slam* na voz de mulheres jovens nos saraus da grande São Paulo, onde buscam seu lugar de fala com legitimidade. São as novas vozes “não autorizadas” como as dessas poetisas marginais que buscam aberturas para inovadoras abordagens para se enquadrar na literatura contemporânea de uma forma específica. Nesse cenário, a partir da movimentação de um leque de problemas que parecem adormecidos, as questões acerca da desigualdade despertam de forma colossal cada vez que alguma coisa parece desconexa do seu lugar, por causa da disputa dos espaços, seja ele narrativo ou geográfico, onde conflitos bem disfarçados desse jogo de força nos remete a urgentes reflexões sobre nossa literatura contemporânea e seus “limites”. O poema a seguir pertence à estudante de Artes Visuais, de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, conhecida apenas como Duda:

[...] Violência, covardia, hipocrisia com toque de ironia
 A gente vê por aqui
 Uma raça podre que mata sem nenhum pudor
 Que a verdade seja dita: raça podre, sem coração
 O que esperar de um país onde o candidato a presidente fala no seu discurso machista: “eu tenho cinco filhos, quatro homens, e na quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”?
 Porra de revolução classista, machista, racista
 E ainda dizem que a bancada evangélica é idealista, otimista e conquista?
 Nesse cárcere, oposição é discórdia,
 Transformada em ódio
 Ódio do preto, do favelado, do gay, da lésbica [...]
 [...] Violência, covardia, hipocrisia com toque de ironia
 A gente vê por aqui
 Uma raça podre que mata sem nenhum pudor
 Que a verdade seja dita: raça podre, sem *coração*

A poeta *slammer* faz uma crítica à postura antiética ligada ao posicionamento do Presidente da República, que explicitou sua visão extremamente machista em um vídeo durante a sua passagem de candidatura para o cargo de chefe do Executivo, além de visões preconceituosas sobre determinados grupos sociais. Nesse sentido, Evaristo (2019) legitima a fala da poeta: “O *slam* é um espaço poético-político, democrático, que tem como principal conceito a liberdade de expressão, fazendo do livre diálogo uma ferramenta para a construção de novos horizontes”. Para além de um espaço de fala, é também um convite à escuta. Compartilhando da mesma saga, Tawane Theodoro, representante do *Slam* das Minas e moradora da zona sul de São Paulo, grita:

Eu não queria ser feminista
 Eu não deveria ser feminista
 Em pleno século XXI minha gente, feminismo não deveria nem existir...
 Calma sociedade, não comece a sorrir
 É porque mulheres não tinham que precisar resistir tanto assim
 É até difícil de imaginar

Que em uma era tão tecnológica eu ainda tenha que implorar
 Para que por onde eu passar
 Todos possam me respeitar.
 Eu detesto ser feminista
 Mas...diante de uma sociedade tão egoísta
 Eu não tenho opção
 Porque ainda vemos mulheres sendo abusadas na busão
 Vemos Relações abusivas virando coisa normal...ou melhor
 "Coisa de casal"
 Ninguém liga pra mulher e pra sua dor
 Fazem ela acreditar que tudo isso é amor [...]

Passamos o dia escutando
 Que as mulheres não estão se respeitando...
 Quando vão entender que no nosso corpo somos nós que estamos no
 comando? [...]

O Brasil é o 5º país mais violento para mulheres do mundo
 Cada dia o feminicídio aumenta
 E com a mulher preta a estatística é ainda mais violenta.
 Homicídio de mulheres negras aumentou 54% em 10 anos
 A cada 11 minutos uma mulher é estuprada,
 70% dos casos de estupro a vítima era próxima do agressor
 Em média 47,6 mil mulheres são estupradas por ano, sendo que nem 30%
 delas denunciam
 3 em cada 5 mulheres vão sofrer algum tipo de violência em algum
 relacionamento
 Até 2030 pode morrer 500 mil mulheres vítimas de violência doméstica no
 mundo
 94% das mulheres já foram assediadas verbalmente e 77 % já foram
 assediada fisicamente
 E acha que o feminismo é exagero?
 O feminismo já é o desespero
 Porque estamos em uma sociedade que eu ainda tenho que explicar
 Que somos seres humanos e não algo que possa se descartar.
 Então não venha me pedir delicadeza
 Pois tenha certeza
 Que aqui...Isso não vai rolar¹⁰

A poeta *slammer* revela não possuir vontade de ser feminista, pois o feminismo não deveria existir diante de tantos avanços tecnológicos e a mulher ainda precisar implorar por ser respeitada por todos. Seguindo essa linha de pensamento, é possível identificar uma crítica aos desrespeitos contra as mulheres nos dias atuais, que não deveriam ocorrer de modo algum. A indignação expressa nesse poema diz respeito à luta por um direito que deveria ser básico, que é aquele relativo à existência e à dignidade da mulher, sem que para isso o mundo não precisasse de mulheres persistindo por mais respeito. Diante da realidade que vive, a poeta não se intimida e usa a única arma em prol da defesa de seu grupo e de sua luta:

Com seu grito poético contagia a todos que ouvem durante sua demonstração de *performance* poética, enchendo-lhes de pertencimento quando são reconhecidos como poetas *slam* e espalhando, velozmente, todo esse desejo de gritar por liberdade pelas periferias brasileiras, encadeando assim engajamento feminino ecoa no *slam*,

¹⁰ Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/20/O-que-s%C3%A3o-slams-e-como-eles-est%C3%A3o-popularizando-a-poesia>>. Acesso em: 26 out. de 2019.

desbancando assim, as expressões culturais de ruas ante machistas. (BALBINO in projeto Margens)

A respeito da mídia, os padrões estéticos impostos estão se tornando mais difíceis de serem alcançados, havendo cobrança por um corpo perfeito menospreza sobre quem não segue esse padrão. Sob esse ângulo, ainda existem julgamentos sobre a forma de vestimenta das mulheres ligada à desvalorização do corpo, com comentários ofensivos e até mesmo o medo de serem abusadas sexualmente. Diante de todos esses fatos, Tawane ainda recita diversas estatísticas sobre os abusos contra mulheres no Brasil, e conclui que o feminismo é uma forma de reconhecimento, de posicionamento crítico frente às mazelas vividas e também de reivindicação de seus direitos humanos:

Como se sabe, as mulheres e as minorias étnicas e raciais foram impedidas de acessar os privilégios de mobilidade, poder, autoria e liderança ao longo da história. Tendo em vista as repressões e restrições direcionadas às mulheres, elas tiveram de se engajar em intensas lutas para adquirirem direitos políticos e sociais. (DALCASTAGNÉ, 2018, p. 128)

As *slammers* trazem dentro de si o desejo de falar e escrever para exteriorizar seus sentimentos, mesmo que passem por toda essa tensão, isto é, o lugar de fala surge espontaneamente, mesmo contrariando a tradição literária. Dalcastagné (2018) nos leva a uma viagem literária para nos lembrar de como a história das mulheres negras possui um trajeto de via crucis ao longo do tempo:

Em *Um defeito de cor*, a justaposição da ficção e da história também opera com uma maneira de concatenar presente e passado, mostrando que a violência de Estado contra a população afro-brasileira e a resistência social e política dos movimentos negros estão arraigadas numa história longa e sangrenta que ainda não foi confrontada e reconhecida pela maior parte da sociedade (DALCASTAGNÉ, 2018, p. 128).

As escritoras carregam consigo o grande desejo de reafirmar a legitimidade de sua própria construção, pois são suas vozes que se ouve às margens do campo literário, cuja legitimidade para produzir literatura está sempre posta em debate. No entanto, percebemos que esse grito pela palavra é o grande sonho de todas as mulheres (com destaque para as mulheres negras): ocupar um espaço que é seu por direito. Para tanto, lutam, incansavelmente, reunidas nos espaços dos saraus, festivais e campeonatos de poesia, demonstrando união. Essas poetisas dizem não a todos os tipos de racismo, preconceito e quaisquer outros tipos de opressão:

A produção literária das mulheres ainda é rotulada como literatura feminina, que se contrapõe à literatura *tout court*, já que não se julga necessário o adjetivo masculino para singularizar a produção dos homens. Portanto, cada escritora tende a ser vista

com representante de uma certa dicção feminina típica, em vez de reconhecida como dona de uma voz autoral própria (DALCASTAGNÉ, 2018, p. 128).

Com o legítimo desejo de terem sua própria voz contando suas histórias, exteriorizando uma fala há séculos e séculos silenciada, e para fazer denúncias, utilizam-se da mais potente arma que dispõem: a palavra! Leiamos Ryane Leão:

Não serei anônima

Falarei meu nome repetidas vezes
 Contarei sobre todas as que vieram
 Antes de mim
 Uma por uma
 Não adianta tapar os ouvidos
 Porque cicatriz aberta
 Não ecoa só por fora
 Mas por dentro
 Verão minha existência
 Escorrendo
 Em todos os becos
 Em todos os muros
 Em todas as margens
 Em todos os centros

Se toda história importa
 E se só podemos mudar
 Aquilo que nomeamos
 Então seremos obras
 Com título, início, meio e sem fim
 Audre lorde já dizia:
 Se erga, diga EU SOU!
 E ninguém poderá te apagar
 Teu silêncio
 Não vai
 Te proteger
 Então grite!
 Isso não vai te fazer
 Inabalável
 Mas toda mulher que fala e invencível!

(DUARTE, 2019, p.203)

Como podemos ler e sentir o desejo fulcral das poetisas de reconhecimento por meio das poesias *slam* é muito importante para nós, professores, conhecer, compreender e vivenciar poesias nessa modalidade, isso nos permite ir além da leitura, pois possibilita, por suas características pessoais e espontâneas, a ampliação de um espaço dialógico entre seus leitores e produtores, entre linguagens que se integram, formando todo um sentido social, urgente e

comum. Dessa forma, contribui para o refinamento da sua personalidade e o autorreconhecimento.

Para Evaristo (2019), a cada geração, as mulheres negras adaptam-se à utilização da palavra para contar sua história, deixar seu legado. No contexto atual, essa adaptação permite o rompimento de um ciclo de mulheres silenciadas, insistindo em compartilhar essa visão de mundo numa sociedade patriarcal que quer limitá-las a todo momento e, desde o começo dos tempos, dita a disposição de seus corpos e de suas falas. A escritora afirma ainda que

As nossas falas de mulheres e notadamente a das mulheres negras podem ser agregadas como refrão às vozes destas poetisas, pois as mesmas, corajosamente confrontam aqueles que querem impingir o silenciamento sobre nós”, mas fortes como rochas, elas comemoram a posse da palavra em consonância com a posse do corpo da mulher, em sua autodescrição. E nesse ato se afirma a mulher que se nomeia, a que fala e que por isso se torna invencível (EVARISTO apud DUARTE, 2019, p. 14).

Para entender melhor a posição de Evaristo vejamos o depoimento de uma jovem poeta *slam* negra, Mídrria Pereira, 20 anos, campeã do *Slam* das Minas, SP/2019, e uma das criadoras do *Slam* USPerifa, coletivo de rimas da Universidade de São Paulo/2018. No seu primeiro ano com cotas étnicos raciais na USP, Mídrria, autora do livro “Empoderamento feminino”, vê a poesia como muito mais que uma forma de expressão: “A poesia para mim é uma maneira de compreender meu corpo, minha negritude, a periferia. É uma forma de me encontrar como mulher. É minha válvula de escape e ferramenta para autocrítica e entender minha relação com o mundo. As minhas vivências são meu ponto de partida”¹¹.

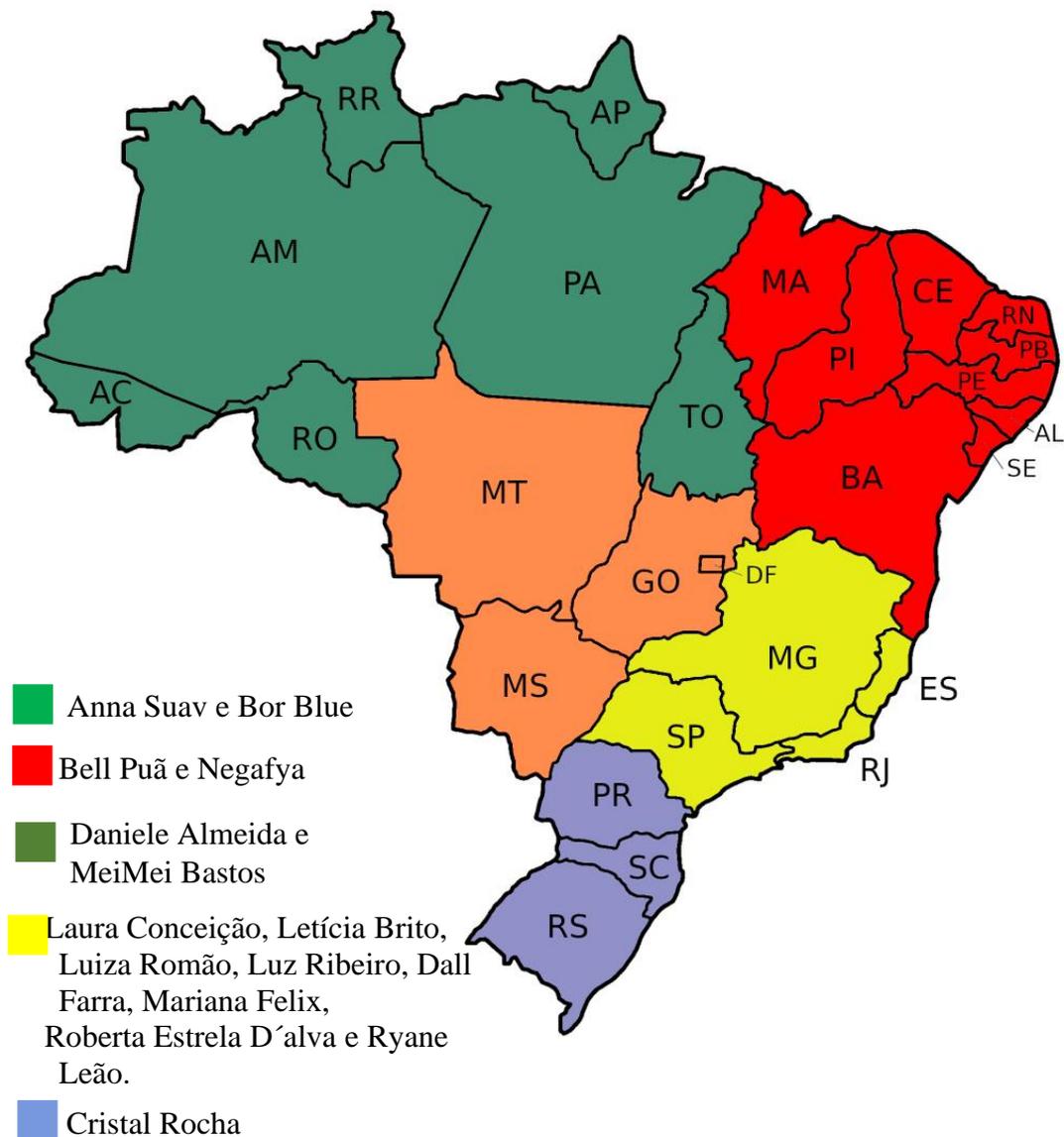
Assim, vivemos com a certeza de que a literatura, independentemente do tempo e do espaço que ela ocupa, nos faz viver e, como discorre Candido (1995, p. 180), “satisfazem as necessidades básicas do ser humano, sobretudo através da incorporação, da humanização, pela coerência mental, que enriquece a percepção e a visão do mundo”.

Para ilustrar a consideração de Candido, conhecemos aqui a distribuição das mulheres *slammers* e poetisas negras responsáveis pelos movimentos *Slam* das Minas nas cinco regiões brasileiras, onde suas sagas pela equidade ecoam por meio de suas vozes, libertando-se das margens e adentrando diferentes espaços geográficos. Na literatura e na vida das pessoas, com suas *performances*, vêm conquistando, consideravelmente, seu espaço de fala, onde suas vozes ganham um eco agradável aos sentidos daqueles que almejam também um lugar para falar e se também fazer ouvir. Para situar os leitores deste texto, trazemos aqui breves biografias de dezesseis mulheres negras, poetisas, escritoras, sonhadoras, lutadoras e

¹¹ Disponível em www.noticias.r7.com. Acesso em: 30set. 2020.

vencedoras de opressões e que usam suas falas para gritar ao mundo seus anseios e desejos de inclusão, reconhecimento e respeito, representando as dores e as lutas das demais mulheres que ainda continuam silenciadas. O movimento “*Slam* das Minas” está inserido mais fortemente, em cinco regiões brasileiras. Este movimento parece pautar-se, principalmente, nas lutas das mulheres por uma sociedade mais equânime, pois ainda vivemos sob a égide de um machista muito arraigado socialmente. Porém, a luta não é só essa. São vozes de mulheres que ecoam, por meio da poesia, e que passam a defender o *slam*, como uma potente forma de transformação social.

Figura 1: Poetas *slammers* no território brasileiro



Ao Norte, temos Ana Suav e Bor Blue; ao Nordeste, Bell Puã e NegaFya; no Centro-oeste, Danielle Almeida e Meimei Bastos; no Sudeste, Laura Conceição, Letícia Brito, Luiza Romão, Luz Ribeiro, Dall Farra, Mariana Félix, Roberta Estrela D’Alva, Ryanne Leão; e o Sul conta com a preciosa presença de Cristal Rocha. A partir desse ponto, conheceremos mais o perfil dessas mulheres guerreiras que em nada se assemelham às mulheres de Atenas.

Anna Suav, CRIA 092, natural de Manaus, Amazonas, se define como mulher preta nortista com muito orgulho e axé! É artista, feminista, jornalista, fotografa, produtora cultural, MC, poeta *slammer*, cantora, compositora, empreendedora e bruxa. Atua como ativista dos movimentos hip-hop negro, filha de Navé, “da mesma água que mata tua sede e outrora te afoga”.

Bell Puã é Isabella Puente de Andrade, historiadora e poeta cabra da peste, nascida entre o mangue e o sol da cidade do Recife, Vencedora do Campeonato Nacional de Poesia Falada- *Slam* BR 2017, representante do Brasil na *Poetry Slam World Cup* 2018, em Paris. Foi convidada da programação principal da Flip 2018, e integra o coletivo *Slam* das Minas em Pernambuco. De libras, das nuvens, busca atrapalhar as fragilidades e fortalecer os afetos, compondo também o coletivo negro Afronte, desenvolvendo atividades de consciência racial em seu estado.

Bor Blue é poeta marginal que fala sobre sua realidade contra o racismo, o machismo, LGBTfobia. Toca, canta e escreve, compõe músicas que falam sobre luta, resistência, sobrevivência. Toca carimbó porque acredita que seja uma herança cultural deixada por nossos ancestrais, índios, caboclos, negros. Acredita na arte como ferramenta de transformação nos espaços públicos, como feiras, praças e coletivos de Belém. Sua missão é manter essa cultura viva, fazendo isso com muito amor.

Cristal Rocha nasceu poesia em junho de 2002 e seu amor pelos versos só cresceu desde então. Foi a primeira campeã gaúcha a representar seu estado no *Slam* BR 2017. Lançou seu livro independente em 2018, intitulado *Quando o caso escurece*, com poesias e ilustrações autorais. Leva sua poesia em eventos como saraus, festivais literários, shows, participações em músicas, escolas e oficinas. É idealizadora e artista do coletivo Poetas Vivos.

Dall Farra é estudante de Geografia na UFRJ, poeta, rapper e *slammer* de Duque de Caxias, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Além disso, é integrante dos coletivos Poetas Favelados e Slam das Minas, que praticam ações poéticas em espaços públicos. Desde os quinze anos, Dall Farra aborda em músicas e poemas assuntos como a discriminação de gênero e classe.

Danielle Almeida tem 23 anos, criada na periferia de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no Bairro Moreninha. É poeta e atriz sempre que pode. Sua entrega para a escrita começou efetivamente há cinco anos. Desde então, não parou mais de fazer e viver a poesia, a arte. Teve experiências inesquecíveis com os movimentos de *slam* e diz que, com isso, sua alma de poeta progrediu. Atualmente, integra o coletivo *Slam* Camélias. Poesia de coração suburbano é o nome que dá a seu fanzine, espalhando, através dele, suas poesias pela cidade. Dessa forma, sabe que existe e resiste!

Laura Conceição é MC e poeta nascida na região da Zona da Mata Mineira. Em 2017, Laura foi vice-campeã mineira de poesia falada, classificando-se para o Campeonato Brasileiro de *Slam*. Ainda em 2017, criou o projeto “Poesia na escola”, por meio do qual leva poesia e sonhos para crianças e adolescentes. Atualmente, já realizou mais de 45 visitas aos colégios da cidade e região. Aos 22 anos, Laura se formou em jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora e fundou o coletivo de poesia Duas. Ganhou as medalhas Rosa Cabinda e Geraldo Pereira, em 2017.

Letícia Brito é poeta, dedica-se à poesia falada (*spoken word/poetry slam*) e às microrrevoluções político-sociais em que a poesia incinera, afaga afeta e transforma. No ano passado, representou o Brasil no *Poetry Slam*, que contava com doze poetas competidores de diferentes países, e que acontece na Festa Literárias das Periferias (Flip). Neste ano, integra a banca avaliadora da Flip Poesia preta. Realizou oficinas para os professores da rede Sesc nacional e participa do “Arte da Palavra” do Sesc Nacional.

Luíza Romão é atriz, poeta e *slammer*, leonina, feminista. Formou-se em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). Publicou dois livros pelo Selo do Burro: *Sangia* (2017) e *Coquetel motolove* (2014). No teatro, passou por coletivos como Núcleo Bartolomeu de Depoimento, Cia Ato Reverso, Teatro Documentário e Turma 66/EAD. Adora cinema. Dirigiu e atuou nas séries audiovisuais *Sangria e Revide*.

Luz Ribeiro: em tempos de redes sociais, Luz prefere pousar em redes de balanços e afetos, de maneira que Luz não possui uma base de seguidores estabelecida. Luz não sonha em ter seguidores; Luz sonha em ter sempre com quem seguir. Luz é coletiva: Poetas Ambulantes, *Slam* das Minas, SP e Legítima Defesa. Autoras dos livros (in)dependentes: Eternos contínuo (2013) e Espanca Estanca (2017). Paulista nascida no verão de 1988, Luz é mar-mãe de Bem e Filha-mar de Odoya.

Mariana Félix é escritora, *slammer*, apresentadora e militante feminista. Tem dois livros publicados de forma independente: *Mania* (2016) e *Vício* (2017), ambos com poesias, crônicas e dissertações sobre o empoderamento feminino, a relação da autora com a cidade e

o amor. Faz parte do coletivo audiovisual composto apenas por mulheres, Prosa Poética, além de integrar o espetáculo Samba Poética.

Meimei Bastos nasceu em 1991, em Ceilândia, Distrito Federal. É escritora, poeta, atriz e arte-educadora formada em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília. Atua em diversos movimentos sociais, promovendo saraus *slams*, oficinas, debates, cineclubes e rodas de conversa especialmente direcionadas à população negra e periférica. Foi premiada pela Secretaria de Estado Cultura e Cidadania, na categoria Equidade de Gênero. Em 2017, publicou seu primeiro livro, intitulado *Um verso e mel*, pela Editora Malê. Atualmente, coordena o Slam Q'brada.

Mel Duarte nasceu na primavera de 1988 em São Paulo (SP) e teve seu primeiro encontro com a poesia aos 8 anos. É escritora, poeta, *slammer*, produtora cultural e integrante do coletivo Slam das Minas SP. Em 2016, foi destaque no sarau de abertura da Flip e a primeira mulher a vencer o Rio *Poetry Slam*. Em 2017, representou a literatura brasileira no *Festilab Taag* em Luanda, Angola. É também autoras dos livros *Fragmentos dispersos* (2013) e *Negra nua crua* (2016), publicados pela Editora Tijumas.

Negafya, 22 anos, moradora do Bairro Sussuarana, Salvador, Bahia, é poeta, MC, artista de rua, produtora cultural, ativista cultural, integrante do grupo de poesia Resistência Poética, idealizadora e produtora do *Slam* das Minas BA, vice-campeã brasileira de poesia falada (2016), vice-campeã Rio *PoetrySlam* - Campeonato Mundial de Poesia Falada, graduanda no curso de enfermagem angocapoeirista. Artista de rua e poeta, durante a apresentação traz denúncias sobre violências, tais como racismo, machismo e sexismo, além de ter como principais características a expressividade corporal e a linguagem de fácil entendimento do público em geral. Faz da poesia marginal os gritos pretos e femininos de liberdade, resistindo na diáspora africana enquanto ser que transforma a dor em luta.

Roberta Estrela Dalva é atriz, MC, diretora, pesquisadora e responsável pela chegada dos *poetry slams* (batalhas de poesia falada) ao Brasil. É membro-fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e do coletivo transdisciplinar Frente 3 de Fevereiro. Formada em Artes Cênicas pela USP, e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Juntamente com Tatiana Lohmman, dirigiu o premiado documentário *SLAM-Voz, o Levante*. É apresentadora do Programa Manos e Minas, na TV Cultura, escritora e atualmente doutoranda pela USP.

Ryane Leão é mulher preta, professora e poeta urbana que vive em São Paulo. Publica seus escritos na página *Onde jazz meu coração*. Escreve em blogs e páginas autorais há mais de onze anos e recita seus poemas em saraus e *slams* da cidade. Seu trabalho é pautado na

resistência das mulheres e focado na luta e no fortalecimento pela arte e pela educação. É filha de Oyá e venta forte no seu peito. Tudo nela brilha e queima. Seu primeiro livro, publicado pela Editora Planeta em outubro de 2017, está na décima edição.

As informações sobre a breve biografia dessas poetas *slammers* podem ser encontradas na obra organizada por Mel Duarte (2019, p.213- 215).

Nessas cenas plurais da periferia, por meio da poesia *slam*, evocamos uma breve reflexão sobre o “lugar de fala” pela escritora Djamila Ribeiro, e que está cada vez mais presente nos debates dos movimentos sociais, e de modo especial, nos meios virtuais, com o intuito de esclarecer os sentidos e finalidades dos conceitos adequado de lugar de fala e o feminismo negro destacado no livro mostra um panorama histórico na luta pelo desvelamento negro das opressões às mulheres negras.

Como expressar-se não é um direito garantido a todos e todas, ainda há a necessidade de democratização das mídias e rompimento de um monopólio, a discussão sobre liberdade de expressão também não pode ser pautada unicamente no direito – não absoluto – de expressar opiniões. Friso que mesmo diante dos limites impostos, vozes dissonantes têm conseguido produzir ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica, o que, muitas vezes, desonestamente, faz com que essas vozes sejam acusadas de agressivas justamente por lutarem contra a violência do silêncio imposto (RIBEIRO, 2017, p. 48).

Ainda segundo a autora, a consideração e a visibilização de lugar de fala historicamente excluídos é relevante para que se permita dar a voz a quem nunca pode falar, ou- falando- nunca ocupou espaços privilegiados em que a fala é efetivamente ouvida, tornando-se uma questão estrutural, e não individual, pois, “o grupo que sempre teve o poder, numa inversão lógica e falsa simétrica causada pelo medo de não ser único, incomoda-se com os levantes de vozes” (RIBEIRO, 2017, p. 48): “Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de lócus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo” (RIBEIRO, 2017, p. 39).

A ideia do lugar de fala é de suma importância quando se considera que grupos sociais, independentemente dos seus integrantes, passam por situações comuns, tornando-se relevante pela forma pela qual contribuem para o exercício da reflexão, da crítica, e conseqüentemente na construção de saberes. Reforça ainda que “Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva” (RIBEIRO, 2017 p. 39).

Nessa concepção entendemos que o “lugar de fala” pode e deve ser constituído a partir de realidades próprias dos grupos sociais que os enunciam, dessa forma, todos têm igual acesso a espaços discursivos privilegiados, impulsionando discursos emudecidos e assim dar visibilidade as proposições não ditas que baseiam os discursos sobre representados. Não se tratando apenas de reconhecer as vivências específicas de indivíduos, mas como legitimadoras de todo ou qualquer discurso que se vincule às suas particularidades.

Vamos reconhecer também o papel de Jéssica Balbino, jornalista e diretora executiva do projeto "Margens"¹². Por paixão e pelo jornalismo, Jéssica acredita que as narrativas podem transformar o mundo. Foi premiada pelo estado de Minas Gerais pelo seu projeto, o qual tinha o objetivo mapear e dar visibilidade às escritoras negras. O trabalho consistia em apresentar algumas reflexões que pretendem discutir como se dá a literatura marginal/periférica feita por mulheres e busca responder, na prática, quem são essas mulheres, o que elas fazem, como vivem, como começaram a escrever, que saraus e espaços frequentam e sobre o que escrevem.

Jéssica traz à nossa memória a narrativa de Carolina Maria de Jesus, que expõe, brutal e poeticamente, a experiência de ser mulher negra da periferia, destacando-se com a publicação do seu primeiro livro, o “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. Com sua narrativa visceral, sofisticada e crítica em relação às desigualdades sociais, abriu caminhos, inspirando outras mulheres negras à escrita.

Como podemos ver, o Brasil está vivendo um novo tempo, uma nova era, marchando rumo à liberdade de pensar, escrever e usar a palavra para cobrar direitos, respeito, liberdade e autonomia. Sobretudo, esse reagir vem por meio das artes, por meio da literatura, por meio da poesia, por meio de falas negras que contam as histórias de dores, lutas e conquistas dos seus ancestrais.

Apresentamos no capítulo seguinte, as oficinas literárias realizadas na turma escolhida. Os participantes, juntamente com a pesquisadora, puderam mergulhar em novas vivências de leituras através de poesias *slam* no intuito de desenvolver uma *performance* poética na declamação dos poemas e fortalecer o letramento literário.

¹² Projeto criado por Jéssica Balbino, jornalista, escritora e militante do movimento hip-hop para mapear e dar visibilidade às mulheres na literatura periférica. revistatrip.uol.com.br, acesso em 10/10/20.

2 DESCRIÇÃO DA ESCOLA CAMPO DA PESQUISA

A escola também faz parte desta rede de relações do ensino e aprendizagem de poesia, que deve oportunizar ao aluno vivenciar e experienciar o texto literário. Assim, se a escola chama para si a responsabilidade de modo mais competente, a poesia, então passa a ganhar mais vida e importância para os alunos. (FRANCO; TESTA, 2018, p. 210)

A pesquisa-ação, de caráter interventivo, teve como campo de pesquisa, o Colégio Estadual Marechal Ribas Júnior, situado no município de Sítio Novo do Tocantins, local onde a mestrandia atua como professora da disciplina de língua portuguesa na turma do 8º ano do turno matutino. O colégio está localizado na Avenida Raimundo José Marinho, 798 – Centro, no município de Sítio Novo do Tocantins-TO. O colégio é uma obra do Governo Estadual, inaugurada em 1º de janeiro de 1966, com o nome de Grupo Escolar Marechal Riba Júnior, por determinação do então Governador Marechal Ribas Júnior, por meio de Decreto Lei. Atualmente, o colégio atende alunos do Ensino Fundamental nos anos finais, de 6º ao 9º ao, e o Ensino Médio Básico, nos turnos matutino, vespertino e noturno (EJA).

Uma pequena parte dos alunos matriculados nessa escola reside na zona rural, nos povoados que ficam entre onze e quatorze quilômetros distantes do município em que a escola está situada. O acesso dos alunos à escola se dá, principalmente, por meio de transporte coletivo (ônibus), em que o deslocamento de sua casa dura em média casas em média uma a duas horas antes do início das aulas, e muitas vezes ficam pela estrada devido às más condições das estradas, principalmente no período chuvoso. A maioria desses alunos são filhos de pais que pouco os acompanham nas atividades escolares, posto que, possuindo baixa renda financeira, são submetidos à lida na roça como fator de complementação de renda familiar. A maior parte dos alunos mora no mesmo município, facilitando seu acesso à sala de aula. Os pais desses estudantes trabalham como pequenos comerciantes, agricultores, funcionários públicos, e outros são desempregados.

A escola conta com um suporte bem significativo de funcionários, sendo que há:

- (i) Uma diretora
- (i) Quatro coordenadoras pedagógicas (de projeto e de apoio)
- (ii) Quatorze professores formados em sua área específica

- (iii) Seis auxiliares de serviços gerais
- (iv) Três vigilantes.

Nos últimos anos, a escola conta com apoio dos programas Projeto Escola Autônoma de Gestão Compartilhada, Projeto de Ensino Aprendizagem – PEA, PDDE - Programa Dinheiro Direto na Escola, PDE – Programa de Desenvolvimento da Escola, e a Associação de Apoio. A escola atende quatrocentos e vinte e quatro alunos, sendo duzentos e dez do Ensino Fundamental, trinta da EJA (3º segmento) e cento e oitenta e quatro do Ensino Médio¹³.

O prédio escolar é composto por dez salas de aulas, uma secretaria, um gabinete da diretoria, uma sala para as coordenadoras onde contam com o recurso de dois computadores e uma impressora, uma sala com banheiro para os professores na qual podem contar com um computador, uma biblioteca, uma cantina, dois banheiros (um masculino e outro feminino), um pátio para apresentações de projetos. Não possui nenhum tipo de laboratório para o fortalecimento da aprendizagem dos alunos a partir de pesquisas.

Ainda segundo a diretora, o Colégio Ribas Junior é uma escola em que a opinião de cada um deve ser respeitada (democrática), de modo a ser capaz de buscar junto aos diversos segmentos da comunidade (associações, sindicatos, igrejas, instituições governamentais e não-governamentais) soluções práticas e viáveis para resolução de problemas como evasão escolar, reprovação e abandono. Além disso, busca consolidar a efetivação da cidadania, transformando as ações numa prática educativa dinâmica e organizada, que possa proporcionar solidariedade mútua aos que dela participarem, valorizando, dessa forma, todos os profissionais.

Segundo a gestora da escola, os inúmeros problemas existentes hoje no Colégio Estadual Marechal Ribas Júnior, que afetam de modo negativo a realização de propostas concretas no combate à reprovação, à evasão e ao abandono escolar estão relacionados a vários fatores internos e externos, requerendo, assim, a junção de forças e divisão de responsabilidades nos dois campos (interno e externo), ou seja, parcerias com vários segmentos sociais. Dentre estes, destaca-se a família, uma viga mestra para que as ações estabelecidas ganhem o respaldo e a eficácia necessária quanto à resolução ou minimização desses problemas. No campo das ações e propostas, são realizadas feira de ciências, projetos interdisciplinares envolvendo a secretaria de saúde e o Conselho Tutelar do município, palestras com a psicopedagoga da SEMED (Secretaria da Educação Municipal de Ensino),

¹³ Fonte: SGE 2020. Acesso em: 22 fev. 2020.

jogos interescolares, projetos de leitura e produção escrita de poemas, artigo de opinião e crônicas.

O planejamento pedagógico tem seu dia específico, sendo individual e coletivo (por área), uma hora por semana, com o acompanhamento de um coordenador que garante meios necessários para o aprimoramento e a possibilidade de rever as nossas práticas pedagógicas. Cada professor ou professora dispõe de um dia na semana para livre docência, podendo, inclusive, trabalhar ou estudar em casa. As atividades escolares respeitam as particularidades locais e da região, já que a comunidade deverá estar participando efetivamente das propostas da escola, as quais devem estar em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) e a Proposta Curricular do Estado do Tocantins (DCT).

Os instrumentos metodológicos usados pelo docente são de sua livre iniciativa, ou proposto pela coordenação pedagógica, desde que previamente avaliado tecnicamente por um ou mais pedagogos, a fim de que seja assegurada a eficácia do ensino e aprendizagem e a possibilidade de avanço nos estudos, evitando-se assim o caráter punitivo, vexatório e de constrangimento do estudante.

A escola concebe a avaliação bimestral em blocos compondo até três disciplinas por dia, o que facilita sua aplicação e correção em tempo hábil, obedecendo, conforme determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9394/96, a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Além disso, adota a recuperação paralela como processo de ensino-aprendizagem, no qual se processa a busca de soluções que venham sanar as deficiências de ensino e aprendizagem relativas à aplicação e assimilação dos conteúdos propostos, assegurando sua execução paralela às aulas, assegurando a carga horária mínima anual de oitocentas horas (Art. 24, Inciso I – LDB nº 9394/96).

O processo de recuperação da aprendizagem visa ao fortalecimento dos alunos e da ação docente no sentido de atingir todos os estudantes nos seus diferentes níveis e capacidade de assimilação. Desse modo, contribui para a sua permanência com sucesso na escola, promovendo seu desempenho acadêmico e caminhando para a erradicação de índices negativos relativos à evasão e repetência. É nesse contexto escolar que se encontra a turma selecionada como participantes desta pesquisa-ação.

2.1 Caracterização da turma

A partir da questão da escolarização da poesia, enfatizada por educadoras e escritoras, dispus-me a refletir sobre meu fazer pedagógico diário e pensei que poderia contribuir muito

mais para que nossos alunos sentissem desejo de ler poesia, aprender com poesias, reconstruir-se com poesias. Então, quando iniciei o planejamento da proposta de intervenção, logo pensei nessa turma de alunos, conhecidos meus desde a mais tenra idade, pois moramos na mesma cidade. Conheço muito de seus anseios, medos e aflições que vivem dentro e fora da escola. Imaginei que esse conhecimento de vida sobre os meus discentes seria um bom ponto de partida para provocá-los com algo inédito nas suas experiências de leitura. Nesse sentido, as oficinas planejadas com vivências de leituras literárias se configuraram como bem diferentes daquelas leituras rotineiras e obrigatórias do dia a dia que a escola oferece, pois essas vivências abririam as portas para um novo conceito de leitura.

Foi assim que durante o projeto de pesquisa, minha orientadora sugeriu algo que me causou surpresa e preocupação, pois numa pacata cidade do interior ao norte tocantinense aquilo seria uma grande e inesperada novidade. Porém, o desafio estava lançado: o ensino de poesia pela modalidade poética *slam*.

Não dormi a noite, pensando no assunto. Então, comecei a buscar informações sobre esse novo fenômeno literário. Supreendentemente, descobri que a construção dessa poesia se dá por meio de vocalizações orais performáticas, em sua maioria, as protagonistas são mulheres negras, jovens e adolescentes, que buscam reconhecer-se, exteriorizar sentimentos, usar as palavras para gritar ao mundo seus desejos, anseios e temores. Não tive dúvidas que nossa proposta de intervenção contemplaria os alunos da turma do 8º ano do ensino fundamental visto que uma considerável parte dos nossos alunos estão com distorção idade/série, tímidos, retraídos, e muitas vezes, emudecidos pelo medo ou por vergonha, deixam de compartilhar seus anseios com outras pessoas e até mesmo com os próprios colegas.

Como a poesia *slam* surge como um elo entre a leitura e a fala espontânea, no qual a pessoa pode falar de si mesmo para as outras pessoas de uma forma livre, sem muitas cobranças e sem muitas imposições, com a mediação da professora, nossos alunos logo perceberiam que nesse estilo poético, a fala nasce de uma simples brincadeira para tomar forma de poesia.

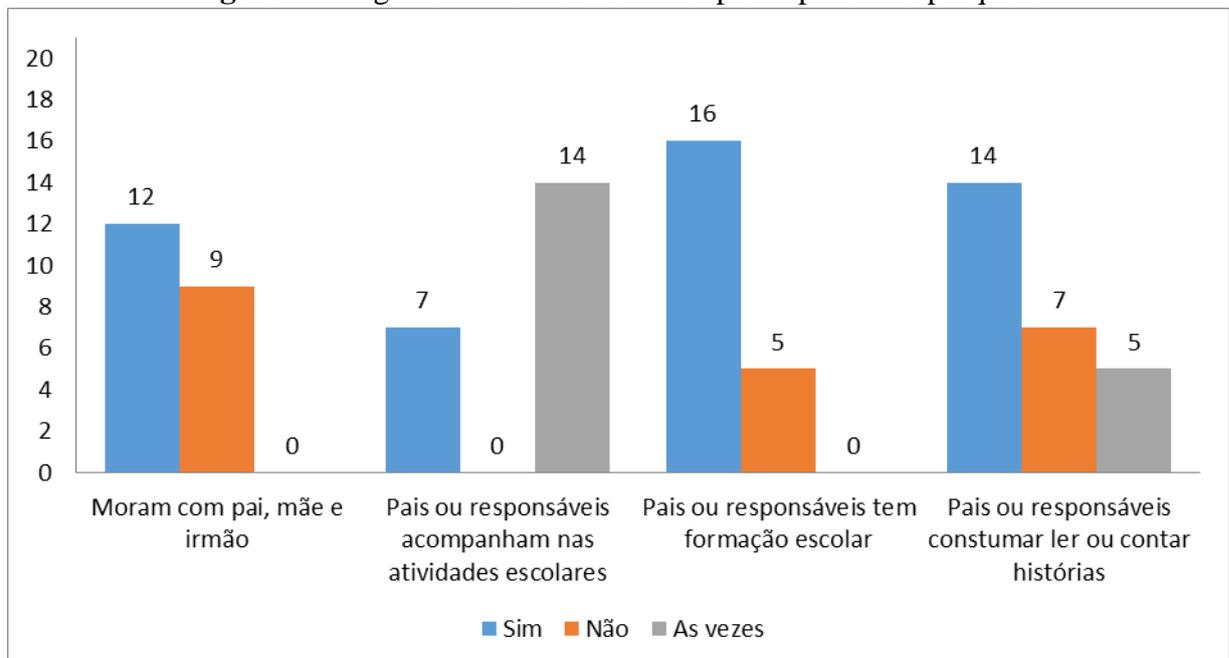
Para melhor compreendermos o perfil dos jovens alunos, elaboramos um questionário, no qual colhemos informações importantes, a saber: (i) A idade dos participantes e (ii) a situação familiar. Assim, destacamos que a idade de nossos participantes varia de doze a quatorze anos. A maioria destes alunos moram com os avós e também não tem acompanhamento familiar nas atividades escolares (isso, possivelmente, se deve ao fato de que a maioria dos responsáveis não tem nenhum tipo de escolaridade). Por isso,

transformamos os dados em gráficos diagnósticos e, assim, evidenciar os planejamentos das intervenções pedagógicas por meio das oficinas literárias.

A turma focalizada é composta por 21 alunos entre 12 e 16 anos de idade com alguns repetentes há mais de dois anos, o que evidencia a grave situação de distorção idade/série, mais um dos critérios selecionados para fortalecer o desenvolvimento do projeto de intervenção pedagógica nessa turma. Eu, a pesquisadora, sou professora regente e efetiva de língua portuguesa em todas as turmas de 6º ao 9º ano, há cinco anos interruptos, mas a turma escolhida apresentava características diferenciadas.

Muitos desses alunos repetentes são oriundos de outras escolas, com indício de baixo autoestima, sem vontade de seguir em frente (de estudar) e/ou são ociosos na leitura, o que muito me aflige. Contudo, sempre tentei trabalhar de uma forma diferente com eles. Por isso, fazíamos “café literário”, íamos à praça da cidade observar as pessoas e colher informações para produzirmos um texto, na mesma praça declamávamos poemas em coro. Podemos afirmar que nosso empenho e tentativas de animá-los foram vários. Todo nosso empenho foi para fazer com que os adolescentes da turma selecionada se aproximassem do mundo da leitura, da fala e da escrita de poesia (esse ponto será explorado no capítulo que revela os resultados da pesquisa).

Figura 2- Diagnóstico realizado com os participantes da pesquisa

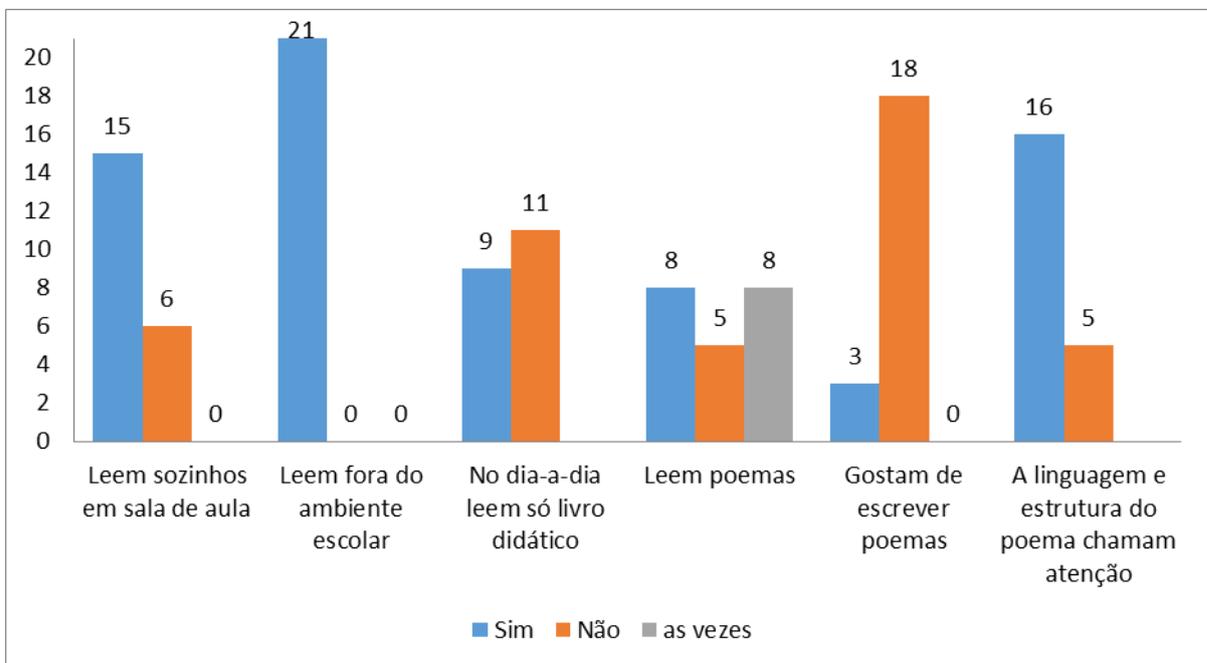


Fonte: Dados gerados da pesquisa

Dos 21 alunos analisados quanto à constituição familiar, houve a predominância de morarem moram com pai, mãe e irmãos doze alunos enquanto outros nove parentes mais

próximos, dentre eles, quatorze são acompanhados às vezes nas atividades escolares por pais ou responsáveis. Quanto à formação escolar dos pais ou responsáveis, a maioria, dezesseis alunos responderam que seus responsáveis possuem formação superior e apenas cinco não tem leitura proficiente, referindo-se ao conto ou leitura de histórias, quatorze responderam que pais ou responsáveis têm o hábito de ler (material obrigatório para estudos) ou contar histórias (essas histórias, lembram eles, os pais contavam quando ainda eram crianças, geralmente para fazê-los dormir) hábito pouco comum na atualidade.

Figura 3- Diagnóstico realizado com os participantes da pesquisa

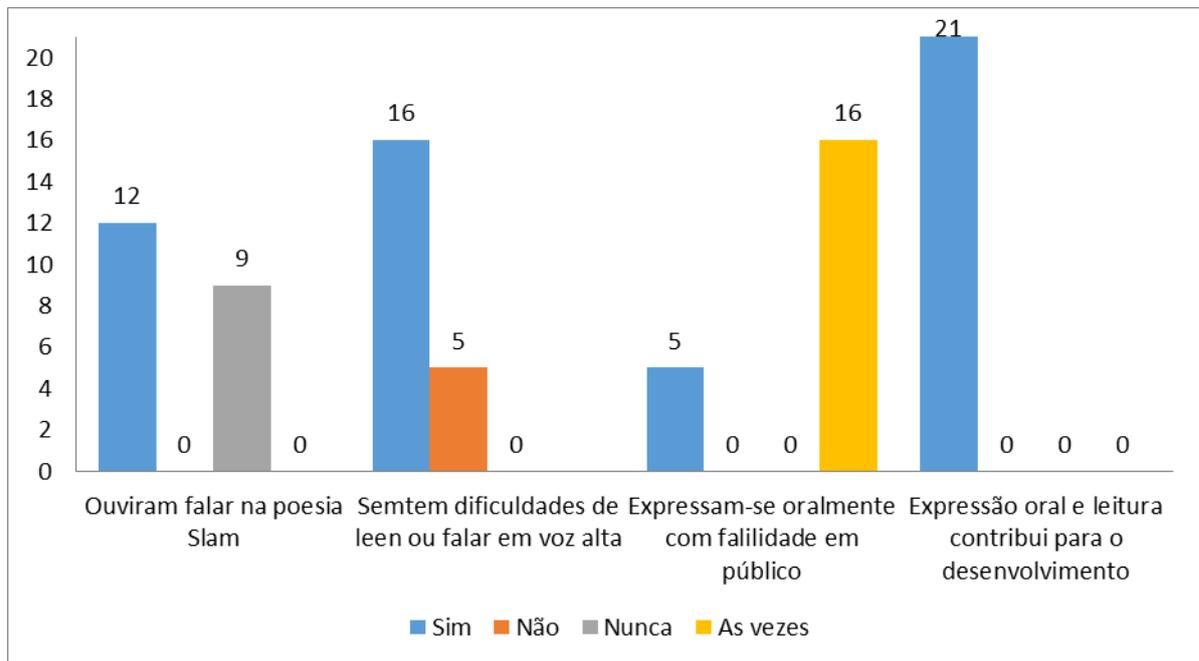


Fonte: Dados gerados da pesquisa

Observamos que 15 alunos preferem fazer leitura individualizada em sala de aula e 6 preferem leitura compartilhada, sendo a leitura fora do ambiente escolar está presente entre todos os alunos, leem textos geralmente pelas redes sociais ou algum livro indicado por professores ou colegas. Quanto aos tipos de texto estudado, houve predominância por onze alunos que preferem ler textos da internet (*Facebook, Instagram, Whatsapp*, instrução de games) e nove alunos só leem o livro didático, também quando solicitado pela escola para realizarem atividades sobre os conteúdos. Sobre hábitos de leitura e escrita, oito referiram gostar de ler e outros oito somente uma vez ou outra. Entendemos que quando eles falam “às vezes” apenas quando é solicitado. Sobre a escrita, a maioria, dezoito, participantes não

gostam de escrever poemas porque acham difícil e verificamos ainda, que embora gostem de ler, essa atração não chega à escrita, pois eles revelaram que é mais fácil ler, do que escrever, mas temos três deles que disseram que gostam de escrever, embora, às vezes, não fique muito bonito, gostam da linguagem usada nos poemas. Quanto à linguagem e a estrutura dos poemas a maioria, dezesseis, revelaram que chama muito à atenção, principalmente quando o poema é lido em voz alta por uma pessoa que leia com fluência (entendemos aqui a presença da *performance*).

Figura 4- Diagnóstico realizado com os participantes da pesquisa



Fonte: Dados gerados da pesquisa

Neste gráfico nos voltamos para uma sondagem da experiência dos alunos, especialmente com poesias, e a maioria doze relatou que já ouviu falar na poesia *slam* através do programa da rede Globo, *Malhação*, vídeos de saraus nas periferias acessados pelo *Youtube* e geralmente indicado por alguns colegas. Sobre o trabalho com a oralidade, dezesseis participantes declaram ter dificuldades para se expressarem oralmente em público, sendo suas maiores dificuldades o medo e a vergonha dos colegas. Todos os alunos disseram que a expressão oral e a leitura são muito importantes para seu desenvolvimento, principalmente quanto à aprendizagem de novos conteúdos e à relação interpessoal na sala de aula, assim como opinar em algum assunto durante apresentações de seminários e outros trabalhos que exigem a fala organizada.

Com base nas informações que obtivemos, elaboramos com mais precisão o subcapítulo que norteia nosso itinerário metodológico, buscando sempre as melhores estratégias para atrair espontaneamente a atenção dos nossos alunos para essa vasta seara do mundo literário.

2.2 Itinerário metodológico

É imprescindível que os professores selecionem e busquem poemas que possam colaborar na formação de leitores proficientes e competentes, porquanto, o trabalho com a poesia realizado em sala de aula, pode indubitavelmente, suscitar encontros felizes que ecoarão mais tarde numa fase mais madura. (FRANCO; TESTA, 2018, p. 211)

Definimos a palavra metodologia como o itinerário que devemos percorrer para a realização de uma ação, enquanto que o método o concebemos como um novo desempenho para alcançar o pretensado patamar que é o conhecimento. Compreendemos que esse fenômeno acontece por meio de experiências e reflexões sobre nossas ações, que devem estar permeadas por um olhar racional e, ao mesmo tempo, científico. Dessa forma, a pesquisa-ação foi eleita como ferramenta que viabilizará nosso trabalho na sala de aula.

Partindo dessa premissa, a pesquisa-ação é imprescindível para nós, professores, que estamos sempre buscando superar desafios de aprendizagem no contexto da sala de aula. Ao conseguirmos organizar, executar, acompanhar e avaliar nosso fazer pedagógico diariamente, a pesquisa-ação torna-se uma fortíssima aliada na construção dinâmica de ensino e de aprendizagem.

Diante da dinâmica da pesquisa-ação, encontramos facilidades para efetivar nosso trabalho numa turma do 8º ano do ensino fundamental. A preocupação e a escolha dessa turma se justificam quanto às dificuldades com a leitura literária no contexto da sala de aula. Desse modo, levantamos a pergunta do problema: Como atrair a atenção dos alunos para novas experiências literárias de uma forma dinâmica, flexível, dialogada e espontânea, provocando neles o desejo e a necessidade de fazer-se ouvir suas vozes e também fazer literatura?

A pesquisa-ação caracteriza-se como um trabalho qualitativo, de caráter investigativo e de qualidade argumentativa, na qual meios e métodos são válidos para redimensionar a validação e o rigor do trabalho de pesquisa por meio da experiência que nos favorece a

autorreflexão de forma coletiva. A partir dessa metodologia, da pesquisa-ação de intervenção, é analisada e compreendida a práxis, observando como acontece no ambiente escolar, de forma a desenvolver o conhecimento de forma cooperativa, entre pesquisadores e participantes.

Planejar a pesquisa ação requer dos pesquisadores atitudes de flexibilidade, visto que sempre haverá novas adaptações frente as circunstâncias que vão surgindo durante o relacionamento dos pesquisadores com a situação ora, investigada (THIOLLENT, 2011, p. 55)

Dessa forma, o autor apresenta as fases da pesquisa como uma sequência no tempo: em primeiro lugar, a “fase exploratória” e, no final, a “divulgação dos resultados”. Definem-se, assim, o ponto de partida e o ponto de chegada, visto que, nos intervalos, vários caminhos poderão ser percorridos em função das circunstâncias que poderão surgir.

Notoriamente, a pesquisa-ação é um método que nos remete à ideia de um conjunto de procedimentos que interligam conhecimento e ação e potencializa os conhecimentos dentro de determinada ação, fornecendo conceitos, aprofundamento em informações sobre as situações que são vivenciadas, com o objetivo de reagir, desprender e transformar a realidade ao nosso redor, como pesquisadores e também sujeitos participantes desse processo. A pesquisa busca apresentar dados referentes ao estado inicial do processo de aquisição da leitura dos participantes, mapeando as dificuldades apresentadas para que, posteriormente, com o plano de ação, sejam aplicadas atividades didático-pedagógicas que serão desenvolvidas a partir da abordagem da poesia *slam*.

Desta maneira, o *slam* possibilita muitas abordagens em sala de aula, pois ele traz comumente temas de relevância social e fala da vida, do dia a dia. Assim, a partir do *slam* a pesquisadora e os alunos, baseados em conhecimentos prévios, podem vivenciar as leituras de poemas, de forma mais dinâmica e socializada. O foco então está na busca por uma melhor compreensão de textos poéticos aproximando-os a situações vividas no cotidiano. Com maior aproximação da poesia *slam*, os jovens estudantes podem explorar determinados temas de forma mais crítica, reflexiva e interventiva.

A pesquisa-ação nos levou a experienciar uma ação coletiva do processo de ensino e de aprendizagem, fortalecendo o letramento literário por meio da vivência de leitura com a poesia *slam*, por meio de realização das oficinas literárias, as quais conduziram nosso projeto de intervenção pedagógica na educação básica. Essa metodologia nos favoreceu a melhor

identificação e resolução dos problemas identificados, visto que nos fornece o contato direto com os participantes:

No processo de pesquisa-ação estão entrelaçados objetivos de ação e os objetivos de conhecimento que remetem a quadros de referências teóricos. Com base nos quais são estruturados os conceitos, as linhas de interpretação e as informações colhidas durante a investigação (THIOLENT, 2011 p. 9).

Durante o desenvolvimento da pesquisa-ação, sempre é preciso pensar, isto é, buscar ou comprovar informações, articular conceitos, analisar ou discutir resultados, elaborar generalizações etc. Todos esses aspectos constituem uma estrutura de raciocínio subjacente à pesquisa. A pesquisa-ação flexibiliza nossa forma de pensar e agir sobre os problemas a serem enfrentados, pois nos permite incorporar raciocínios imprecisos, diálogos ou argumentativos acerca de problemas relevantes, como postula Thiollent:

Não há pesquisa sem raciocínio. Quando não queremos pensar, raciocinar, conhecer algo sobre o mundo circundante, é melhor não pretendemos pesquisar. Além disso, quando queremos interferir no mundo precisamos de conceitos, hipóteses, estratégias, comprovações, avaliações e outros aspectos de uma atividade intelectual. (THIOLENT, 2011, p. 25)

Dessa forma, a pesquisa-ação deve se firmar em alguma forma de ação planejada como objeto de análise, deliberação e avaliação juntamente com os principais participantes, que são os membros da situação que está sendo observada:

Alguns autores têm sentido uma relativa confusão ao darem a impressão de que o principal ator seria o próprio pesquisador. De acordo com nossa compreensão do assunto, o principal ator é quem faz ou quem está efetivamente interessado na ação [...]. O pesquisador desempenha um papel de auxiliar, ou de tipo “assessoramento”, embora haja situações de obstáculos políticos ou outros (THIOLENT. 2011, p. 80).

A partir desses preceitos e para corresponder aos objetivos o plano de ação elaborado por nós para desenvolver uma *performance* poética, através da poesia *slam*, numa turma do 8º, com oficinas literárias utilizando a sequência básica proposta por Cosson (2019), nossa proposta de ação requer conhecer potencialmente os atores envolvidos, como se dão seus relacionamentos (conteúdos (de leitura) e pessoas) na instituição escolar. Portanto, usamos questionário semiaberto como instrumento de coleta de informações sobre nossos colaboradores para, dessa forma, pensarmos em meios (ações) que viabilizem a harmonia entre a pesquisadora e os participantes.

Para viabilizar o andamento da pesquisa, fizemos o levantamento de toda a estrutura da escola pesquisada e seus protagonistas (os estudantes), para, assim, planejar seis oficinas literárias por meio da sequência básica de aprendizagem (COSSON, 2019), as quais se

constituem como interessantes estratégias para o ensino da literatura (e numa nova experiência para esta pesquisadora na modalidade poesia *slam*). Traçamos, como objetivo, provocar nos participantes da pesquisa a necessidade de demonstrar seus anseios e expectativas por meio da oralização de poesias que denunciam e escancaram reações sobre o preconceito contra as mulheres negras. Assim, esses participantes podem construir sua *performance* leitora poética.

2.3 A sequência básica do letramento literário

*Não há ensino sem pesquisa nem pesquisa
nem ensino. Esses que-fazerem encontram-se
um no corpo do outro. Enquanto ensino
continuo buscando, procurando. Ensino
porque busco, porque indaguei, indago e me
indago. Pesquiso para constatar, constatando,
intervenho, intervindo educo e me educo.
Pesquiso para conhecer o que ainda não
conheço e comunicar ou anunciar a novidade.*
(FREIRE, 1996, p. 14)

O caderno das Olimpíadas de Língua Portuguesa, intitulado Poetas da escola (2014, p. 8-10), baseado na teoria de Dolz (2004), apresenta, a nós, profundas reflexões acerca da leitura e da escrita, caracterizando-as como aprendizagens essenciais para que os/as jovens estudantes possam desenvolver vários tipos de habilidades de letramento. Assim, poderá haver maior êxito escolar e mais dinâmicas de inclusão social. Por isso, vemos a importância da compreensão e da produção de textos. Sendo assim, precisamos encontrar meios de desenvolver as habilidades orais de leitura e de feita de textos escritos, uma vez que, são atividades que abarcam as dimensões sociais, culturais e psicológicas, e elas mobilizam todos os tipos de capacidade de linguagem humana.

Sendo assim, a dimensão social, implica o domínio da leitura e da escrita, principalmente como fator fundamental de democratização e inclusão, mas também estes domínios dão acesso a diferentes saberes, já que participam da cultura letrada. E, do ponto de vista psicológico, a apropriação de estratégias de leitura e de escrita é um grande passo para o enriquecimento intelectual dos alunos. Tal enriquecimento, quando adquirido, é muito importante para o desenvolvimento cognitivo, permitindo aos aprendizes estudar e aprender

de modo mais intelectual, mas também afetivo pela questão da autonomia que vem à tona do processo cognitivo. Em relação ao ato de ler, sabemos que ele está ligado ao sistema emocional dos discentes e envolve o sistema consciente, o desenvolvimento e a capacidade verbal. Tudo isso amplia os conhecimentos da língua e do vocabulário, e ainda oportunizam a observação reflexiva de como os textos se ajustam às situações comunicativas, como eles são organizados e quais as formas de expressão que os qualificam.

Desta forma, é necessário que nós, professores, preparemos nossos alunos adolescentes, para que no ato da leitura sejam capazes de realizarem seus registros pessoais, aperfeiçoando suas estratégias de compreensão/interpretação dos textos e do mundo, podendo adquirir uma nova e atraente *performance* leitora, que fortalecerá uma relação mais sólida com a palavra e com a cultura. Cosson (2018) redimensiona o valor da leitura nesse sentido, quando postula:

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando e retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos [...] e assim conceber a literatura como uma experiência única de escrever o mundo e a nós mesmos (COSSON, 2018, p. 120).

Como nos diz o autor, a literatura é uma experiência de mundo. E para que nossos jovens alunos possam desempenhar com maior competência a dinâmica leitora e/ou produtora de textos escritos. Assim, grande parte das práticas pedagógicas estão relacionadas à questão da interpretação (ou da releitura). Por isso, os alunos precisam aprender a relacionar, a nivelar e a encadear as informações do mundo de acordo com a situação de comunicação. Isso tudo tem a ver com seus conhecimentos prévios. Também os estudantes precisam aprender a ler nas entrelinhas o que o texto pressupõe, de modo a organizar todas as informações para dar-lhes um amplo sentido.

Neste sentido, evidenciamos, a seguir, a importância da sequência básica, como eixo do ensino da leitura literária por meio da poesia *slam*. Esse dispositivo de leitura será composto por um conjunto de cinco oficinas, com atividades de leitura oral, produção oral de poesias *slam*, em que a oralização dos poemas em voz alta (*performance*) será a protagonista das nossas práticas de ensino de poesia.

Assim, para justificar a escolha deste estilo de poesia, nós, pesquisadoras, apoiamos tanto no perfil dos participantes da pesquisa quanto nas orientações de Cosson:

Os professores e os alunos que desejam compartilhar esse caminho talvez descubram que a prática do letramento literário é como a invenção da roda. Ela precisa ser reinventada em cada escola, em cada turma, em cada aula. Nessa

reinvenção contínua do mesmo, que não se faz sem oposição, o ensino de literatura passa a ser o processo de formação de um leitor capaz de dialogar no tempo e no espaço com sua cultura, identificando, adaptando ou construindo um lugar para si mesmo (COSSON, 2018, p. 120).

Analisando o que recomenda Cosson (2018), e indo nessa perspectiva, as atividades foram elaboradas sistematicamente com o intuito de desenvolver em nossos alunos adolescentes uma *performance* leitora, que os levem ao letramento literário, fazendo destas aulas de leitura literária uma prática prazerosa de aprendizagem, nas quais eles possam falar ao mundo e a si próprios, uma vez que, o *slam* utiliza a palavra poética, para contar histórias de vida, para romper com os diferentes silenciamentos sociais e, dessa maneira, trazer visões de mundo que podem ser compartilhados.

Dito isso, a nossa prática na sala de aula contemplou o processo de letramento literário e não apenas a simples leitura de poemas, pois, “sendo a literatura uma prática e um discurso cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno” (COSSON, 2018, p. 47), cabe aos professores fornecer essa disposição crítica, levando nossos alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários:

O letramento literário requer a construção de uma comunidade de leitores. É nessa comunidade que oferece um repertório, dentro do qual o leitor poderá se mover e construir o mundo e ele mesmo. Desse modo, o ensino de literatura realiza, um movimento contínuo de leitura partindo do conhecido para desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno (COSSON, 2019, p. 47).

Dessa maneira, vemos que o letramento literário implica formar uma “comunidade de leitores”, que se dá num campo complexo de ações e retroações, e que ajudam a consolidar “o repertório cultural do aluno”.

Assim, verificamos que a sequência básica proposta por Cosson (2018) integra três perspectivas metodológicas, mas elegemos a primeira por corresponder à realidade da nossa sala de aula, com as oficinas. Dessa forma, sob a máxima de aprender e fazer praticando, a sequência consiste em levar o aluno a construir por meio da prática dos seus conhecimentos prévios um novo conhecimento. Para tanto, em cada ato de leitura há também é uma ação do registro, além de ele projetar-se como atividades lúdicas ou associadas à criatividade da *performance* leitora.

No funcionamento da sequência básica vemos o passo a passo de como a desenvolvemos na sala de aula. Lembrando que cabe a nós, professores, visualizarmos outras possibilidades de sistematização em nossas práticas de sala de aula. A sequência básica do letramento literário na escola é constituída por quatro passos, a saber:

- (i) Motivação,
- (ii) Introdução,
- (iii) Leitura
- (iv) Interpretação.

A Motivação consiste em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com o texto, no segundo passo, que é a introdução, depende de motivação, tendo em vista que: “as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir”, como indicado por Cosson (2018, p. 55). Assim, foi necessário oferecer aos alunos uma situação dinâmica que construísse uma boa provocação, na qual ele se sentiu à vontade para se posicionar diante de texto, do tema, e assim problematiza-lo.

Durante a leitura, cada aluno escolheu os poemas que mais lhe chamaram a atenção, sendo que os pequenos intervalos foram dedicados à focalização sobre o tema abordado. Desse modo, os alunos puderam tecer comentários sobre a experiência de leitura, e fazer também uma microanálise de recursos expressivos que interessou destacar. Assim, foi fortalecido o letramento literário, sobretudo a compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos que operam no texto literário:

Ao acompanhar a leitura dos alunos por meio dos intervalos o professor poderá ajudá-lo a resolver ou, pelo menos, equacionar questões que vão desde a interação com o texto a observação das dificuldades específicas enfrentadas por um aluno no intervalo é o único de uma intervenção eficiente na formação de leitor daquele aluno (COSSON, 2018, p. 64).

O último passo corresponde à interpretação, parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as interferências, para chegar à construção do sentido do texto. Essa última etapa estabelece um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade, sem ignorar a complexidade da interpretação, e também sem transformá-la em um obstáculo a ser ultrapassado. Cosson propõe, no cenário do letramento literário, pensarmos em dois momentos: um interior e outro exterior. Segundo o autor, o momento interior é aquele que acompanha a decifração de palavra por palavra, página por página e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura.

Como reforça Cosson (2018, p. 65), "é o encontro do leitor com a obra". O autor reforça que “esse encontro é de caráter individual e compõe o núcleo da experiência da leitura literária, pois é nesse momento que o texto literário mostra sua força levando o aluno a se encontrar em seu labirinto de palavras”. O momento externo citado diz respeito à

concretização, à materialização da interpretação como elo de construção de sentido, pois o letramento literário feito na escola se define com clareza da leitura que se faz fora dela:

Quando interpretamos uma obra, e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ele nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo, dizer no trabalho como aquele livro nos afetou e até aconselhar a leitura dele a um colega ou guardar o mundo feito de palavras em nossa memória (COSSON, 2018. p. 65).

As atividades da interpretação têm como princípio a externalização da leitura, o seu registro. É a partir desse momento que os participantes da leitura literária terão a oportunidade de demonstrar suas habilidades de escrita, seguidas da produção oral, para realizar uma *performance* poética, por meio da produção de poesia *slam*:

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos constituídos individualmente. A razão disso é que por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura (COSSON, 2018. p. 66).

Compartilhar essas interpretações é um desafio para os alunos. Para que possam vencer essa barreira, é necessária a mediação da professora, de forma que possa ajudá-los a compreender o texto poético. A leitura dinâmica, cativante, enfática e emocional feita pela professora será uma estratégia eficaz para superar esses desafios em sala de aula, principalmente quando se trata de texto literário.

Para desenvolver o plano de intervenção que objetivou a potencialização da *performance* poética dos alunos do 8º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Marechal Ribas Júnior, foram selecionados textos poéticos de mulheres ativistas negras que fortalecem a poesia *slam* em todo o país. Esses textos estão reunidos numa antologia organizada por Mel Duarte, poeta *slammer*. A antologia “Querem nos Calar: Poemas para serem lidos em voz alta”, publicada em 2019, reúne a poesia *slam* na voz de dezesseis mulheres negras que denunciam o preconceito, rompendo com o silêncio através da poesia falada. Cada poeta produziu cinco poemas que denunciam, por meio de suas falas, preconceito, racismo e feminicídio, assinalando um terreno na literatura com o poder da palavra que expõe as incertezas, as injustiças e os enfrentamentos no dia a dia do povo.

A referida antologia dispõe de setenta e dois poemas que serviram de suporte de leitura durante a realização das oficinas. Por meio das leituras poéticas e seus intervalos, podemos contribuir para que o letramento literário na turma do 8º ano se efetivasse de maneira espontânea, quando eles perceberam que estas leituras orais de poemas acompanhadas de *performance* poderiam ajudá-los no processo de uma melhor formação leitora e que ainda aprenderam muito sobre as lutas das poetisas *slammers* negras nas lutas

diárias, e dessa forma se sentiram mais inteligentes. (Percebemos aqui uma breve revelação da habilidade do letramento literário).

Destacamos também que o trabalho foi desenvolvido por meio de seis Oficinas Literárias Slam, as quais denominamos com a sigla (OLS) que foram realizadas a partir da sequência básica e expandida, proposta por Cosson (2018). Dessa forma, todos os dias foram promovidos todos os passos, mas de forma diferenciada, para que não se quebrasse o elo entre as leituras e os alunos. As oficinas foram desenvolvidas em dezesseis/ horas aulas com a duração aproximada de três a quatro horas por dia, conforme a complexidade e a recepção dos textos pelos alunos.

Sou professora regente na turma, cujo número de alunos é bastante favorável à intervenção pretendida. Portanto, não houve necessidade de selecionar apenas alguns, visto que os vinte e um alunos que compõem a turma, puderam participar das oficinas que foram realizadas no contraturno, em horário diferenciado e flexível, com autorização da família, da gestão escolar e a partir do próprio interesse do aluno em uma sala personalizada de acordo com o tema, visto que no turno escolhido pela pesquisadora e participantes a escola dispõe de mais salas de aulas vazias. Assim, o tempo necessário para as oficinas ocorreu de forma tranquila, pois os alunos moram aos arredores da escola, o que facilitou a realização das atividades no turno vespertino.

Naturalmente, esse caminho escolhido foi relevante para a efetivação do trabalho de intervenção, devido à organização do tempo e das atividades de outros professores das áreas de ciências exatas e humanas durante o horário em que os alunos, nossos colaboradores, estudam regularmente. Assim, o tempo necessário para as oficinas foi escolhido de forma tranquila.

3 ANÁLISE DAS OFICINAS LITERÁRIAS COM POESIAS SLAM

A poesia é um dos recursos mais encantadores do processo ensino-aprendizagem, visando o crescimento estético, crítico e literário dos alunos. (FRANCO; TESTA, 2018, p. 213)

Figura 5- A obra poética



Fonte: Duarte (2019)

Na língua inglesa, o termo *Slam* refere-se a uma figura de linguagem denominada como onomatopeia, cujo sentido indica o som de uma batida de porta ou janela ou de panela, um barulho que causa impacto – algo semelhante a “PÁ!” na nossa língua portuguesa. É um som que, provavelmente, provocaria a atenção de nossos alunos ao que seria dito pela sonoridade desse “PÁ”. Diante disso, cria-se a oportunidade para propor outras mediações com o espaço literário em sala de aula.

Eis um desafio que nos encoraja a abarcar na escola múltiplas formas de ler e falar poesia, uma vez que nossos alunos precisam adquirir outras percepções e olhares de leitura, escuta e fala de poemas. Todos os dias, presenciamos em salas de aulas atitudes de apatia dos nossos alunos, que, frequentemente, vêm sobrecarregados com problemas e preocupações,

muitas vezes, de origem desconhecidas. Então, essa carga pesa também sobre nós, professores, que tantas vezes não sabemos como agir para suavizar essas situações. Assim, reforçamos que:

A literatura concede ao sujeito o reconhecimento de si, isto é, ela é capaz de fazer com que as pessoas se posicionem como sujeitos perante a cultura, uma vez que os alunos-leitores terão que assumir pontos de vistas e se reconhecerem também nos outros. Por isso, a escola não deve deixar de promover o encontro com a literatura. Ele deve propiciar diferentes “leituras” literárias” (FRANCO; TESTA, 2018, p. 210).

Dessa forma, possibilitar um trabalho que flua encontros ou empatia com a literatura é de extrema importância para munir os alunos de letramento literário e de habilidades para com o texto literário. Para tanto, há que se investir nas práticas pedagógicas que englobem essas *performances* poéticas, concebendo-as como caminhos possíveis para despertar nos alunos o gosto pela literatura. A partir disso, por meio da poesia falada, podemos intervir nas práticas de pedagógicas vividas no dia a dia, em sala de aula, já que envolvem o fazer pedagógico frente à busca de uma efetivação do letramento literário. Como afirmam Franco e Testa (2018),

A poesia é um dos recursos mais encantadores do processo ensino-aprendizagem, visando o crescimento estético, crítico e literário dos alunos, portanto, é imprescindível que se trabalhe de forma eficaz e utilitária esse tão grandioso gênero em sala de aula, promovendo assim o letramento literário (FRANCO; TESTA, 2018, p. 213).

Sendo assim, como apontam as autoras, a poesia pode trazer esse “encantamento” aos jovens alunos, ajudando na constituição do seu crescimento pessoal e intelectual, o que revela a potência da poesia. Nessa perspectiva, realizamos as oficinas literárias com os alunos-participantes e, mais uma vez, reiteramos a justificativa da escolha do objeto da nossa pesquisa.

As oficinas literárias foram realizadas no Colégio Estadual Marechal Ribas Júnior (no município de Sítio Novo do Tocantins-TO), com a turma 82.01 Ensino Fundamental, com duração de dezesseis horas/aulas no período de 02 a 10 de março de 2020 e de 26 a 27 de novembro de 2020 (devido a Pandemia Covid-19). As OLS foram concentradas na área de conhecimento de linguagens (componente curricular de Língua Portuguesa). Para cada oficina, apresentamos, no quadro abaixo, as expectativas de aprendizagem contemplando as competências e habilidades propostas pelo DCT (Documento Curricular do Tocantins, alicerçado pela da Base Nacional Comum Curricular-BNCC). Vejamos a seguir o Quadro 01:

Quadro 01- Expectativas de aprendizagem nas OLS

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM NAS OFICINAS LITERÁRIAS <i>SLAM</i> POR MEIO DA SEQUÊNCIA BÁSICA DO LETRAMENTO LITERÁRIO			
Oficinas	Habilidades	Eixo temático	Objetos de conhecimentos
1 ^a 4h/aulas 02/03/2020	Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações e registrando comentários sobre os temas abordados durante e após as leituras. (EF89LP33)	Leitura Oralidade Semiótica	Estratégias de leitura. Adesão às práticas de leitura. Apreciação e réplica.
2 ^a 4h/aulas 04/03/2020	Analisar os efeitos de sentidos decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (alusões, retomada) entre os textos literários (poéticos) e os vídeos com a Oralização das poetisas <i>slammers</i> . (EF89LP32) Ler de forma autônoma, e compreender- selecionando procedimentos e estratégia de leitura adequado ao objetivo, levando em conta as características da poesia Slam. (EF89LP33)	Análise linguística (recursos expressivos) Leitura Oralidade	Estratégia de leitura Apreciação e réplica Oralização
3 ^a 3h/aulas 06/03/2020	Identificar e analisar posicionamentos defendidos nas leituras de textos polêmicos e se posicionar frente a eles. (EF69LP11)	Leitura Oralidade	A história da poesia <i>Slam</i> no Brasil. Apreciação e réplica de poesias <i>Slam</i>
4 ^a 3h/aulas 09/03/2020	Desenvolver estratégias de planejamento elaboração e avaliação de textos orais, considerando sua adequação ao contexto, a forma composicional e estilo do gênero, como a modulação da fala, entonação, ritmo, intensidade e respiração. (EF69LP12)	Leitura Oralização	Estratégias para a declamação de poesias <i>Slam</i> Produção de poemas <i>Slam</i>

Fonte: Elaboração da autora

(Continuação do quadro 1- Expectativas de aprendizagens nas OLS)

EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM NAS OFICINAS LITERÁRIAS <i>SLAM</i> POR MEIO DA SEQUÊNCIA BÁSICA DO LETRAMENTO LITERÁRIO			
Oficinas	Habilidades	Eixo temático	Objetos de conhecimentos
4 ^a 3h/aulas 09/03/2020	Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura da obra literária, receptivos a texto que rompam com seu universo de expectativas, que representam um desafio em relação as suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre o gênero e a temática e nas orientações dada pela professora. (EF69LP49)	Leitura Oralização	Estratégias para a declamação de poesias <i>Slam</i> Produção de poemas <i>Slam</i>
5 ^a 4h/aulas 10/03/2020	Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias como rodas de leitura, manifestações artísticas, festival de poemas, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva, justificando suas apreciações e registrando seus comentários em vídeo-minuto. (EF69LP46)	Leitura Análise linguística/ /semiótica Oralidade	Produção de textos orais de poema <i>Slam</i> (produção de vídeo-minuto)
6 ^a 3h/aulas 26/11/2020 27/11/2020	Declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa, empregando os recursos linguísticos/paralinguísticos cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamento, o tom e o timbre vocal, bem como os eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão. (E69LP53)	Leitura Oralização (Performance)	Estratégias para a declamação performática de poesias <i>Slam</i>

Fonte: elaboração da autora

Destacamos que adotamos a sequência básica do letramento literário proposto por Cosson (2018), a saber: (i) Motivação, (ii) Introdução, (iii) Leitura e (iv) Interpretação.

Porém, foi adaptada à nossa realidade em sala de aula, em que tentamos seguir esses passos para melhor condução da leitura literária durante todas as atividades.

Selecionados textos poéticos de mulheres ativistas negras, pois acreditamos que elas fortalecem a poesia *slam* em todo o país e porque precisamos cada vez mais dar visibilidade a essas vozes. Assim, por meio das leituras dos poemas *slam*, fizemos os intervalos para reflexões sobre os textos lidos, socializando sobre os temas abordados no texto poético. Assim, realizamos o entretencimento dos enunciados, compreendendo, finalmente, a construção do sentido do texto, a interpretação, momento que, mesmo sendo um ato social, também se caracteriza como um ato pessoal e íntimo, como defende Cosson (2018, p. 65).

Descrevemos a seguir as seis OLS desenvolvidas na escola campo da pesquisa.

Quadro 02- Primeira Oficina Literária *Slam*:

PRIMEIRA OLS (/4 horas/aula)			
Motivação	Introdução	Leitura	Interpretação
<p>*Sala ambiente: chá literário: Poema Slam “Querem nos calar”, de Mel Duarte, em cartaz a ser lido em voz alta pela professora (eu)</p> <p>*Self-service: salada de frutas</p>	<p>*Espaço literário: um convite à palavra: Self-service de poemas <i>Slam</i> distribuídos, entre almofadas num tapete no centro da sala.</p> <p>*Ao convite da professora, todos os participantes e a pesquisadora, inclusive, escolhem um texto poético de sua preferência, entre as quinze <i>slammers</i> que fazem parte da antologia.</p>	<p>*Formação de círculos de leitura de poemas na sala de aula: cada um dos participantes apresenta seu o texto, lendo em voz alta um dos poemas escolhidos (a professora pode encorajá-los, sendo a primeira a ler).</p> <p>*Após a leitura, todos deverão escolher uma frase contida no texto que exprima qualquer tipo de sentimento, escrevendo-a numa folha em letras graúdas e dispendo-as sobre a mesa.</p> <p>(intervalo)</p>	<p>*Socialização dos poemas lidos e registro das experiências de leitura do dia.</p> <p>*Cada participante fala sobre o efeito que o poema produziu em seu comportamento e justifica a escolha da frase que traduz um sentimento ou acontecimento em sua vida. (1º registro em sua caderneta literária).</p>

Fonte: Elaboração da autora

Para início de uma boa conversa e de uma boa leitura, preparei uma sala ambiente para acolher a todos os participantes de uma forma bem diferenciada, onde eles pudessem se sentir completamente à vontade e como convidados ilustres, na busca de envolvê-los em todos os

seus sentidos. A intenção era impactá-los, trazendo-lhes outros modos para vivenciar as práticas de leituras.

Caracterizei a sala ambiente com desenhos e fotos de mulheres *slammers* negras, coloquei um *banner* com a ilustração da capa do livro, organizei um varal com os textos poéticos da antologia escolhida “Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta”, organizada por Mel Duarte, poeta *slammer* negra, além de outros poemas canônicos já conhecidos por eles. A ideia era ver a reação de cada um quanto à recepção desses textos e do ambiente de trabalho em sala de aula. Fixei um cartaz com letras bem graúdas, no qual continha o poema de Mel Duarte “Querem nos calar”. Além disso, dispus uma mesa com chamativas saladas de frutas. Recepionei os alunos-participantes à porta da sala, quando foram admiravelmente pontuais. Convidei-os a sentarem-se nas carteiras dispostas em círculos, depois dei as boas-vindas, um crachá de identificação para cada um(a) deles(as) com seus nomes, o nome do projeto e o nome da professora (eu), para que fossem facilmente identificados pelos funcionários e demais pessoas da escola, visto que estávamos realizando as atividades no contraturno (vespertino). Apresentamos o projeto aos alunos-participantes, incitando-os a ler a faixa com o nome e o objetivo do projeto, que ficaria exposta durante todas as atividades das oficinas literárias, ou seja, durante toda a semana.

Para motivá-los, fiz a leitura em voz alta muito performática (alterando sons na fala conforme a letra do poema, reagindo com gestos e expressões faciais a cada estrofe lida) do poema “Querem nos calar”, fixado ao quadro branco. Ao terminar a leitura, curvei-me levemente, quando ganhei de presente uma estrondosa “salva de palmas”. Fiquei emocionada e feliz, pois sempre gostei de ler em voz alta, principalmente poesias. É revigorante! Após a leitura, voltamos para a foto da autora Mel Duarte e fiz uma breve apresentação dela. Os alunos ficaram surpresos, pois ainda não tinham ouvido falar dessa poeta *slammer*. Perguntei se conheciam alguma poeta e timidamente murmuraram nomes como Cecília Meireles, Ruth Rocha e Rosana Murray, certamente algumas lembranças das leituras nas salas de aula nas séries iniciais.

Levei todos até o varal de poemas, quando observaram e escolheram um texto que mais lhes despertasse interesse. Enquanto os estudantes escolhiam e socializavam entre si, fiquei observando como nossos alunos agem diferente quando o espaço da sala de aula ganha uma nova vestimenta, um novo contexto. Após a escolha dos poemas (eu também escolhi), sentei e comecei a dialogar com meu texto em silêncio, apenas nos olhando - o texto e eu. Observei que os alunos faziam o mesmo, voltando aos seus lugares e estabelecendo um

relacionamento com aquelas palavras escritas, embora alguns dividissem seu olhar entre o texto, os colegas e eu, mas essa atitude é natural, pois tudo parecia novo para eles.

Após alguns minutos, comecei a falar sobre minha escolha, a poesia “Não serei anônima”, de Rayanne Leão. Quando revela que deseja que sua palavra seja ouvida e replicada, justifiquei os motivos que me levaram a querer ler aquele poema. A estratégia deu certíssimo. Ao perguntar quem seria a próxima pessoa a revelar o motivo de suas escolhas, timidamente duas meninas levantaram as mãos. Então, para eleger a primeira, sugeri que decidissem por meio de uma equação matemática “par ou ímpar”: uma à minha direita e outra à minha esquerda, fizeram o jogo e quem ganhou ficou à vontade para se pronunciar. A partir dessa dinâmica, começamos uma conversa acerca das nossas impressões sobre os poemas escolhidos pelas alunas.

Entre os textos selecionados, havia poesias *slam* e dois clássicos de Cecília Meireles. Na justificativa da escolha, foram brevíssimos e falaram sobre o título, nomes das autoras e o possível tema tratado no texto. Passado esse momento, propus que cada um de nós relêssemos em voz alta o título do poema, o nome da autora e uma estrofe, o que foi de fato feito. Eu fui a primeira, para encorajá-los a falar com a voz e o corpo também. Embora a timidez ainda imperasse, alguns (três alunas e um aluno) conseguiram ler sem tropeços e combinando as rimas, dando, assim, à leitura uma expressão estética, boa de ouvir, com ritmo muito agradável. Percebi nitidamente que quem não conseguiu ler com desenvoltura admirava atentamente aqueles que “cantaram” o poema.

Após as leituras, pedi que todos identificassem nos poemas, frases que lhes despertassem sentimentos e emoções, transcrevendo-as para uma folha A4 em branco, com letras grandes. Recolhemos as frases e as dispomos sobre o tapete para que todos lessem em voz alta, o que foi prontamente aceito: lemos individualmente, depois coletivamente. Fixamos as frases no quadro branco em fileiras. Foi feito um intervalo de dez minutos para o lanche, um *self-service* com salada de frutas, quando cada pessoa se servia e se descontraía observando as fotos, os textos, tecendo comentários entre eles.

Apresentamos aqui os alunos e alunas participantes da pesquisa, porém com nomes fictícios (de poetas brasileiros) para efeito de proteção da identidade. Ao ler o poema, todos escolheram frases exploradas no texto poético, apresentando, também, os sentimentos que elas lhes causaram:

Carlos Drummond de Andrade: “Pretinha, a tua força vai mudar o mundo”! (Coragem para viver melhor)

Clarice Lispector: “Eu me recomponho depois das lutas!” (Resistência e Resiliência)

- Cora Coralina: “Minha pele me ensinou a resistir!” (Persistência)
- Manuel Bandeira: “A dor e a repressão doem” (Angústia e Opressão)
- Adélia Prado: “Resisto aos picotes da vida” (Força e Coragem)
- Hilda Hilst: “Chamaram-me de piche” (Preconceito/e Desrespeito)
- Manuel de Barros: “Agradeço por ver a beleza do mundo” (Gratidão)
- Cecília Meireles: “Racismo é resolver tudo na bala” (Violência e Morte)
- Ferreira Gullar: “Ditadura é silenciar todas as falas” (Tortura e Silenciamento)
- Conceição Evaristo: “Sabemos pensar!” (Inteligência e atitude)
- Ana Cristina César: “Poesia é desaprender gramática” (Liberdade para escrever)
- Alice Ruiz “Não sou pedra pra ser tão dura” (Reconhecimento)
- Fernando Pessoa: “Negro é a raiz da liberdade” (Consciência)
- Professora Maluquinha: “Se querem nos privar, ocuparemos espaços!” (Atitude)
- Carolina de Jesus: “Toda mulher que fala é invencível” (A grandeza do valor da voz da gente)
- Gilka Machado: “Se querem nos calar, vamos falar mais alto” (Persistência e Coragem)
- Rachel de Queiroz: “Sou filha de preta” (Orgulho e identidade)

Como podemos constatar, nossos alunos já começam a exteriorizar seu potencial, pois, a partir da leitura dos poemas, refletiram sobre tópicos que acharam relevantes no momento. Após o intervalo, retornamos às nossas últimas atividades do dia. Fizemos a leitura das frases em voz alta. Escolhi uma e comecei a falar sobre os efeitos que ela produziu em mim. Falei sobre as experiências pessoais e das minhas memórias referentes àquele enunciado que me encorajava a ter atitudes durante toda a minha vida.

A partir dessa iniciativa, consegui que metade dos participantes se manifestassem, enquanto os outros estavam tímidos e apenas observavam, dizendo que não queriam falar. Assim, respeitando o tempo e o ritmo de cada um, pedi que escrevessem para si mesmos, nos seus cadernos, o efeito que a frase escolhida produziu nas suas lembranças ou que descrevessem o entendimento sobre ela no contexto de mundo, do seu mundo ou até mesmo na vida de outras pessoas.

Sugeri que cada pessoa trocasse o poema escolhido com o outro colega, fazendo, a partir disso, uma nova leitura em casa, sendo que, no dia seguinte, poderíamos falar sobre esses poemas, trocando experiências de leitura. Também troquei meu texto com uma das participantes. Para a oficina seguinte, lancei um desafio: Quem brilharia na leitura de poemas?

A animação foi unânime. Continuamos a conversar sobre o movimento do corpo, o tom de nossas vozes, e ensaiamos um breve momento uma performance na leitura do poema que seria lido no dia seguinte. Os meninos se espelhavam na leitura das meninas, e assim se

encorajavam e arriscavam o diálogo entre texto, voz e o corpo. Pude perceber que durante esses momentos descontraídos de leitura espontânea, nossos alunos adotavam um comportamento bastante diferente daquele de outrora, quando se refugiava num canto da sala de aula. Diante desse fato, refleti profundamente sobre a importante mediação do professor com o trabalho literário na sala de aula, e o quanto se faz urgente essa parceria com nossos alunos para que eles vejam a leitura como uma fonte de inspiração.

Sob a expectativa da leitura performática para o dia seguinte, despedimo-nos e fomos para casa levando a lição, na qual nos deleitamos, à noite, com o prazer que a poesia nos proporciona. Seguem descritos os passos da segunda Oficina Literária:

Quadro 03 - Segunda oficina literária

SEGUNDA OLS (3horas/aula)			
Motivação	Introdução	Leitura	Interpretação
<p>Sala ambiente: ice cream <i>with poetry</i>.</p> <p>Leitura em voz alta do poema da slammer, Ryane Leão, “Não serei anônima” (professora).</p> <p>Cartaz ilustrado com a capa do livro “Querem nos calar” exposto no quadro branco.</p>	<p>Apresentação da Antologia “Querem nos Calar: poemas pra serem lidos em voz alta”, de Mel Duarte (capa do livro).</p> <p>Apresentação do vídeo com apresentações performáticas da poetisa <i>slammer</i> no festival “Slam da Guilhermina”, de São Paulo.</p>	<p>Escolha de textos poéticos na “árvore literária”;</p> <p>Rodas de leitura compartilhada;</p> <p>Focalização sobre os temas abordados e comentários sobre a experiência com o texto, analisando os recursos expressivos típicos da poesia <i>Slam</i>.</p> <p>(intervalo)</p> <p>Discussão sobre os temas abordados pelas poetas <i>slammers</i>;</p>	<p>; Observação e intervenção sobre o texto poético com ênfase nos recursos expressivos, como as rimas, as pontuações e as figuras de linguagem.</p>

Fonte: Elaboração da autora

Na segunda oficina literária, os alunos foram recebidos por mim, sendo a acolhida caracterizada por um *ice-cream com poetry* (sorvete com poesia). Enquanto os participantes saboreavam seu sorvete, eu lia para eles integralmente meu poema escolhido no dia anterior e trocado pelos participantes. Em seguida, apresentei-lhes o *banner* com a capa do livro da antologia de poemas “Querem nos calar: Poesias para serem lidas em voz alta”.

Após esses momentos, cedi o espaço de fala para as antecipações da leitura, de modo que os estudantes pudessem fazer a inferência por meio das imagens, aguçando seu conhecimento prévio. Em seguida, fizemos a inferência dos elementos que compõem a capa do livro e assistimos a um vídeo no *Youtube* com apresentação de Mel Duarte, recitando um dos seus poemas performaticamente, no festival “Slam da Guilhermina”, em São Paulo. Socializamos sobre a *performance* da poeta, sua alternância de voz, expressão facial, uso das mãos (gestos).

Em seguida, pedi a todos que falassem sobre o texto poético lido em casa. A maioria relatou que gostou de algumas partes (estrofes) do texto, enquanto outros estudantes gostaram do jogo de rimas, mas todos confirmaram a leitura do poema. Pedi que apontassem no texto palavras ou expressões que provocaram suas atenções. Assim, alguns dos nossos alunos se afeiçoaram as disposições das estrofes no texto, onde perceberam que não havia uma regra específica com o número de versos, enquanto outros optaram pela sintonia entre rimas, além da reflexão que o tema abordado sugeria. Expomos, por exemplo, o poema “*Cordel fora do armário*”, da poeta *slammer*, Laura Conceição, lido por Evaristo Conceição, de 13 anos (nome fictício) uma de nossas alunas que leu o poema com grande desenvoltura e socializou com a turma o tema proposto que é homofobia. Podemos perceber que a aluna já possui um letramento literário quando identifica o tema proposto, ler com ritmo e entonação e ainda fomenta o desejo de debate sobre o assunto quando argumenta que o título do poema já convida o leitor a fazer uma inferência prévia sobre o que vai ser dialogado no texto.

Essa é minha historia
 Incrível caso vim contar
 A poesia hoje me aflora
 Trouxe versos na sacola.
 Dizem que sou criativa
 Muita gente me incentiva
 Surgiu então um babado
 Pra desfazer malfalado
 Eu assumo amar meninas.

(DUARTE, 2019, p. 89)

A provocação leitora de Conceição Evaristo incentivou os participantes a lerem o texto na íntegra e coletivamente e sem nenhum contratempo, ela reiniciou a leitura, escolhendo a próxima pessoa à sua esquerda dar continuidade na segunda estrofe e assim por diante. A

leitura do poema foi muito interessante, pois a cada estrofe a sonoridade ia se estabelecendo de forma mais atraente.

Outro poema que chamou a atenção se intitula “*Rafael da Silva Lima*”, autoria de NegaFya. Esse texto foi escolhido por Carlos Drummond de Andrade (14 anos). Ele leu o texto em ritmo de *rap*, no seu ponto de vista, parecia mais uma música contando a história de um rapaz, e quando indagado, respondeu que disposição das estrofes era diferente dos outros poemas. Vejamos alguns versos:

Homem menino, aos 17 foi batido
 Com pai e mãe ausente ele já segurava um pesado pente.
 Já experimentou todos os horrores, em sua vida teve poucos
 Amores.
 Presenciando briga constante de pai e mãe ele se tornava cada vez
 Mais distante.
 Aos 13, sua primeira ação. Fez um assalto, deu tudo certo, aí f!
 Ele já tava
 No crime.

(DUARTE, 2019, p.181)

A leitura dos versos, por Carlos Drummond de Andrade, convidou a turma para um breve debate sobre a vida de crianças, adolescentes e jovens que são levados para o mundo do crime, nos levando a refletir sobre as possíveis causas que desviam essas pessoas da escola e da vida em sociedade, levando-as à morte precoce. Todos queriam ler o poema e conhecer toda a história do eu-lírico, e mais uma vez, optamos pela leitura coletiva, onde cada pessoa lia um verso da história de Rafael. Foi um momento comovente, todos, unanimemente, ficaram em silêncio por alguns segundos.

Ao término da leitura compartilhada, pedi que se agrupassem, tecessem comentários sobre os poemas lidos e identificassem palavras e/ou expressões que lhes pareceram curiosas. Alguns alunos comentaram sobre os palavrões, estranhos para uns, para outros, apenas mais um vocábulo, as repetições de palavras no poema e a presença constantes das pontuações, ressaltando a importância desses recursos no texto poético para reforçar a *performance* corpo/voz.

Depois, formamos dois grupos e relemos os poemas alternadamente, ensaiando, ainda timidamente, um diálogo entre voz e expressões faciais. Foi nossa primeira tentativa de vivenciar a leitura performática, na qual, mesmo com a evidente timidez, duas a três pessoas conseguiam entonar a voz usando os pontos de interrogação exclamação para entonar sua voz.

Aconselhei que levassem outros textos para leitura individual e dialogada, refletindo sobre o posicionamento do eu-lírico para que pudessem criar novas expressões faciais e corporais de acordo o tema explorado, na frente do espelho, podendo também gravar, assistir e avaliar sua *performance*. Sugeri também que acessassem pelo *Youtube* as batalhas de *spoken word* no Slam das Minas para que pudessem analisar melhor a *performance* leitora das poetas.

Quadro 04 - Terceira oficina literária

TERCEIRA OLS (3horas/aula)			
Motivação	Introdução	Leitura	Interpretação
<p>Acolhida: poetisa da cidade declamando alguns de seus poemas (Juliane, poeta negra).</p> <p>Apresentação de Juliane e sua obra “Eu amadora” (2019).</p> <p>Conversa informal sobre sua <i>performance</i> poética.</p>	<p>Apresentação da epígrafe, escrita a apresentação por Mel Duarte, e o prefácio, por Conceição Evaristo, da antologia “Querem nos Calar: Poemas para serem lidos em voz alta”.</p> <p>(conhecendo a obra)</p>	<p>Experieciar em voz alta e compartilhada a leitura da epígrafe, apresentação da obra e o prefácio, conhecendo assim a origem e a história da poesia Slam no Brasil.</p> <p>(intervalo)</p>	<p>Socialização com a turma sobre as dificuldades e/ou expectativas da turma sobre o novo gênero literário.</p> <p>Relato e registro da nova experiência literária sobre a história da poesia <i>Slam</i> e sua importância como liberdade de expressão.</p>

Fonte: Elaboração da autora

Na terceira oficina literária, preparei uma surpresa para os participantes da pesquisa. Estávamos na sala socializando sobre coisas do dia a dia, como uma forma de levá-los a falar descontraidamente, quando, de repente, entra Juliane, uma mulher negra, professora e poeta, declamando seu poema “Levem-na à terapia”. Naquele jogo de vozes, de palavras e de expressões gestuais, Juliane fala poeticamente seu texto e os alunos ficaram hipnotizados pela *performance* da poeta. Depois, Juliane revela àqueles jovens alunos como a poesia a salvou de tantos abismos e desventuras. A poeta confessa que a poesia a ajudou a enfrentar seus medos, limites e lhe deu esperanças para uma vida melhor.

Após a apresentação poética, realizamos uma entrevista com Juliane: cinco alunos conduziram a entrevista com a poeta e as perguntas foram sorteadas. Juliane respondeu cada umas delas, cujo teor recaiu na vida e produção da poeta (como começou, por que começou a escrever poesia, como ela fluía, sobre a publicação do livro “Eu amadora”, publicado em

2019). Esse momento foi muito importante para os estudantes, pois puderam constatar mais uma vez como a poesia pode ajudar a falar de nós mesmo, por nós ou para nós. Fizemos o lanche, agradecemos à Juliane, oferecendo-lhe um pequeno mimo, e a convidamos para vir mais vezes à escola.

Nossa leitura compartilhada no terceiro dia de oficinas foi referente à epígrafe e ao prefácio da antologia organizada por Mel Duarte, na qual se conheceu a origem e o conceito da poesia *slam*, bem como a luta das mulheres negras por igualdades sociais. Após a leitura, falamos dos pontos sinalizados pela maioria dos alunos: a poesia e sua origem, a importância da palavra como poder de comunicação oral e escrita, o objetivo de escrever o livro, a importância de se criar o *slam*.

Depois de discutirmos sobre esses pontos, sugeri que todas registrassem suas conclusões sobre a obra. A atividade de leitura para casa foi o acesso pelo *Youtube* aos saraus de poesia, registrando nomes de poetas, temas abordados no poema e que seriam socializados na próxima oficina, quando todos teriam seus celulares para compartilharmos vídeos de saraus e festivais de poesias *slam*. Vejamos o Quadro 05, com as ações:

Quadro 05 - Quarta oficina literária *Slam*

QUARTA OLS (2horas/aula)			
Motivação	Introdução	Leitura	Interpretação
<p>Sala de vídeo: <i>CinePipocSlam</i></p> <p>Apresentação em vídeo (<i>Youtube</i>) da <i>performance</i> poética das <i>slammers</i> que participam do festival “<i>Slam das Minas</i>” em São Paulo.</p> <p>O documentário “<i>Slam das Minas – Seja heroína, Seja marginal</i>”.</p> <p>Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xNWBpKcsY4w</p>	<p>Mesa redonda: Discussão sobre os temas abordados pelas poetisas.</p> <p>Contextualização desses temas a partir da realidade de nossa comunidade</p>	<p>Leitura compartilhada dos poemas</p> <p>“Garganta” de Roberta Estrela Dalva, “Não serei anônima” de Rayanne Leão. “Fera Ferida e “Descendentes de Guerreiros”, de Nega Fia.</p> <p>(intervalo)</p>	<p>Socialização sobre a <i>performance</i> poética das autoras, e o uso dos recursos expressivos como as rimas, a entonação, o ritmo e a intensidade da voz; a ênfase de palavras, marcadas por pontuações como os dois-pontos, vírgula e reticências; e a semântica, como o caso dos parônimos.</p> <p>Registro das impressões na caderneta poética.</p>

Fonte: Elaboração da autora

Na quarta oficina literária, nossa motivação foi o *CinepipokSlam*, na sala de vídeos. Ao receber os alunos no portão de entrada da escola, convidei-os a me acompanharem na sala de vídeo, onde, ao sabor de pipocas, guaraná e poesias, ouvimos e vimos pelo *Datashow* algumas poetisas *slammers* recitando seus versos nas praças da periferia da Grande São Paulo.

Depois do vídeo, pedi que mostrássemos o que havíamos pesquisado no dia anterior sobre saraus de poesia *slam*. Todos mostraram seus vídeos, com alguns optando pelo mesmo poema, embora tenha havido muita participação nessa atividade extraclasse. Após a socialização, assistimos ao documentário do Slam das Minas intitulado “seja heroínas, seja marginal”, no canal do *Youtube*. O vídeo chamou a atenção de todos pela dinâmica da *performance* das *slammers*.

Ao voltarmos à sala de aula, promovemos uma discussão sobre os temas abordados pelas poetisas. Elencamos cinco temas e os contextualizamos a partir da realidade da comunidade sitionovense, os quais diziam respeito a homofobia, preconceito, racismo, entre outras formas de discriminação e preconceito. Em seguida, compartilhamos a leitura dos poemas “Garganta”, de Roberta Estrela D’alva, e “Descendentes de Guerreiros”, de Negafya.

No intervalo da leitura, falamos sobre a *performance* das poetisas ao recitarem seus textos, buscando compreender como corpo e voz reagem diante do falar poético e o quanto essa postura enriquece a ação de recitar nossos textos literários. Os recursos expressivos como a entonação da voz, as rimas, a intensidade (baixa/alta/devagar/rápido) da voz e a ênfase das palavras marcadas pelas pontuações foram identificados na declamação de poemas *slams*.

A partir desse momento, concordamos em ensaiar novas leituras dos poemas, priorizando os elementos como a melopeia (som) e a logopeia (reflexão) como estratégias para nivelar a entonação, o ritmo e a intensidade da voz, assim como promover a reflexão sobre o tema presente no poema, adquirindo assim a *performance* leitora. Para tanto, reescrevemos o poema e montamos o seguinte esquema na transformação de algumas palavras no texto poético:

- (i) Voz alta: em caixa alta
- (ii) Voz baixa e lenta: minúscula e separada
- (iii) Voz alta e com ênfase: caixa alta e separada por sílabas.
- (iv) Reticências (...): breve pausa (respira)

Notei que os alunos estavam apreensivos, mas animados com essa nova estratégia pedagógica de leitura. Por isso, apresentei dois textos seguindo a combinação do esquema produzido por nós, enquanto os alunos se familiarizavam com as novas formas de palavras-

sons e vocalizações. Assim, também me pus a refletir sobre a importância da mediação do professor com os textos literários na sala de aula. É relevante e necessário o papel do professor como leitor incentivador, pois o poema lido em voz alta evoca sensações, impressões, sentimentos, ideias, imagens, além de despertar vários tipos de sentimentos, os quais os alunos dialogam consigo mesmos, podendo descobrir como a poesia é um meio de comunicação estética, mas que pode apresentar tons bem subjetivos. Depois, iniciei a leitura do poema “Descendentes de guerreiros”, de NegaFya:

DESCENDENTES DE GUERREIROS

Sou descendente de ZUMBI e de DAN/DAA/RA,
Sou MULHER, GUER/REI/RA e IN/JU/RI/A/DA
Venho AQUI para COO/BRAR tudo que nos foi n-e-g-a-d-o
Há 500 anos. RA/CIS/TAS não passarão!
RACISTAS n-ã-o passarão!

Se preparem BRANCOS! Vou CO/BRAR minha mãe sendo e-s-t-u-p-r a-d-a
Nas senzalas
Nas madrugadas, vou cobrar MEU PAI sendo jogado do navio POR TEN/TAR
resistir a escravização.
Se VOCÊ não escutou, vou RE/PE/TIR: SOU DESCENDENTE DE ZUMBI, eu
Vou COBRAR a morte dos meus i-r-m-ã-o-s.

RA/CIS/TAS não passarão! Se PREPAREM, BRANCOS!
Porque sou MULHER NE/GRA e INJURIADA
Comece a REZAR para seu deus que eu queira USAR um DIPLOMA
E NÃO uma a-r-m-a para te derrotar nessa batalha.

(DUARTE, 2018, p.183)

Também apresentamos o poema “Garganta”, de Roberta Estrela D’Alva:

GARGANTA

A garganta é a gruta que guarda o som.
A GAR/GAN/TA está entre a MENTE e o **c-o-r-a-ç-ã-o**
Vem coisa de cima, vem coisa de baixo e de REPENTE: um NÓ
E o que eu quero dizer...
Às vezes, acontece um negócio esquisito:
Quando eu quero **f-a-l-a-r**, eu GRI/TO,
Quando eu quero g-r-i-t-a-r, eu FALO.
O resultado?... CALO!
CAMADAS e CA/MA/DAS de amor recolhido.
FENDAS, RACHADURAS, SUCOS, BOLSAS, ADENOIDES, ES/FE/NOI/DES,
m-a-r-i-p-o-s-a-s... b-o-b-o-l-e-t-a-s...

Dando **a-d-e-u-s**

Dando a DEUS

Por que ainda, as vezes eu fico só, SEM VÓS?
Sendo que **t-u-d-o** que quero é estar com /VOZ?/
Porque VÓS é quem me dá tudo.
É quem ME DÁ A VOZ, O SUSTENTO E A A/LE/GRIA DE CANTAR
Por isso... Um dia pedi que /VÓS/ sempre comigo estivesse.

E um pensamento veio em resposta: DUVIDAR QUE DENTRO DE MIM HÁ VOZ,

Não é o mesmo que **d-u-v-i-d-a-r** de VÓS?

(DUARTE, 2018, p. 189)

Ensaíamos as leituras várias vezes, individualmente, em duplas, em trios. Certamente, alunos liam com mais fluência performática, enquanto outros, que apresentavam mais dificuldades, ainda continuavam demonstrando timidez na apresentação da *performance* leitora. Porém, todos se puseram a ler do seu jeito e na tentativa de seguir o esquema, sendo que, como resultado de toda essa experiência, nossos alunos faziam a leitura de forma espontânea, pois não se sentiram cobrados e tampouco monitorados. Sentiam que realmente faziam uma oficina de leitura, na qual cada um deles, como leitores, queria superar o outro, buscando assim aperfeiçoar a sonoridade do texto declamado.

Desse modo, percebemos que a estratégia de mediação de leitura e *performance* leitora tinha funcionado muito bem, principalmente, pela utilização do esquema elaborado por nós, pois as palavras pareciam brincar ao soar com ritmos e entonações diferentes. Então, combinamos que as mulheres ficariam com o poema de NegaFya, e os homens com o poema de Roberta Estrela D'alva. Analisaríamos as *performances* uns dos outros. A leitura ocorreu da seguinte forma: as mulheres organizaram-se e declamaram o poema em trios, com cada uma lendo uma estrofe; e os homens organizaram-se da mesma forma, porém, foi combinada a leitura coletiva da última estrofe, em que cada aluno leu um verso, o que provocou uma atmosfera de admiração por parte do grupo quando ouviu a harmonia das vozes performáticas.

Durante a leitura dos poemas, refletimos sobre o conteúdo dos poemas caracterizados por desabafos de dor e de opressão sofridas pelos negros escravos. Discutimos também o conjunto de rimas que enriqueceu o poema, deixando-o com uma sonoridade singular, na qual a autora verbalizou: “Dandara/injuriada/ estuprada/senzala”; “escravização/irmãos”. Foi pontual a observação dos alunos sobre a possibilidade de usar um diploma ou uma arma para derrotar os racistas ou os algozes dos seus antecedentes guerreiros. Nos intervalos de leitura, observamos os recursos expressivos no poema: o ritmo, as repetições e as construções relacionando os termos semelhantes pela apresentação de rimas (“esquisito/grito”; “falo/calor”), a discussão sobre o substantivo “Garganta” que intitula o poema de Estrela D’Alva e a sua função dentro do texto, aprofundando e ampliando nossa reflexão crítico-analítica na interpretação do texto poético.

Os alunos releeram o poema em voz alta, com respeito ao ritmo, à pontuação e à sequência lógica do texto, buscando apreender o que Estrela D’Alva expressa em seu poema,

quando relacionou os termos “dando adeus” e “dando a Deus”; “sem Vós” e “com voz”. Associando o primeiro termo como a uma despedida, o segundo com a referência divina “Deus” (pelo termo veio iniciado pela letra maiúscula), os alunos disseram que “sem Vós” estava relacionado com Deus e que a expressão “com voz” se refere ao substantivo abstrato voz, que é o tema tratado no texto. Vejamos a seguir as ações pedagógicas da quinta OLS.

Quadro 06 - Quinta oficina literária *Slam*

QUINTA OLS (4horas/aula)			
Motivação	Introdução	Leitura	Interpretação
<p>Acolhida: “Poesia e açaí: minha <i>performance</i> construo aqui!”</p> <p>Poema “Menina Melanina” de Mel Duarte, em cartaz.</p> <p>Lido em voz alta por um convidado especial (adequação da <i>performance</i> poética).</p>	<p>Conhecer a biografia da organizadora da Antologia.</p> <p>Provocar um debate sobre o tema vocalizado no texto poético “Menina Melanina” identificando um problema secular que é a solidão da mulher negra.</p>	<p>*Rodízio de leitura dos poemas reescritos da antologia (círculo de leitura)</p> <p>*Os poemas relidos serão assistidos via <i>Youtube</i> para a constatação da <i>performance</i> das poetisas durante a declamação.</p> <p>Blog “Sociedade dos Poetas Subversivos” - Letras de Poemas Apresentados no Slam Resistência. Disponível em: http://sociedadedospoetaslivres3.blogspot.com/ Elenco de temas relevantes que favoreçam a reflexão.</p>	<p>Registro das reflexões acerca dos temas discutidos.</p> <p>Produção de poemas <i>Slam</i> em trios.</p> <p>Socialização e oralização dos poemas produzidos.</p> <p>Reescrita dos poemas e oralização com ênfase na <i>performance</i> poética.</p>

Fonte: Elaboração da autora

Nossa motivação para a quinta oficina foi a acolhida “Poesia e açaí: minha *performance* construo aqui!”. Foi exposto um cartaz com o poema “Menina melanina” ilustrado com a fotografia da autora e adocicado com o balde de sorvete sobre uma mesa, e num momento superdescontraído e provedor dos incentivos para as descobertas de novas vivências de leitura começamos a explorar o texto poético, ao sabor de açaí. Os alunos teciam comentários entre si sobre as poetisas *slammers*, cujas fotos ilustravam seus poemas.

Em seguida, iniciamos a OLS com o poema “Menina melanina”, de Mel Duarte, lido em voz alta e performado por mim. Após esse momento, escrevi o poema seguindo o esquema (o mesmo utilizado anteriormente, que foi elaborado por nós). Em seguida, os alunos

apresentaram suas *performances* leitoras, com as estrofes que mais lhes chamaram a atenção. Metade dos alunos leu o poema (por estrofe), com a utilização dos mecanismos do esquema, dando ênfase na postura performática, o que trouxe maior vivacidade ao poema.

No entanto, alguns jovens estudantes, em virtude de certa timidez, não conseguiram na primeira tentativa realizar a *performance* desejada. Outros já arriscaram a modificação da voz, porém, alguns hesitaram em praticar a alternância vocal por medo, timidez e mesmo uma inexperiência com essa “nova” forma de ler poemas (pelo menos, até onde indagamos esse modo de ler era novo para eles). Essa leitura exige o corpo e a voz, e ambos precisam estar em harmonia.

Parabenizei a todos pela participação, realizando, em seguida, a leitura compartilhada da biografia de Mel Duarte. Nesse momento, provoquei uma breve reflexão-ação sobre o tema vocalizado pela poeta Mel Duarte, no texto “Menina melanina”, poema que retrata a revolta conjurada pelo eu-lírico-poético-político de idealizar o corpo negro homogêneo:

Passou por INCERTEZAS
 Momentos de f-r-a-q u -e-z-a
 Duvidou se há BE/LE/ZA
 No seus olhos escuros,
 Seu cabelo encrespado,
 Sua pele tom noturno,
 Seu g-i-n-g-a-do e-r-o-t-i-z-a-d-o.

ALGUMAS por CO/MO/DIS/MO não se informam, nem vão atrás
 Pra saber da HERANÇA que carregam da força de seus AN/CES/TRAIS!
 Preferem acreditar que o bom da vida... é ter um belo corpo e... r-i-q-u-e-z-a
 E que chegará ao ápice de sua carreira quando se tornar a próxima...
 GLO/BE/LE/ZA.

PRETA:
 Mulher BO/NI/TA é a que vai a LUTA!
 Que tem opinião própria e não se assusta...
 Quando a milésima pessoa aponta para o seu CABELO e ri...
 Dizendo que ele está “em pé”

E a i-g-n-o-r-â-n-c-i-a dessa coitada não a permiti ver.
 EM PÉ, ARMADO, FO/DA-SE! Que seja! (DUARTE, 2016, p. 11).

Coube, nesse momento, o resgate da memória de nomes das mulheres negras: Dandara, mulher de Zumbi dos Palmares, que lutou contra o sistema escravocrata; Maria Firmina dos Reis, primeira romancista brasileira a ter um livro publicado no país; Antonieta de Barros, primeira deputada estadual negra no país; Carolina Maria de Jesus, autora de “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, entre outras mulheres negras que foram resistências na luta contra as desigualdades, seguindo por um caminho de luta e de buscas por

seus direitos. Essas e tantas outras mulheres negras que desconhecemos abriram os caminhos para tantas lutas e esperanças.

Na sequência, estabelecemos a formação de três grupos para realização de uma pesquisa sobre mulheres negras que se destacaram (ou ainda se destacam na atualidade), por suas vivências de luta em prol dos seus direitos. Após a formação dos grupos, nos encaminhamos ao balde de sorvete para refrescarmos as palavras que em breve seriam vozes poéticas se equilibrando por meio de uma *performance* literária.

Por meio dos celulares, utilizados em grupos, pois nem todos puderam trazer o seu aparelho, acessamos o *blog* “Sociedade dos poetas subversivos”, com letras de poemas apresentados no Slam Resistência, e elencamos temas relevantes que favoreceram nossas reflexões, registrando nossas impressões sobre cada uma das situações do cotidiano em que as poetas *slammers* denunciam e/ou confessam nos seus poemas. Após os registros das impressões acerca dos temas abordados pelas poetas (liberdade de fala), lancei o desafio da produção de poemas em trios, cujo título seria “Quando soa a minha voz”. Sendo assim, abordamos questões de como é bom poder falar da gente, do mundo, dos problemas e de como é importante sermos ouvidos, sendo melhor ainda quando somos compreendidos.

Depois, dividimos a turma em sete grupos, com cada um produzindo uma estrofe que teria como suporte o título proposto por nós. Então, lancei uma pergunta-desafio e fomentadora da produção, que era a seguinte: Se temos esse presente divino que é nossa voz, por que não falar ao mundo sobre nossos sentimentos ou nossos anseios? Vamos seguir o exemplo das poetas *slammers* negras ou vamos deixar nossa voz asfixiada? Os estudantes entreolharam-se e ficaram à vontade para formar seus grupos. Cada grupo pegou sua folha com o título do poema, socializou entre si, anotou as perguntas norteadoras para a produção do poema, ficando à vontade para ler mais poemas dispostos no varal.

Na sequência, combinamos que a leitura performática dos poemas produzidos por eles seria realizada na próxima e última Oficina Literária Slam. No entanto, devido à fatalidade da pandemia de Covid-19, as aulas foram suspensas e a nossa sexta OLS sofreu um impacto inesperado, pois só voltamos a ter contato com nossos alunos do Ensino Fundamental a partir do mês de setembro de 2020, de modo remoto e contando com a metade dos estudantes que tinham participado nas oficinas anteriores. Por isso, diante de tal fato, precisamos nos replanejar para obtermos um retorno das produções dos nossos alunos. Embora muitos se ausentassem da cidade, conseguimos, com autorização da gestão escolar, permissão para entrar em contato com os pais para tornar possível a participação presencialmente, mas seguindo todas as restrições possíveis. Portanto, a sexta OLS sofreu uma pequena mudança

quanto à dinâmica elaborada inicialmente. Diante das circunstâncias, tivemos que flexibilizar as ações pedagógicas, para encaixar nossos alunos na realidade que estamos vivendo.

Ressaltamos também que buscamos formas criativas de mobilizar mais uma vez o estímulo dos alunos, para conseguirmos dar continuidade ao nosso projeto de pesquisa e realizar a última OLS, mobilizando novamente as vivências de leituras de poesias na modalidade *slam*. Assim, demos continuidade à construção e efetivação do letramento literário. Com todo o cuidado (seguindo as normas de saúde para a pandemia de COVID-19) que o momento pede, trouxemos os alunos à escola para a culminância do nosso projeto de pesquisa. Assim, conseguimos realizar a última OLS e reunir as estrofes produzidas em grupo no penúltimo encontro (que foi a quinta OLS realizada antes da pandemia de COVID-19).

Durante as OLS, conseguimos trazer à cena o poder da palavra poética, mostrando como ela apresenta uma linguagem de grande potência estética e carregada de significados (POUND, 2014). Acreditamos que para escrever poesia é preciso perseguir diariamente na leitura de poemas. Ler e apreciar poemas, de modo geral, na escola ajuda na motivação e na produção de textos poéticos. Além disso, com a poesia, aprendemos a lidar nossas emoções humanas, pois ela pode trazer à nossa alma outras dimensões que só a arte é capaz de despertar. Nesse sentido, propomos analisar os poemas produzidos pelos alunos. Vejamos a seguir o desenvolvimento das ações pedagógicas, mesmo diante de dias letivos tão atípicos, em virtude da pandemia de COVID-19:

Quadro 07 - Sexta Oficina Literária *Slam* (culminância)

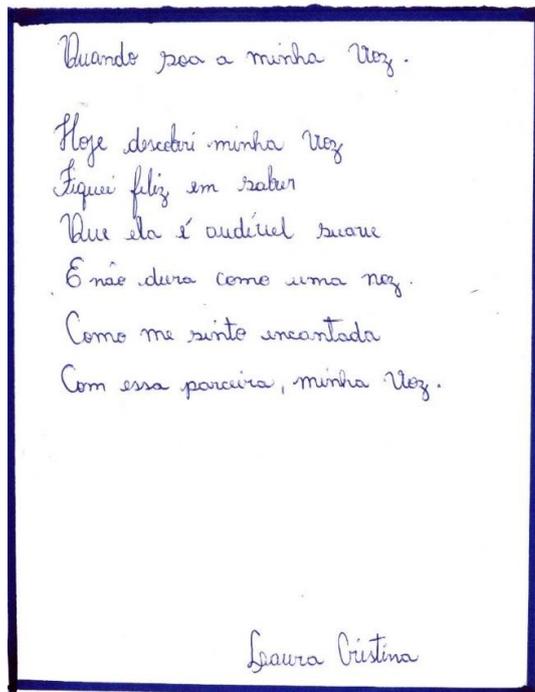
SEXTA OLS (3 HORAS/ AULA)			
Motivação	Introdução	Leitura	Interpretação
Ambiente pedagógico: Praça Central da cidade. Acolhida: Poesia <i>Slam</i> com pizza e sorvete. Leitura performática do poema de Roberta Estrela Dalva “Lute Sem Perder a Ternura”. Lido (lido pela professora).	Socialização sobre a produção das estrofes e das dificuldades encontradas.	Reescrita das estrofes na elaboração do poema Leitura individual do poema produzido. Releitura do poema produzido coletivamente e ordenados em estrofes, caracterizando uma produção coletiva de poemas.	Oralização do poema produzido pela turma. (em trios) e registrada em vídeo-minuto. Registro oral e reflexivo sobre a experiência com a produção do poema e a <i>performance</i> do grupo.

Fonte: Elaboração da autora

Para a realização da última OLS, enviamos os convites-documentos aos responsáveis dos nossos alunos, para efetivar a participação de modo presencial. Mediante toda a segurança necessária que o momento requer, como o uso de máscaras, álcool em gel, distanciamento entre os participantes e ambiente arejado, pudemos contar com a participação de sete alunos. Além disso, conseguimos recolher as estrofes dos poemas que eles haviam produzidos na penúltima OLS, em março de 2020, antes do Decreto Lei, que exigia o isolamento social por causa da pandemia COVID-19. Assim, pudemos revisar os textos, montar os poemas e promover as leituras performáticas.

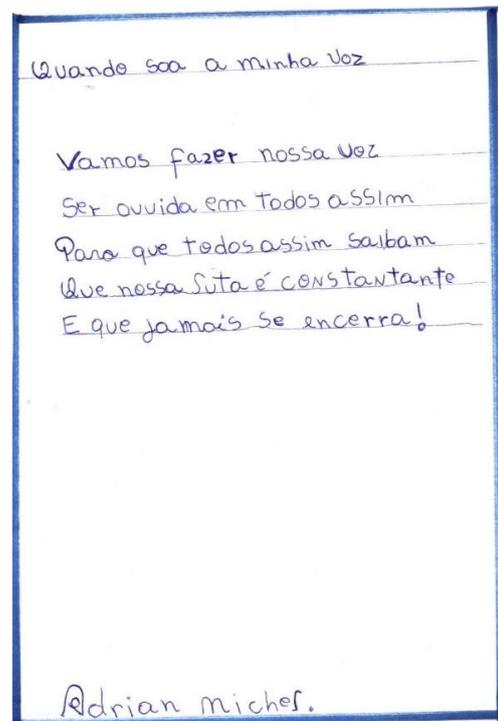
Vejamos a seguir os poemas *slam* produzidos pelos alunos:

Figura 6- produção de poema



Fonte: gerado nas OLS

Figura 7- produção de poemas



Fonte: gerado nas OLS

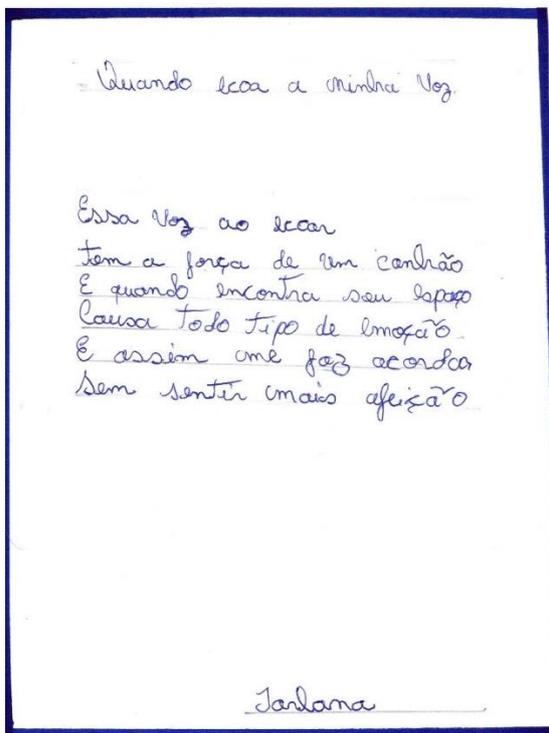
Conforme combinado na quinta OLS, os poemas apresentam os mesmos títulos. Essa foi uma estratégia articulada por nós, visando promover uma motivação, pois essa frase incentivadora seria a porta de entrada para a feitura dos poemas. Sendo assim, cada aluno foi compondo seu poema e dando mais significado à sua produção. No entanto, a leitura não foi realizada com a *performance* esperada por nós, já que com a quebra no tempo (com a suspensão das aulas) muitos perderam aquele ritmo inicial de estímulo necessário à realização

da *performance* vocal. Porém, seguimos firmes com as nossas ideias de incetivar a leitura performática dos poemas.

Trancrevi o texto para um cartaz à medida que eles iam lendo para mim. O objetivo era que percebessem a musicalidade das rimas, o ritmo do poema. Então, pedi que relessem cada vez que as rimas soavam dissonantes, no intuito de conseguir resgatar um pouco da sonoridade dos nossos leitores literários. Contudo, os alunos ainda se encontravam um pouco desanimados, desmotivados pelo afastamento súbito da escola, além das circunstâncias e muitas dificuldades que a pandemia de COVID-19 impõe.

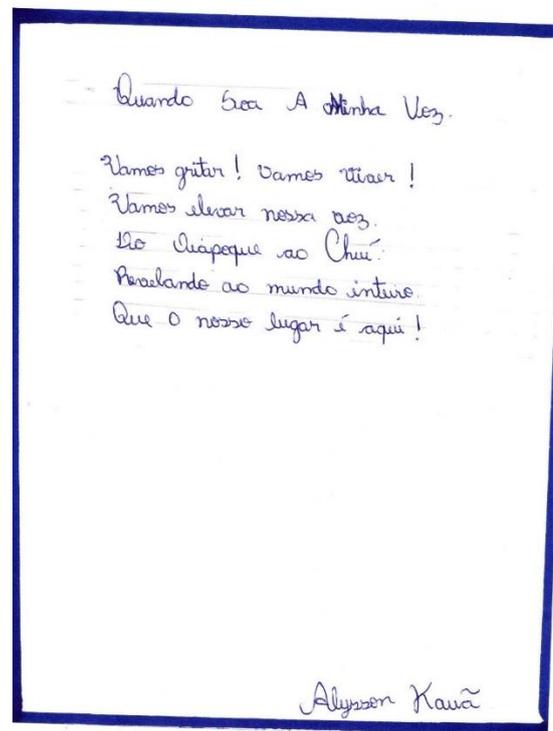
Mesmo assim, eu tinha as produções em mãos e parabeneizei-os pela força de vontade de estarem mais uma vez comigo na escola, juntos na construção dos nossos saberes. Vejamos mais exemplos de poemas, a seguir:

Figura 8- produção de poema

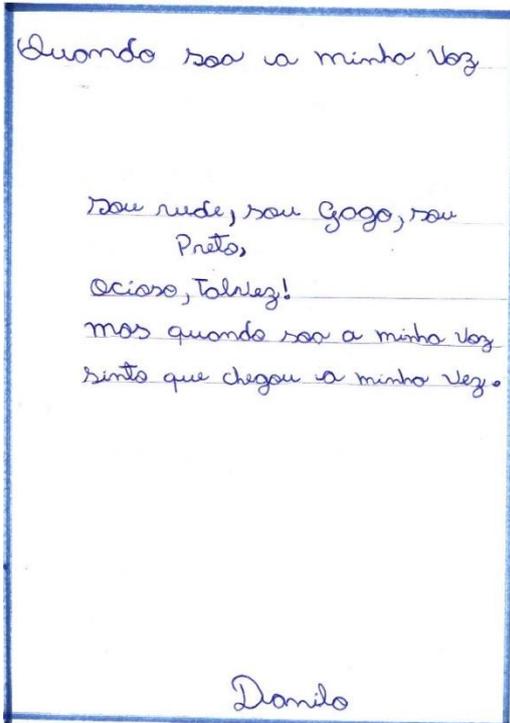


Fonte: gerado nas OLS

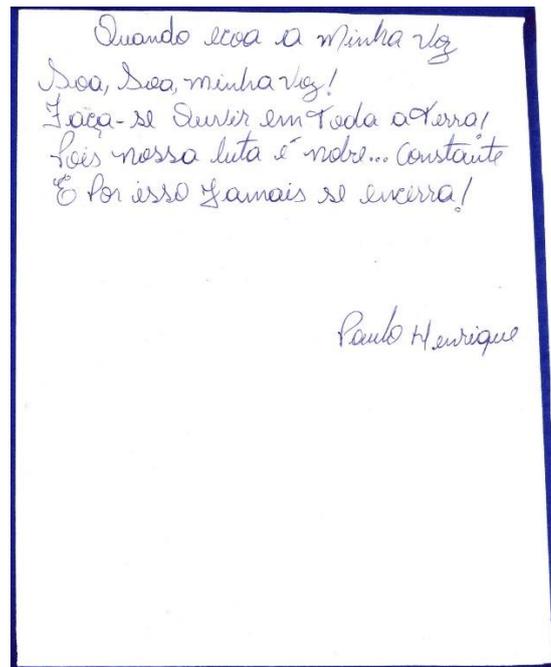
Figura 9- produção de poemas



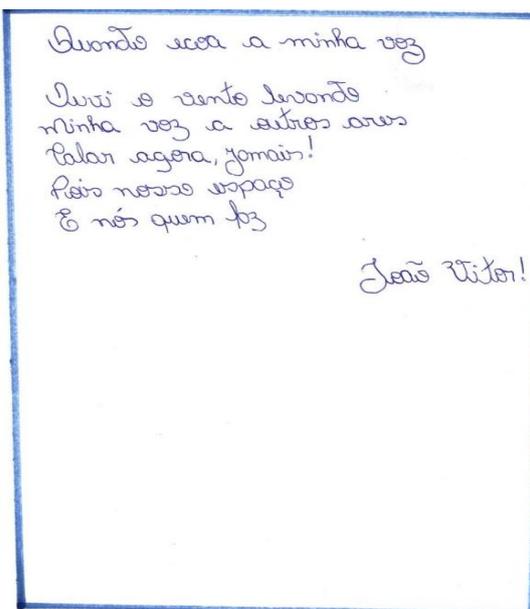
Fonte: gerado nas OLS

Figura 10- produção de poema

Fonte: gerado nas OLS

Figura 11- produção de poema

Fonte: gerado nas OLS

Figura 12- produção de poema

Fonte: gerado nas OLS

Propomos uma análise dos textos produzidos pelos alunos, lembrando que a leitura performática de poesia *slam* é o nosso foco, e não a produção escrita. Porém, concordamos que a leitura e a escrita devem andar juntas para, assim, compreendermos como nossos alunos utilizam a linguagem escrita para registrar suas impressões de mundo.

Reconhecendo que os poemas apresentam suas marcas linguísticas e as visões de mundo que os alunos comunicam, destacamos que não interferimos na correção gramatical dos textos. Ainda sobre os poemas, verificamos que o uso da primeira pessoa do singular é predominante nos poemas.

Observamos em um dos textos, produzido por João Victor, um verso que diz “nosso espaço é nós quem faz”, o que evidencia a linguagem coloquial bastante empregada nos poemas *slams*. Apesar de tratar da linguagem “falada”, explicamos que a norma culta e padrão da gramática não aceita tal construção. Porém, como há uma licença poética nos poemas, o verso poderia ficar da maneira como fora escrito inicialmente. Também podemos verificar na quarta estrofe uma pitada do efeito de humor. Danilo, se apresenta “Sou rude, sou gago, sou preto, ocioso, talvez”, sem pudor, sem embaraço algum, identificando-se como alguém que se aceita como é.

Figuras de linguagem nos versos “Essa voz ao ecoar tem a força de um canhão”, de Jarlana, “Ouvi o vento levando minha voz a outros ares”, de J. Vítor, e “Vamos elevar nossa voz do Oiapoque ao Chuí”, de Alisson, também estão presentes no poema, trazendo-nos a certeza de que, mesmo de forma fragmentada, nossos alunos reconhecem o efeito de sentido na escolha de determinadas expressões presentes no texto. Trata-se de um conhecimento que foi construído durante as oficinas de leitura.

Durante as práticas de leitura performática, os alunos que participaram das OLS antes da pandemia de COVID-19 puderam sentir como a pontuação no texto, as reticências e o ponto de exclamação podem trazer efeitos de sentido em um poema, conferindo mais entonação e exigindo do leitor uma postura mais performática. Essa constatação foi singular na realização da sexta OLS, com os sete alunos que representaram os demais. Destacamos também que foi muito importante a forma como reconheceram que a rima é componente essencial do poema, pois confere sonoridade e ritmo ao poema. Portanto, levá-los à releitura do próprio texto identificando esse diálogo entre rimas foi fundamental para a percepção da musicalidade e do ritmo do poema, fazendo-os mergulhar numa *performance* leitora necessária à sua formação de leitor poético e competente.

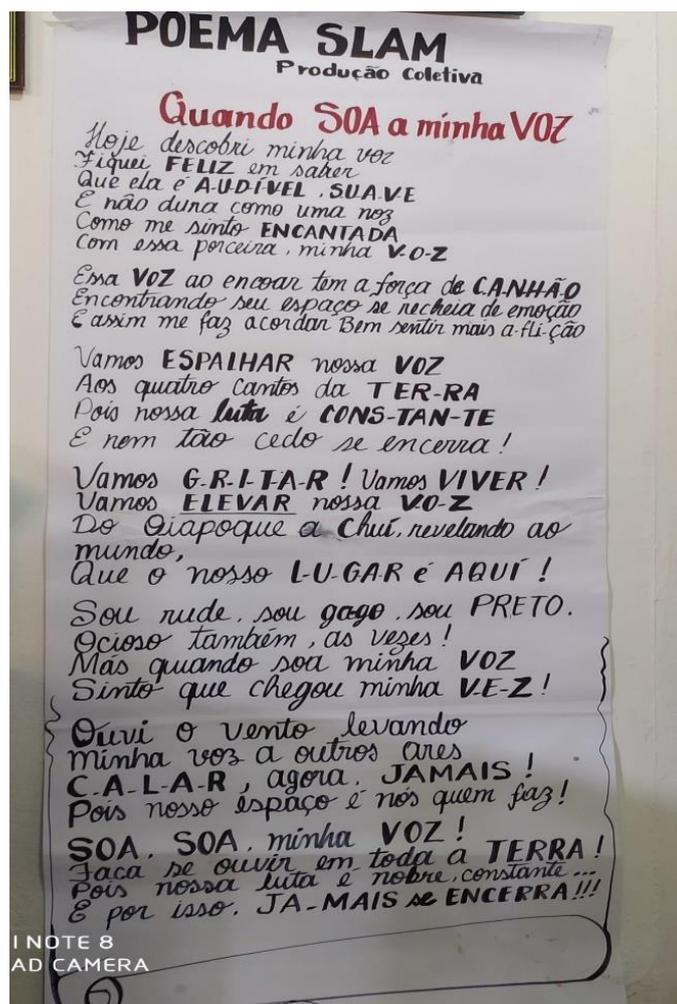
A estrofe produzida por Laura revela a capacidade dos alunos de estabelecer relação entre a ideia da audição de sua voz e os argumentos utilizados para sustentá-la: “Hoje,

descobri minha voz/ fico feliz em saber/ que ela é audível, suave/ e não dura como uma noz!”. Nesse contexto, os alunos mobilizaram a capacidade de estabelecer nessa estrofe uma relação lógico-discursiva por meio da conjunção “como”, identificando como uma exploração de recursos de coesão textual.

Após as leituras performáticas, fizemos comparações entre os textos produzidos pelos alunos com os textos das poetisas *slamers*. Concluímos que os textos tratam das mesmas temáticas, falam dos sentimentos humanos, expressam o desejo de sermos ouvidos, compreendidos e aceitos do jeito que somos, com as nossas diferenças, que nos fazem singulares no mundo. Tudo isso é necessário para a construção de conceitos que combatam preconceitos.

Vejamos a seguir a transcrição, em cartaz, do poema *slam*, fruto da produção coletiva dos alunos, na qual pudemos fazer as combinações das palavras para obter melhor sonoridade:

Figura 13—Produção coletiva do poema



Fonte: reproduzido pela autora

Sendo o texto literário um expoente transformador e humanizador que ajuda nossos alunos a construir conhecimentos, experimentar novas ideias e sentimentos, fez-se necessário o processo de reescrita do poema, que passou por duas alterações para se aproximar mais ainda da linguagem poética. Essa intervenção foi feita pelos alunos, quando os indagava sobre possíveis mudanças no texto para torná-lo mais atraente e assim ampliar suas possibilidades como construtor da cultura letrada por meio da linguagem escrita, para partilhar informações de forma mais dinâmica. Dessa forma, foi feito o reconhecimento de algumas falhas no texto para, assim, ampliar seu vocabulário e definir o contexto de produção e seus sentidos.

REESCRITA DO POEMA *SLAM* (produção coletiva)

Quando SOA a minha VOZ

Hoje descobri minha voz!
 Fiquei FELIZ em saber
 O que ela é AU/DÍ/VEL, SU/A/VE
 E não DURA como uma noz
 Como me sinto EM/CAN/TA/DA
 Com essa p-a-r-c-e-i-r-a... minha VOZ!

Essa VOZ ao ecoar
 Tem a força de CA/NHÃO
 Encontrando seu espaço...
 Se recheia de e-m-o-ç-ã-o
 E assim me faz ACORDAR
 Sem sentir mais a-f-l-i-ç-ã-o

Vamos ESPALHAR nossa VOZ
 Aos q-u-a-t-r-o cantos da TER/RA
 Pois nossa luta é CONS-TAN-TE
 E nem tão cedo... se encerra!

Vamos GRI/TAR! vamos VIVER!
 Vamos E/LE/VAR nossa VOZ
 Do Oiapoque... ao Chuí,
 REVELANDO ao mundo i-n-t-e-i-r-o
 Que o nosso LU/GAR é AQUI!

Sou RUDE, sou GA/GO, sou PRE/TO.
 Ocioso também, às vezes!
 Mas... quando soa a minha VOZ

Sinto que chegou minha V-E-Z!

Ouvi o vento levando
Minha VOZ a outros ares
CA/LAR, a-g-o-ra, JÁ/MAIS!
Pois nosso espaço é nós quem faz!

SOA, SOA, minha VOZ!
Faça se ouvir em toda a TERRA!
Pois nossa luta é nobre... c-o-n-s-t-a-n-te...
E por isso, JA-MAIS se EN/CER/RA!!!

A primeira reescrita foi feita coletivamente no momento em que os alunos liam e reliam suas estrofes produzidas e eu as transcrevia para o cartaz. A cada estrofe buscamos refletir sobre a disposição das palavras e dos versos. Desse modo, íamos aceitando as sugestões uns dos outros para tornar o texto mais elegante. Após a primeira reescrita, lemos mais uma vez o poema, sendo que cada aluno poderia escolher a estrofe que mais lhe chamasse a atenção. Essa releitura não exigia regras, podendo começar de qualquer parte do texto, pois a intenção era prender a atenção dos colegas para acompanhar o leitor, já que aqueles seriam o próximo a ser “dono” da palavra, ou melhor, da poesia.

Quanto à construção das rimas, foi necessário substituir algumas expressões: buscamos sinônimos para reconstruir o significado do texto, reescrevendo, relendo e experimentando a sonoridade adquirida mediante a intervenção escrita. Assim, o poema coletivo, respeitando a produção individual de cada grupo, foi composto por sete estrofes, a maioria (quatro) composta por quatro versos e com rimas predominando no segundo e quarto versos, duas estrofes com seis versos com rimas no terceiro e sexto, enquanto na outra estrofe as rimas já aparecem no segundo e sexto verso, porém sem perder a sonoridade e a coerência. Temos ainda uma estrofe com cinco versos, com rimas no terceiro e sexto.

Ao término da leitura performática do poema reescrito e durante nosso lanche na praça da cidade, agradei a todos pela preciosa participação e dei-lhes como lembrança o poema produzido por eles na forma impressa. Depois, pedi-lhes que o fixassem perto da cabeceira da cama, para que não se esquecessem de que são pessoas capazes de transformar o mundo se tivessem consciência disso. Prometi ainda que, quando voltássemos às aulas em 2021, cursando um novo ano, no modelo remoto, híbrido ou presencial, iríamos ter vários encontros literários com poesias *slam* envolvendo toda a comunidade escolar.

Diante do último encontro na OLS, sentimos que a pandemia de COVID-19 trouxe algo diferente muito além do pedagógico. Testemunhamos que nossos alunos estão mais

solidários uns com os outros, mais cuidadosos com a vida, com mais desejos de se socializar. Também notamos a ampliação da visão de mundo, quando o diálogo entre nós se estabeleceu de forma mais compreensiva e calma durante os momentos de comunicação na reescrita do texto poético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas considerações finais não querem fechar nenhuma das diferentes possibilidades de aprendizagem a partir das poesias de *slam*, no Ensino Fundamental, pois na seara literária nada pode ser de muito conclusiva. Por isso, as práticas com o ensino de poesia não cessam nesta pesquisa, ainda mais quando finalizamos nossas pesquisas em meio à pandemia de COVID-19, o que mudou um pouco a configuração das propostas finais das atividades, nos obrigando a adaptar à realidade do momento. Sendo assim, acreditamos que o trabalho com a poesia *slam* não pode parar neste trabalho, tendo que continuar nas nossas práticas pedagógicas e nas ações da escola.

Além disso, acreditamos que as cenas literárias mais plurais e periféricas devem estar presentes na sala de aula, ampliando o letramento literário dos nossos alunos, quando estes, apossados dessas valiosas ferramentas, se sentem capazes de reconstruir a si mesmo e ao mundo à sua volta.

Na realização deste trabalho, que teve como objeto de estudo a poesia *slam*, configurando-se como instrumento facilitador da *performance* leitora dos alunos do ensino fundamental, buscamos traçar o perfil dos jovens estudantes e as suas relações com poesia, com a leitura literária. Assim, pudemos conhecer um pouco das suas realidades, anseios e opiniões acerca da leitura literária ou poesia. Então, a partir dos dados, verificamos que a leitura de poemas ainda continua muito fragmentada no espaço escolar, o que pode significar um afastamento em relação à poesia, mas acreditamos

Mediante as constatações, buscamos como aliada a pesquisa-ação uma dinâmica dialógica com a sequência básica do letramento literário (COSSON, 2018), as estratégias de leitura propostas por Solé (1998), compilando-as nas Oficinas Literárias *Slam* (OLS) de mulheres negras, protagonistas das cenas plurais periféricas em vários estados brasileiros, cujo texto sensibilizou, alertou e despertou nos nossos alunos a curiosidade para esse estilo ou modalidade de poesia em que o corpo, a voz e a alma denunciam violências sociais contra as mulheres negras. Estas, empoderadas pela literatura, pela palavra poética, expressam poemas que abrem espaço para um engajamento maior dos nossos alunos que, de certa forma, se identificaram com essas vozes.

Constatamos também, que parte dos nossos alunos vive à margem da leitura literária. Muitos não têm acesso à literatura, outros ficam pelos cantos das salas de aula, devido ao medo ou à vergonha de estarem entre as crianças menores e cursando o mesmo ano quando, na verdade, já poderiam estar bem mais à frente nos seus estudos. São vários os fatores de não

acesso à leitura literária, mas foi face a face com esse contexto que a poesia *slam* foi reconhecida pelos alunos como "palavras que lavam a alma".

Durante a realização das OLS, contemplamos com maior eficácia, no eixo da leitura literária, a oralidade e as sete dimensões denominadas estratégias e procedimentos de leitura e adesão às práticas de leitura literária, a favor de estabelecer um diálogo com a sequência básica do letramento literário de Cosson (2018). Esse diálogo com as sequências básicas do autor supracitado facilitou a compreensão e a tomada de decisão frente aos textos lidos, quando os alunos desvendaram a legitimidade da leitura na poesia *slam*.

Nossas OLS no eixo oralidade possibilitou aos nossos alunos o início de uma superação da gigante dificuldade de se expressarem em sala de aula, visto que não se sentiam à vontade para exteriorizar suas falas. Dessa maneira, as OLS possibilitaram aos nossos alunos uma dinâmica de leitura literária não linear, pois, ao mesmo tempo em que liam ou ouviam um texto, já podiam acessar a internet no canal do *YouTube* e realizar outras leituras que abordassem o mesmo tema.

A dor das mulheres negras gritada por meio de poesia *slam* levou os alunos a refletir sobre o poder da linguagem falada, da oralidade e a ênfase dada ao verbal-vocal em determinados momentos, os gestos, os movimentos do corpo, a voz etc., ou seja, a *performance* leitora fez com os alunos percebessem que a poesia pode ser uma pele, pois transpira dor, solidão, tristeza, mas também flui de dentro para fora. A poesia pode ser a esperança de dias melhores como a igualdade social, o respeito às diferenças, o empoderamento feminista etc. É a poesia transformando a consciência dos seres humanos, quando estes estão dispostos para ela.

Além disso, os alunos compreenderam os efeitos da sonorização dos textos lidos em sala de aula, em que há inúmeras possibilidades da escrita poética, do texto oral, das palavras que dão ênfase a determinados aspectos das camadas sonoras de um poema, por exemplo, volume, tom de voz, timbre, alternâncias na ênfase das palavras, o ritmo, as rimas etc. Assim, um novo aspecto de vivências com o texto literário se abre. À vista disso, a *performance* leitora se abre com maior expressividade, conseguindo aprimorar suas relações com os textos de literatura.

No entanto, essa aproximação dos alunos com o texto poético não acontece de imediato, mas faz parte de um processo lento em que o trabalho tem que ser bem planejado. Nesse contexto, nossas ações pedagógicas voltadas às questões de ampliação das habilidades de *performance* de leitura tiveram como suporte ou base a leitura e a produção de poesia na modalidade *slam*. Assim, acreditamos que o planejamento das OLS faz parte de uma

estratégia de encorajamento dos nossos jovens alunos a buscar e ouvir as vozes poéticas, mas também a soltar a sua voz. A poesia *slam* está recheada de expressivos efeitos sonoros, sendo que muitos deles acaloram e incentivam outras vozes “a falar”, pois os jovens ou os adolescentes que frequentam nossas salas de aula, de algum modo, também querem ser ouvidos.

Além disso, a poesia *slam* pode representar relatos de vivência, uma vez que há muita conexão com a certa “realidade” mais periférica. Nas produções de *slam*, há informações de um reconhecimento contadas pelas poetas *slammer* negras. Assim, grande parte dos temas dos poemas trabalhados em sala de aula suscitou diferentes debates e trocas entre os alunos. As histórias dessas mulheres escritoras passaram a despertar também a vontade dos alunos de falarem de si, de contarem suas histórias com menos medo de serem silenciados.

O que mais prendeu a atenção dos alunos foi a forma de expressão (*performance*) das poetas negras, pois as palavras declamadas vinham de dentro para fora, umas com muita força causando revoltas contra atitudes hegemônicas ao longo da história, outras com poder de encantar, como a esperança de um mundo mais íntegro, mais humano, mas todas necessárias no alívio do silêncio combalido. Como célere necessidade na esfera educacional, especificamente no contexto da sala de aula, nós, como educadores, precisamos desenvolver nossas práticas docentes como um ato político, além de pedagógico, para que possamos levar nossos alunos a refletir, questionar, buscar, traçar caminhos, motivar e caminhar junto por meio do uso da linguagem. Assim, estabeleceremos plena interação social, a qual só será possível por meio da leitura literária dinâmica, estratégica e contextualizadora de textos diversos atuais impactantes, promovendo mudanças de comportamento e levando os estudantes a participarem em diversas práticas sociais, com respeito à diversidade e às diferenças de cada pessoa.

A poesia *slam* é um tônico desafiador, pois alguns alunos, que antes não desejavam, não queriam e que pareciam não gostar de ler poemas, agora já buscam a poesia sonorizada, uma vez que vira “voz”, que implica novos ares, novos rumos na literatura etc. Esses alunos, ao sentirem que suas vozes também podem soar, acabaram por se conectar de modo mais emocional com a poesia, pois constataram as vivências que a linguagem poética do *slam* pode proporcionar.

Eu, como professora da escola básica, que vivia presa à má sorte de Alzira e às aventuras de Evangelista e Creusa no seu voo de liberdade no Pavão misterioso, querendo ser “dona do jardim de Cecília Meireles”, ainda me vejo envolta de esperanças para o ensino de poesia na escola. Como docente, quando plenamente mergulhada nessa imensa seara literária,

que independentemente do tempo não morre, não envelhece, constantemente, me vejo transformada. Isso não poderia ser diferente com os alunos, já que a literatura nos “humaniza”, como assevera Candido (2015), ampliando nossa visão de mundo para cuidar daqueles que precisam curar uma miopia imposta pelo tratamento fragmentado que se dá a uma ferramenta tão necessária à vida - a literatura. Sendo assim, precisamos a todo custo evitar o naufrágio dos nossos alunos no silenciamento de suas vozes. A poesia pode ser um caminho viável ou efetivo.

REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA. **A história do Rap**. Disponível em: <<https://ahistoria.info/do-rap/>>. Acesso em: 28 out. 2019.
- ALTENFELDER, A. H. ARMELIN, M. A. Poetas da escola. **Olimpíadas de Língua Portuguesa: escrevendo o futuro**. Caderno do professor. São Paulo: Cenpec, 2014.
- BORGES, Ariel Cristina. Slam: conheça o movimento que promove encontros e batalhas de poesias faladas e está se popularizando no brasil. **The Body Shop**. Disponível em: <<https://www.thebodyshop.com.br/beleza-do-mundo/slam-conheca-o-movimento-que-promove-encontros-e-batalhas-de-poesias-faladas-e-esta-se-popularizando-no-brasil>>. Acesso em: 26 out. 2019.
- BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação, Juventude e Esportes. **Documento Referência para elaboração dos planos de ensino do Estado do Tocantins**. 2018.
- BRASIL, Secretaria de Educação, Juventude e Esportes. **Documento Curricular: Linguagens. Língua Portuguesa, ensino fundamental. (BNCC) para elaboração dos planos de ensino do Estado do Tocantins**. 2019.
- CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Ouro Azul: Rio de Janeiro, 2006.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2018.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2018.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: Um território contestado**. Vinhedo, Editora Horizonte, 2018.
- DALCASTAGNÈ, R. (Org.) R. DUTRA, P. Q. FREDERICO, G. **Literatura e direitos humanos**. Porto Alegre- RS: Zouk, 2018.
- D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o *poetry slam* entra em cena. **Revista Synergies Brésil**. n. 09, 2011. p. 119-126.
- D'ALVA, Roberta Estrela. **Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DE LIMA, Juliana Domingos. O que são slams e como eles estão popularizando a poesia. **Nexo Jornal**. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/12/20/O-que->

s% C3%A3o-slams-e-como-eles-est% C3%A3o-popularizando-a-poesia>. Acesso em 26 out. de 2019.

DIAS, Ana Créelia. **Literatura e educação literária**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018.

DUARTE (org.). **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

DUARTE, Mel. **Negra nua crua**. 2 ed. São Paulo: Ijuma, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FRANCO, Isaquia dos Santos Barros; TESTA, Eliane Cristina. Escolarização da poesia no ensino médio. **Revista Estação Literária**. Londrina. v. 20, p. 204-215, 2018

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo Macedo. **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção**. São Paulo: Cortez. 2006.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams: letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>>. Acesso em: 26 out. 2019.

NEVES, C. A. B. Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, 2017.

ODARA, Norma. Conheça o Slam, a batalha de poesias que tomou as ruas das cidades. **Brasil de Fato**. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/09/05/conheca-o-slam-a-batalha-de-poesias-que-tomou-as-ruas-das-cidades/>>. Acesso em: 26 out. 2019.

PALMAS. Projeto Político Pedagógico Do Colégio Estadual Marechal Ribas Júnior. **Secretaria de Estado da Educação, Juventude e Esporte**. Palmas-TO, 2018.

PALMAS. Referencial Curricular do Tocantins. **Secretária de Educação e Cultura**. Palmas, 2019.

RÁDIO CULTURA FM, 103,3. **Roberta Estrela D'Alva e Tatiana Lohmann estreiam documentário sobre poesia falada**. Disponível em: <<http://culturafm.cmais.com.br/radiometropolis/roberta-estrela-d-alva-e-tatiana-lohmann-estreiam-documentario-sobre-poesia-falada>>. Acesso em: 26 out. 2019.

Ribeiro, Djamila **O que é: lugar de fala?**. -- Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

RODRIGUES, L. S. **Literatura como fonte de humanização, prazer e conhecimento**. PPGEEB/CEPAE/UFG. **Práticas Pedagógicas para Inclusão e Diversidade Jataí**. 2016.

SIVA, P. L. **Percursos linguageiros nos processos e experiências de letramento de jovens participantes do slam interescolar**. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana. Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SOUSA, Marielly Zambianco Soares. Das artes às tarefas de Clio: uma reflexão sobre o movimento Slam. In: **Anais do XIV Encontro de História da Anpuh – MS**. Mato Grosso do Sul, 2018.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop**. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SVITRAS, Caroline. Conheça a poesia Slam. **Conhecimento Prático Literatura**. Disponível em: <<https://conhecimentoliteratura.com.br/conheca-a-poesia-slam/>>. Acesso em: 26 out. 2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

UMA DANNY BECA. **O FEMINISMO NÃO DEVERIA EXISTIR!** Primeiro vídeo Slam Resistência. 2017. (3m25s). Disponível em: <<https://youtu.be/4wBcNE9J0UE>>. Acesso em: 28 out. 2019.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat; Maria Inês de Almeida. Editora Hucitec. São Paulo. 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fener. São Paulo, 2018.

**APÊNDICE I- QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL –
PROFLETRAS**

Objetivo: Conhecer o perfil do aluno/leitor do 8º ano do ensino fundamental objetivando traçar um diagnóstico sobre interação entre família/leitura/ escola.

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

1 - Como é constituída sua família?

- () pai
 () mãe
 () irmãos
 () avós
 () outros _____

**2 – Quando você faz suas atividades escolares, tem acompanhamento de algum familiar?
Se sim, diga quem lhe ajuda nas realizações de suas atividades?**

- () sim () não

3 – Qual a formação de seus pais e/ou responsáveis?

4-Seus pais ou responsáveis costumam ou costumavam ler ou contar histórias para você na infância, e agora na adolescência?

5 – Como é feita as leituras em sua sala de aula?

- () lemos individualmente
 () o professor sempre faz a leitura
 () Há leitura compartilhada entre alunos e professores

6 - Você costuma ler fora do ambiente escolar?

- () sim () não

7 - Que tipo de texto você costuma ler no seu dia -a- dia?

- () livro didático

- paradidático indicados pelo professor
- gibis
- livros evangélicos
- instruções de games
- apenas o que está nas minhas redes sociais

8) Você lê poemas? Se sim, quais poemas costuma ler?

- sim não nunca

9) o que mais lhe chama a atenção nos poemas que você lê?

10) Você já ouviu falar na Poesia Slam? Se sim, onde?

11) Você gosta de escrever poemas? Por quê?

12) Quando seus professores solicitam que você faça leitura em voz alta na sala de aula, quais suas maiores dificuldades?

13) Você consegue se expressar oralmente em público? Seja na sala de aula ou fora dela?

14) Como você acha que a leitura contribui para o seu desenvolvimento?

APÊNDICE II- CONVITE AOS ALUNOS PARA A REALIZAÇÃO DA SEXTA OLS

SECRETARIA DA
EDUCAÇÃO, JUVENTUDE
E ESPORTES

TOCANTINS
GOVERNO DO ESTADO



Avenida Raimundo José Marinho, 798 Centro
Sítio Novo do Tocantins – TO, Tel. (63)3446-1168
Gmail: colegioribasjuniorstto@gmail.com

CONVITE

Senhores pais ou responsáveis, eu, Professora Joselice Pereira Santos, em nome do Colégio Marechal Ribas Júnior, em parceria com a gestão escolar e a equipe pedagógica, venho convidar seu filho/ ou sua filha _____ aluno (a) matriculado regularmente no 8º ano do ensino fundamental para participar do encerramento do projeto de aprendizagem Oficinas Literárias *Slam* (OLS) na Praça Central da cidade. A participação dos mesmos será muito importante para a concretização desse projeto literário, iniciado em março de 2020, e subitamente interrompido pela pandemia Covid-19.

Desde já, agradeço pela compreensão de todos.

IMPORTANTE:

A escola disponibilizará de máscaras descartáveis e álcool em gel para prevenção e higienização dos participantes (alunos) e seus respectivos responsáveis.

LOCAL: Praça Central

DATA: 18 de dezembro.

HORARIO: 18: 30 às 20:30



Diretora escolar

Rita de Castro
Secretária Geral
Mat. Func. 433316-2
Portaria SEDUC Nº 1178 de 15/05/2019



Profª Joselice

Pais ou responsáveis.

ANEXOS - POEMAS LIDO COLETIVAMENTE NAS OLS**Cordel fora do armário- Laura Conceição**

Essa é minha história
Incrível caso vim contar
A poesia hoje minha aflora
Trouxe versos na sacola.
Dizem que sou criativa
Muita gente me incentiva
Surgiu então babado
Pra desfazer malfalado
Eu assumo amar meninas.

A sociedade me apaga
Alguns amigos têm vergonha
Se não minhas cama e fronha
Então, por que te desagrada?
Ó, pátria amada,
Me diz, como entender?
Faça parar de doer
Seus filhos estão amando
E por isso estão sangrando
Enquanto eu falo estão matando
Mais um LGBT

Geralmente me olham estranho
Falam pelos cotovelos
Da minha roupa e do cabelo
Pois ele eu transei com pano
De que te importa quem eu amo?
Excluía-me quando criança

Por meu peso na balança
Cabelo encaracolado
Mas com estilo desleixado
Hoje a menina ainda dança
São muitas meninas,
Vivem em conflito interno
Pois preferem usar terno
Ou às vezes não ter vagina
Então, imagina
Se amar ao ver espelhos
Novo corte de cabelo
Morte e vida Severina
Ainda retiram vidas
No sertão de preconceito

Na sua mente não cresce flor
na minha alma crescem hematomas
Esse é um poema de defesa, não apenas uma afronta
Eu já estou mais do que pronta
Mas eu não nasci pronta
Tive que me lapidar
Imagina quanta coisa eu não ouvi
Por pouco não me vendi
Me ensinaram a me odiar.
Quero amar sem temer
Liberdade ao meu corpo
Perante o mundo todo
Não precisar se convencer
Será que deu para entender?
Cansada de explicar,
Quando isso vai acabar?
Eu sou bem paciente

Sou lésbica, não doente
Então não tente me curar

A mídia diz o que fazer
Mas não sou massa de manobra
A justiça 1 hora cobra
Ninguém vem me defender.
Meu filho vai aprender
A não cair em fina malha
A traçar suas batalhas a não ser um otário
E que dentro de armário
Só As Crônicas de Nárnia

Adolescentes se mataram
Ontem se suicidaram
Amanhã dirão adeus
São letal a hipocrisia
É mortal a transfobia
Até quando o mataram os meus
Para inflar o ego dos seus?
Meu Deus!

(DUARTE, 2019,p.89-91)

Rafael da Silva Lima - NegaFya

Homem menino, aos 17 foi abatido.

Com pai e mãe ausente ele já segurava um pesado pente.

Já experimentou todos os horrores, em sua vida teve poucos amores.

Presenciando briga constante de pai e mãe ele se tornava cada vez mais distante.

Aos 13, sua primeira ação. Fez um assalto, deu tudo certo, aí fudeu!

Ele já tava no crime.

Mas, antes disso, experimentou o árduo trabalho, vendendo picolé na praia, sendo humilhado pra ter aquele dinheiro suado.

Mas o mundo capitalista é perverso, irmão, ele viu os seus amigos ostentando.

Tinha que ter dinheiro para entrar nessa tal ostentação.

Preso várias vezes. A família dele só sentia os desprazeres, preso por um

período de três meses, a família achou que ele sairia dessa vida.

Para o desespero de sua avó esforçada, ele voltou a fazer as tal fitas na madrugada.

Mas aí, parceiro, no mundo do crime não existe amigo. Ele tinha que tá mais que ligado.

Em 16 de janeiro foi fazer uma fita. Dinheiro grande. Divisão por igual? Quem

Disse, os caras cortou no aço. Rafael da Silva Lima é morto com 4 tiros abaixo do braço, quem matou se dizia aliado.

A notícia chega. Todos desesperados. Como avisar sua vó, se ela pode ter um infarto? De repente ela acorda e olham todos calados, e os rostos cheios de lágrimas, ninguém diz nada e ela simplesmente desmaia.

Cemitério lotado de amigos e parentes. Me aproximo do caixão e vejo um rosto sorridente. Vem em minha mente tudo que passamos, os momentos em que brigamos e brincamos. Com tudo isso eu só tenho uma coisa a dizer: primo,

Eu te amo!